

Universidade Estadual de Campinas  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Sociologia

**IMIGRAÇÃO E FUTEBOL:  
O CASO PALESTRA ITÁLIA**

José Renato de Campos Araújo

1996

**José Renato de Campos Araújo**

**Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália**

**Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Departa-  
mento de Sociologia do  
Instituto de Filosofia e Ci-  
ências Humanas da Uni-  
versidade Estadual de  
Campinas, sob a orienta-  
ção da Profa. Dra. Maria  
Tereza Sales de Mello Su-  
arez.**

**Este exemplar correspon-  
de à redação final da dis-  
sertação defendida e  
aprovada pela Comissão  
Julgadora em  
16/8/196**

**Banca:**

**Profa. Dra. Maria Tereza Sales de Mello Suarez**

**Prof. Dr. Michael Mc Donald Hall**

**Prof. Dr. Nicolau Sevcenko**

**Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz**

**AGOSTO/1996**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**Araújo, José Renato de Campos**

**Ar15i**

**Imigração e futebol: o caso Palestra Itália / José Renato de Campos Araújo . - - Campinas, SP : [s.n.], 1996.**

**Orientador: Maria Tereza Sales de Melo Suarez.**

**Dissertação (mestrado) -Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Imigração - Brasil.      2. Futebol - São Paulo (Estado).  
3. Futebol - Aspectos sociais.      4. Sociologia urbana.      I.  
Suarez, Maria Tereza Sales de Melo.      II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.      III. Título.**

*A Manoel e Marisa (meus pais);  
Ana Paula, Maurício e Maria Helena (meus irmãos)  
e a Regina (minha companheira)*

“Matias centrou. A assistência silenciou. Imparato emendou. A assistência berrou.

--- Palestra! Palestra! Aleguá-guá! Palestra! Aleguá! Aleguá!

O italianinho sem dentes com um soco furou a palheta Ramenzoni de contentamento. Mir não podia falar. E ligas saiu de seu ofegante, todo vermelho, todo triunfante, e foi dizer para os primos corinthianos na última fileira da arquibancada:

--- Conheceram, seus canjas?”

**MACHADO, Antônio Alcântara Machado - Corinthians (2) vs. Palestra (1)**

# ÍNDICE

---

**Agradecimentos - pg.1**

---

---

**Introdução - pg.5**

---

---

**Capítulo I - As Numeradas e as Arquibancadas - A Imigração e os Italianos - pg.10**

---

**Contexto da Imigração Italiana no Brasil - pg.10**

**A Imigração e o Contexto Europeu e Italiano - pg.22**

**A Imigração e os Italianos na Cidade de São Paulo - pg.28**

**Origens Étnicas e Associativismo dos Imigrantes Italianos na Cidade de São Paulo - pg. 35**

---

**Capítulo II - O “Referee” - A Imprensa Paulistana como Fonte de Reconstrução Histórica - pg.41**

---

**“O Estado de São Paulo” (OESP) - pg. 45**

**Imprensa e Futebol - pg.55**

---

**Capítulo III - O “Match” - Futebol e Esporte em São Paulo - pg.73**

---

**O Início do Futebol em São Paulo - pg.73**

**O Futebol “Oficial” e o “Varzeano”: Amadorismo e Profissionalismo - pg.84**

**Institucionalização do Futebol em São Paulo - pg.95**

---

**Capítulo IV - O “Team” - O Palestra Itália e sua Trajetória - pg.106**

---

**1915 - pg.112**

**1916 - pg.117**

**1917 - pg.123**

**1920 - pg.134**

**1933 - pg.146**

**1942 - pg.150**

**O Palestra Itália e o Grupo Imigrante - Considerações Finais - pg.157**

---

**Bibliografia - pg.172**

---

## AGRADECIMENTOS

**P**ara a realização deste trabalho contei com o apoio decisivo de várias pessoas e instituições, sem o qual dificilmente chegaria a este estágio de minha carreira profissional e intelectual.

Este trabalho contou com o apoio financeiro do *CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)*, órgão do qual fui bolsista entre março de 1993 e agosto de 1995, e do *FAEP (Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa)*, órgão de fomento à pesquisa da *Unicamp*, que me concedeu um auxílio-ponte na fase de redação desta dissertação, no mês de março de 1996.

Gostaria de agradecer aos funcionários do “*Arquivo do Estado de São Paulo*” e da “*Biblioteca Municipal Mário de Andrade*” pela atenção e o profissionalismo com que me atenderam, durante a fase do levantamento dos dados. Principalmente os da primeira instituição, que passam por um momento de indefinições (durante a minha pesquisa em março de 1995 o *Arquivo* chegou a ser fechado por falta de funcionários), fruto da falta de uma política cultural responsável por parte do governo do Estado de São Paulo.

Outra instituição fundamental para o desenvolvimento deste trabalho e para minha carreira enquanto pesquisador e intelectual (a qual devo boa parte de minha formação nas Ciências Sociais), é o *IDESP (Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo)*, ao qual estou ligado desde 1989, quando ainda cursava o terceiro ano da graduação em Ciências Sociais na *Universidade de*

*São Paulo.* O *IDESP* é responsável pela minha opção em seguir a carreira de pesquisador. Agradeço, em primeiro lugar, a Profa. Dra. Maria D'Alva Gil Kinzo primeira pessoa que acreditou em meu trabalho, abrindo para mim as portas dessa instituição. Outra pessoa fundamental em minha carreira, foi o Prof. Dr. Sergio Miceli Pessoa de Barros, a quem devo o apoio e uma pequena, mas valiosa, orientação, no momento em que decidi estudar o *Palestra Itália*. Nunca esquecerei a leitura, as dicas e o incentivo para um pequeno ensaio sobre o tema dentro do grupo de Imigração do *IDESP*. Obrigado pela generosidade e sensibilidade intelectual, em acreditar que aquelas tolas reflexões pudessem amadurecer e se tornarem uma dissertação de mestrado.

Agradeço também a todo o grupo de Imigração do *IDESP*: Prof. Dr. Boris Fausto (ex-coordenador), também presente à reunião acima citada e a uma outra em que se discutiu o projeto propriamente dito, a quem devo muito pelas observações; José Leonardo Nascimento, um grande incentivador; Oswaldo Truzzi (atual coordenador), Roberto Grün e Maria do Rosário Rolfsen Salles, que acompanharam todo processo de elaboração desta dissertação, apoiando, sugerindo e criticando quando necessário. Também neste grupo, agradeço, em especial, a Célia Sakurai, que além de integrá-lo tornou-se colega de Unicamp e de tema e com quem muitas vezes compartilhei dúvidas e incertezas.

No *IDESP* agradeço, pelo companheirismo e pelo incentivo, aos amigos Rosângela Baptista Cavalcanti, Fábio Kersch, Bruno Speck, Profa. Maria Tereza Sadek, Silvana Barbosa Rubino, Heloísa André Pontes e Fernão Dias Lima, que me

iniciou nos mistérios da informática. Em especial a dois grandes amigos: Rogério Bastos Arantes, companheiro desde dos tempos de “Sociais” e Ricardo Ubiraci Sennes. Agradeço ainda a uma grande amiga, hoje em dia um pouco distante, mas que no início deste trabalho, no *IDESP*, me ajudou muito com sua alegria, Marcela F. V. Camargo. E, em especial, ao amigo Bolívar Lamounier, que apesar da distância de temas, muito me ensina no ofício de pesquisador, pela paciência e por me “liberar” para a redação deste trabalho.

Agradeço ainda a todos os funcionários administrativos do *IDESP*, que certamente me ajudaram em muito: Sandra, Rosana, Cris, Valda, Clóvis, Socorro e Marlene.

Aos amigos do *NEPS (Núcleo de Estudos de Política e Sociedade)*, com quem muitas vezes adentramos as madrugadas discutindo os mais variados temas, que certamente ajudaram-me em minha formação intelectual: Pedro, Tales, Pada, Rogério, Flávia, Sennes, Déia, Demian, Paula, Lilian, Karen, Douglas, Regina, Mônica e Lídia. E pelas dicas quando discutimos o meu projeto.

Aos professores Bela Feldman-Bianco e Michael Hall, pelas críticas e incentivos feitos em minha qualificação.

Por último, agradeço, com especial atenção, a Teresa Sales, minha orientadora que, com paciência e dedicação impressionantes, fez com que este trabalho chegasse ao final, conseguindo o que sempre duvidei, transformar uma pequena idéia e gosto pessoal em um trabalho deste porte.

Obrigado a todos, lembrando que os erros, que certamente existem, são todos de minha inteira responsabilidade.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão sobre uma das faces da construção da etnicidade italiana na cidade de São Paulo. Ou, a participação de uma associação étnica italiana neste processo, envolvendo uma estratégia de reconhecimento social e mudança da imagem do imigrante italiano em São Paulo. O *Palestra Itália*, por atuar no futebol, modalidade esportiva que se tornaria a grande paixão nacional, configura-se numa associação diferenciada no associativismo italiano da cidade. Esse associativismo era marcado por profundas divisões regionais, sendo regra a representação de imigrantes com o corte regional da península itálica. Até a fundação e estruturação do clube o que víamos na cidade era, portanto, uma grande profusão de entidades, agremiações e associações aglutinadoras de lombardos, vênnetos, calabreses, piemonteses, mas nunca de italianos. Entidades com os mais diversos objetivos; mútuas, literárias, recreativas, esportivas, assistenciais entre outros.

Este trabalho tem por objetivo a reconstrução da história do *Palestra Itália* com a finalidade de observar sua atuação e relacionamento com a sociedade paulistana. O período estudado abrange, em linhas gerais, a primeira metade do século XX; a pesquisa realizada inicia-se em 1914, fundação da equipe de futebol, e estende-se até 1942, ano que a associação entra em conflito com a sociedade paulistana, forçando-a mudar sua denominação para *Sociedade Esportiva Palmeiras*.

O texto foi dividido em quatro capítulos temáticos: o primeiro, trata do movimento migratório em geral, com especial atenção ao caso italiano no Estado de São Paulo; o segundo, mostra-nos as características gerais da imprensa paulistana, com ênfase para "*O Estado de São Paulo*" (OESP), e como relatava e entendia o movimento esportivo da cidade; o terceiro, relata-nos a história do futebol paulistano, demonstrando as bases onde se estruturou; e no último, é reconstruída a história do Palestra Itália, entendido como uma associação representativa do grupo italiano junto à uma esfera dominada pelas elites da cidade.

O primeiro capítulo, denominado "*Numeradas e Arquibancadas - A Imigração e os Italianos na Cidade de São Paulo*", recebe este título por demonstrar as origens da sociedade paulistana. Veremos o quanto a imigração foi importante para a constituição da cidade em um grande centro urbano, o peso dos estrangeiros nesta sociedade e como a elite local os entendia aqueles que possivelmente acompanhavam o futebol paulistano, integrando as numeradas e arquibancadas dos estádios onde o *Palestra Itália* atuava.

O segundo capítulo "*O 'Referee' - A Imprensa Como Fonte de Reconstrução Histórica*", tem este título por ser o capítulo em que identifiquei a fonte utilizada para a reconstrução da história do Palestra Itália. "*Referee*" é uma palavra inglesa, que significa árbitro ou pessoa que dá referência<sup>1</sup>, utilizada nos primórdios do futebol brasileiro para denominar os árbitros das partidas de futebol; época onde a linguagem do esporte era importada da Inglaterra, berço da modalidade. Utilizo

---

<sup>1</sup> - Cf. "*The Collins Pocket Portuguese Dictionary*", Edições Siciliano, 1990, São Paulo, pg. 334.

esta expressão para intitulá-lo, pois trata da imprensa, órgão que acompanhava o cotidiano do esporte, e, conseqüentemente, mediadora entre os fatos e o grande público. A imprensa naquele momento, e até os dias atuais, interpreta e julga os fatos ocorridos, muito próximo à atuação de um árbitro numa partida de futebol. Neste capítulo veremos as características da imprensa paulistana durante o período estudado, por ser a fonte dos dados da pesquisa realizada.

O terceiro capítulo, denominado "*O 'Match' - Futebol e Esporte em São Paulo*", é assim chamado por retratar os primórdios do futebol paulistano; a palavra "*Match*" significa em inglês jogo ou partida<sup>2</sup> esportiva, utilizada pela imprensa quando referia-se à alguma partida de futebol. Neste capítulo poderemos perceber como ocorreu a introdução do futebol em terras paulistanas, e como esta modalidade adquiriu características de fenômeno de massas, conseguindo mobilizar a cidade e o país.

No último capítulo, intitulado "*O 'Team' - O Palestra Itália e sua Trajetória*", está o centro do trabalho, onde utilizo-me da pesquisa realizada na imprensa paulistana do período. A palavra inglesa "*Team*" significa time, equipe esportiva, largamente empregada pela imprensa da época; é utilizada pois o capítulo trata da história do *Palestra Itália*, demonstrando como esta associação relacionou-se com a sociedade paulistana do período.

A fonte utilizada para este trabalho são as notícias publicadas na imprensa esportiva paulistana da primeira metade do século XX. Em minha pesquisa foram

---

<sup>2</sup> - Cf. "*The Collins Pocket Portuguese Dictionary*", Edições Siciliano, 1990, São Paulo, pg. 292.

utilizados três periódicos da época, “*O Estado de São Paulo*”, “*O Correio Paulistano*” e “*A Platéia*”, nos anos 1915, 1916, 1917, 1920, 1933 e 1942 (a explicação sobre a escolha destes anos está desenvolvida no capítulo 2).

Ao todo, foram selecionadas 779 notícias, depois de uma leitura minuciosa das seções esportivas diárias destes periódicos nos referidos anos. Estas matérias jornalísticas foram classificadas por temas e agrupadas por ano, para que a análise do conteúdo fosse factível.

A distribuição temática das notícias catalogadas durante a pesquisa está demonstrada na Tabela 1 do capítulo 4; é importante frisar que poderiam ser classificadas em mais de um tema, dependendo da abrangência de assuntos abordados numa única matéria. A soma dos totais de cada tema será, portanto, superior ao total de matérias catalogadas (779). Estas notícias foram arroladas seguindo alguns assuntos que interessavam aos objetivos deste trabalho, isto é, todas as notícias que versavam sobre o *Palestra Itália* e matérias sobre o desenrolar do futebol na cidade e no estado. A meta foi acompanhar a trajetória desta associação e o desenvolvimento do futebol enquanto modalidade esportiva que atraía uma enorme atenção dentro da cidade de São Paulo.

Para tornar possível a análise dos dados catalogados, elaborei para todas as notícias uma ficha padrão, com os seguintes campos: DATA, da notícia; NOTÍCIA, resumo contendo os principais fatos; TEXTO, transcrição literal das notícias consideradas relevantes; JORNAL, indicação do periódico; TEMA, catalogação temática da matéria; OBSERVAÇÃO, utilizado para alguma nota ou interpretação.

tação da notícia. Portanto, foram elaboradas 779 fichas que foram transcritas para computador utilizando o programa "NOTEBOOK", capaz de armazenar estas informações e, posteriormente, cruzar os dados das notícias, por ano, periódico e tema.

# CAPÍTULO 1

## NUMERADAS E ARQUIBANCADAS A IMIGRAÇÃO E OS ITALIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO

### CONTEÚTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

**A** imigração de estrangeiros para o Brasil é um fenômeno que se iniciou na segunda metade do século XIX e estendeu-se até meados da década de 20 deste século, enquanto fenômeno de massas. Neste período o contingente de imigrantes de diversos países atingiu o montante de 3.246.376 de pessoas, com destaque para italianos, espanhóis, portugueses, alemães, japoneses, sírio-libaneses, como indica a tabela I.

TABELA I  
MOVIMENTO GERAL DA IMIGRAÇÃO, SEGUNDO AS  
NACIONALIDADES (1884/1923)\*

NACIONALIDADES	EFETIVOS DECENAIS				TOTAL
	1884/1893	1894/1903	1904/1913	1914/1923	
ITALIANOS	510.533	537.781	196.521	86.320	1.331.155
ESPAANHÓIS	103.116	102.142	224.672	94.779	524.709
PORTUGUESES	170.621	157.542	384.672	201.252	914.087
ALEMÃES	22.778	6.698	33.859	29.339	92.674
JAPONESES	---	---	11.868	20.398	32.266
SÍRIO-LIBANESES	93	602	3.826	1.145	5.666
TOTAL DE IMIGRANTES**	883.668	852.110	1.006.617	503.981	3.246.376

Fonte: Repertório Estatístico do Brasil - Quadros Retrospectivos nº 1 - Separata do Anuário Estatístico do Brasil - Ano V - 1939/1940 - IBGE - 1941..

\* - Os elementos do quadro foram fornecidos pelo Departamento Nacional de Imigração.

\*\* - A linha "TOTAL DE IMIGRANTES" representa o total de imigrantes do período, e não a somatória das referidas etnias da tabela; já a coluna "TOTAL", representa a quantidade de imigrantes de cada uma no período, portanto é a soma das linhas que representam cada etnia.

Eles representavam uma rica fonte de mão-de-obra, num país que passava por um processo de implantação do trabalho livre e necessitava de muitos braços para manter seu modelo econômico agro-exportador. Como sabemos, a economia pré-industrial brasileira estruturou-se em ciclos econômicos baseados na monocultura de produtos primários, como a cana-de-açúcar, o algodão e o café. Estes eram supridos de mão-de-obra pela escravidão de negros africanos e, na segunda metade do século XIX, o modelo escravocrata dava claros sinais de enfraquecimento, com o impulso do movimento abolicionista e a promulgação de leis abolicionistas.

A imigração iniciou-se já na primeira metade do século XIX, com a chegada dos primeiros estrangeiros na década de 20, como podemos perceber com a Tabela II, que aponta **418.509** entradas antes de 1883. Este foi o momento inicial da grande imigração em massa, fenômeno que perdurou até a década de 20 do século XX.

TABELA II  
IMIGRANTES ENTRADOS NO BRASIL ENTRE 1820 E 1883  
(POR ETNIA)\*

ETNIA	NÚMERO DE ENTRADAS
PORTUGUESES	221.536
ITALIANOS	96.018
ESPAÑHÓIS	59.674
RUSSOS	8.835
AUSTRÍACOS	8.404
FRANCESES	8.012
SUIÇOS	7.181
INGLESES	6.687
SUECOS	1.266
BELGAS	800
TURCO-ÁRABES	96
<b>TOTAL</b>	<b>418.509</b>

Fonte: Repertório Estatístico do Brasil - Quadros Retrospectivos nº 1 - Separata do Anuário Estatístico do Brasil - Ano V - 1939/1940 - IBGE - 1941..

\* - O "Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908" apresenta, nas págs. 82 a 85, um quadro para o período de 1820 e 1907. Entretanto aparecem computados, nos totais dessa tabela, os brasileiros entrados no País, o que impediu o seu aproveitamento. Foi possível, apesar disso, destacar os números expostos na tabela.

Estes primeiros imigrantes podem ser um indicativo de mudança no tipo de mão-de-obra dominante no Brasil, marcando, portanto, o início da mudança do modelo baseado no braço escravo para o do trabalho livre e assalariado. O decorrer do século XIX demonstraria que o regime escravista estava com os dias contados e o Brasil necessitava encontrar outra fonte de mão-de-obra; a imigração de trabalhadores estrangeiros, em especial europeus, seria a alternativa encontrada para a manutenção do modelo econômico agro-exportador.

Michael Hall afirma que o fim da escravidão somente ocorreu no Brasil devido ao movimento imigratório instalado no país no século XIX. Esta interpretação podemos conferir nesta passagem:

*“Embora frequentemente se diga que a abolição tornou possível a imigração em massa, a relação oposta está mais próxima da verdade. Enquanto as fazendas de café pudessem funcionar predominantemente com mão-de-obra escrava, era difícil obter a imigração subsidiada pelo Estado em larga escala. Contudo, a abolição tornou-se claramente inevitável, e os fazendeiros paulistas, cujo o poder vinha crescendo decisivamente, conseguiram impor sua solução para o problema da mão-de-obra. Embora tenham sido necessários alguns anos e diversas modificações da lei que tratava da imigração subvencionada antes que o sistema funcionasse satisfatoriamente, o problema estava basicamente resolvido em meados da década de 1880. Após 1884, ao invés de coagir os trabalhadores diretamente, o Estado procurou atingir o mesmo objetivo -- mão-de-obra barata e disciplinada para as fazendas -- inundando o mercado de trabalho com imigrantes subvencionados.” (HALL, 1989:3)*

Nesta passagem, o autor além de indicar que vinda de trabalhadores estrangeiros foi um dos fatores que tornaram possível a abolição da escravidão no Brasil, aponta também o modelo seguido pelo país, a imigração subsidiada pelo

Estado. Hall afirma que a chegada dos imigrantes, iniciada na década de 20 do século passado, criou uma alternativa viável à escravidão para a sustentação do modelo monocultor e agro-exportador. Esta alternativa foi entendida por uma parte da elite paulista como a diretriz ideal para combater a carência de mão-de-obra na lavoura cafeeira; devido a sua influência o Estado adotaria esta alternativa como política para a sustentação do modelo econômico brasileiro.

A opção pela imigração faz com que o regime escravocrata, aos poucos, passe para um segundo plano, criando, portanto, as condições para a sua abolição no Brasil; automaticamente estava se introduzindo no país o trabalho livre e assalariado: os fazendeiros de café de São Paulo, em especial, começam a enxergar uma possibilidade de abrirem mão do braço escravo em suas lavouras; devido a pressões externas contra o tráfico negreiro e às leis de cunho abolicionista iniciava-se a carência e o conseqüente encarecimento deste tipo de mão-de-obra.

A elite paulista entendia ser mais vantajoso economicamente a vinda de trabalhadores estrangeiros para o cultivo do café, forçando, assim, o governo do estado de São Paulo a implantar a imigração subsidiada para essa lavoura. Como aponta Hall, os cafeicultores necessitavam de uma grande corrente migratória não só para a substituição do braço africano, mas para manter o custo da mão-de-obra livre baixo, como podemos ver nesta outra passagem:

*"(...) Eles (os imigrantes) eram trazidos ao Brasil para um único propósito: fornecer mão-de-obra barata para as fazendas de café. Como observou um deputado de São Paulo, logo depois da abolição: 'precisamos de braços (...) no intuito de aumentar a concorrência de trabalhadores e mediante a lei da oferta e procura,*

*diminuir o salário*<sup>1</sup>. O Secretário da Agricultura não era menos franco ao descrever a resolução do governo de importar trabalhadores em tais quantidades: como afirmou, as fazendas se tornariam 'bastante saturadas, a ponto de estabelecer-se o equilíbrio entre a oferta e a procura de trabalhadores'. E acrescentou, de maneira igualmente cândida, que este método era muito mais prático do que a coerção que, 'além de contrária à liberdade individual (...) produzirá efeito diametralmente oposto, criando por parte dos governos dos países emigrantistas, proibição à vinda de seus nacionais'<sup>2</sup>. (HALL, 1989:5)

Portanto, quando a elite cafeeira percebeu e optou pela mão-de-obra imigrante, mais rentável que a escravidão, sentiu também a necessidade do estabelecimento de um fluxo constante para manter o custo baixo deste tipo de trabalhador. A saída encontrada foi através do interessado direto em criá-la<sup>3</sup> -- o Estado de São Paulo -- neste período pré-república.

Com a proclamação da república e a efetiva descentralização política, com o deslocamento do eixo do poder para oligarquias regionais, característica da Iª República, o estado de São Paulo comandaria as ações de financiamento e custeio da imigração. A criação de todo um aparato para que o fluxo imigratório além de criado fosse reproduzido, foi iniciativa do Estado. Assim, poderíamos citar agentes de propaganda na Europa e uma infra-estrutura para receber e alocar os imigrantes na lavoura cafeeira, incluindo o custeio do transporte.

---

<sup>1</sup> - Anais da Câmara, 1888, V, p.323; Cf. HALL, 1989

<sup>2</sup> - Secretaria de Agricultura de São Paulo, Relatório, 1896, p.80; Cf. HALL, 1989

<sup>3</sup> - As primeiras experiências com a imigração como fruto de políticas públicas aconteceram ainda na década de 20 do século XIX, estando vinculadas à um projeto de colonização baseado na pequena propriedade da região sul do Brasil. A implantação e idealização deste projeto foram realizados pelo governo imperial brasileiro, que escolheu a etnia alemã como a mais capaz para seus objetivos, escolha que fora baseada em preceitos racistas e eugenistas (SEYFERTH, 1994).

Como podemos ver, as condições econômicas levavam o estado de São Paulo a desejar o fluxo imigratório, a partir da década de 1880, fato este comprovado com os dados quantitativos oferecidos pela bibliografia, conforme apontam o estado de São Paulo, como o maior receptor de imigrantes (TRENTO, 1988; ALVIM, 1986; CARELLI, 1988; CECCHI, 1957; CENNI, 1975; FAUSTO, 1991; HOLLOWAY, 1984; HUTTER, 1982).

A maior parte da bibliografia sobre o assunto entende a questão do fim da escravidão e a introdução do trabalho livre imigrante no Brasil e, em especial, em São Paulo, de uma forma diferenciada de Michael Hall. Como o próprio autor apontou na passagem citada, *"embora frequentemente se diga que a abolição tornou possível a imigração em massa, a relação oposta está mais próxima da verdade."*

A imigração tornou-se uma realidade devido à crise no sistema escravocrata e a abolição da escravidão em 1888, com os estrangeiros tornando-se os substitutos da mão-de-obra cativa. Segundo esta visão, a chegada deles seria fruto de um colapso no sistema escravista brasileiro. Hall aponta o oposto a imigração criou as condições para que a abolição ocorresse, como foi demonstrado. Por outro lado, autores como Michael Hall afirmam que a falta de braços para a lavoura brasileira não seria a causa da imigração para o Brasil. A abolição não deflagraria o processo tanto que na década de 1880 a imigração subvencionada já estava estabelecida no Brasil, que atenderia, principalmente, à lavoura cafeeira paulista. (HALL, 1989)

A bibliografia que trata o fato como consequência libertação da escravidão baseia seu argumento em dados quantitativos. Esta idéia esta norteada no incremento do fluxo imigratório ocorrido com a abolição da escravidão. Os dados da Tabela III demonstram o aumento nas entradas de imigrantes no período abolicionista, números em que, certamente, a bibliografia trabalha para a elaboração do argumento.

**TABELA III**  
**ENTRADAS DE IMIGRANTES NO BRASIL (1884 A 1894)**

<b>ANOS</b>	<b>ENTRADAS DE IMIGRANTES NO BRASIL</b>	<b>AUMENTO ANUAL DAS ENTRADAS (%)</b>
1884	23.574	
1885	34.724	47,29
1886	32.650	- 5,9
1887	54.932	68,24
1888	132.070	140,42
1889	65.165	-50,65
1890	106.819	63,92
1891	215.239	101,5
1892	85.902	-60,9
1893	132.589	54,35
1894	60.182	-54,61
<b>TOTAL</b>	<b>943.846</b>	

Fonte: Repertório Estatístico do Brasil - Quadros Retrospectivos nº 1 - Separata do Anuário Estatístico do Brasil - Ano V - 1939/1940 - IBGE - 1941.

A tabela III mostra-nos, claramente, que há um aumento gradativo no número de entradas de imigrantes a partir de 1884, e que em 1888, justamente o ano da abolição, ocorreu o maior aumento anual no período, com a cifra de 140,42% em relação às entradas do ano anterior. Em números absolutos, o ano

de maior frequência de entradas foi 1891, com 215.239 estrangeiros, três anos após a publicação da Lei Áurea. Isto se deve à uma reação natural dos proprietários de terras e de escravos brasileiros, que recorreram à mão-de-obra imigrante com mais intensidade no ano da libertação de escravos e nos subsequentes. Provavelmente muitos produtores rurais que antes da abolição não utilizavam a mão-de-obra imigrante, no ano da abolição, passam utiliza-la para o cultivo de suas lavouras.

Estes dados demonstram que a imigração no Brasil pode ser entendida como um meio para enfrentar a crise de mão-de-obra, resultante do fim da escravidão. Outro fator que nos chama a atenção é que a média de entradas anuais aumenta em 212,57%, se dividirmos este período em duas partes: primeira parte, *pré-abolicionista* (1884 a 1887) e a segunda *pós-abolicionista* (1888 a 1894). Esta análise fica mais clara com a Tabela IV, que utiliza dados apresentados na tabela anterior.

**TABELA IV**  
**MÉDIAS DAS ENTRADAS POR PERÍODO E O AUMENTO**  
**CORRESPONDENTE**

PERÍODO	MÉDIA DAS ENTRADAS ANUAIS DE IMIGRANTES	AUMENTO EM RELAÇÃO AOS PERÍODOS (%)
1884/94	85.803	
1884/87 ( <i>pré-abolicionista</i> )	36.470	- 57,49(ao período inteiro)
1888/94 ( <i>pós-abolicionista</i> )	113.995	212,57(ao período anterior) 32,85 (ao período inteiro)

Fonte: Tabela III

Portanto, quando analisamos a tabela IV, novamente os dados quantitativos entendidos pela da substituição da mão-de-obra escrava por imigrante, têm um fundamento quantitativo. Eles apontam um aumento substantivo na média de entradas anuais de imigrantes no período *pós-abolicionista*, tanto em comparação com o período inteiro (32,85%), quanto ao período anterior à abolição (212,57%). Portanto, mais uma vez, vão em direção ao argumento utilizado pela bibliografia.

Outro dado importante é o destino geográfico dos imigrantes, que, na maioria, se dirigiram para o Estado de São de Paulo, região que concentrava a lavoura cafeeira, base da economia agro-exportadora brasileira, portanto a região mais sensível à crise de mão-de-obra. O fim da escravidão no Brasil não representou uma mudança no modelo econômico brasileiro, baseado na monocultura voltada para o mercado externo.

O entendimento da imigração como substituta da mão-de-obra escrava perdura nas duas visões sobre o problema, diferenciando na forma que ocorreu esta substituição. Na maior parte da bibliografia, a abolição criaria uma crise, com os escravos abandonando o trabalho agrícola, abrindo espaço à inserção do trabalhador estrangeiro; aqueles que se filiam ao posicionamento de Michael Hall defendem a imigração criando condições, sobretudo no que se refere à oferta de mão-de-obra para a lavoura, para a abolição do cativo, com uma parte dos produtores rurais aderindo ao sistema do trabalho livre e assalariado.

Parece-me que a fusão das duas visões pode nos dar um de entendimento esclarecedor sobre o assunto.

Não se pode negar a existência da imigração no período anterior à abolição, pois, como vimos, as primeiras experiências com trabalhadores estrangeiros datam da década de 1820, contemporâneas ao processo de independência; também sua capacidade de contrapor-se ao modelo escravocrata, emergindo como uma alternativa viável à crise que se desenhava com as pressões externas e internas pró-abolição.

É fato que a imigração toma impulso, tornando-se efetivamente um fenômeno de massas a partir da abolição, com um aumento significativo (absoluto e relativo) de entradas. A virada do século seria o momento de maior afluxo de imigrantes quando a estrutura brasileira, principalmente paulista, estava implantada para recebê-los (ALVIM, 1986; TRENTO, 1988; HOLLOWAY, 1984).

A questão escravidão/imigração deverá ser entendida como um processo complexo; com as primeiras experiências imigratórias surge o trabalho livre em algumas regiões do país, convivendo com a escravidão que era a fonte de oferta de mão-de-obra predominante no país. Aos poucos, uma parte importante dos produtores rurais vê a imigração como uma alternativa ao encarecimento da mão-de-obra cativa, utilizando-a nas frentes pioneiras paulistas.

Estas, no estado de São Paulo, representam um aumento na demanda de mão-de-obra, mas a oferta de escravos estava restrita devido às leis abolicionis-

tas. A expansão do espaço geográfico, apto à produção agrícola, além de provocar o aumento no preço do escravo, encontraria um limite físico à expansão da cultura cafeeira -- a falta de braços; durante o século XIX a mão-de-obra escrava não se reproduzia devido à proibição do Tráfico Negreiro (1850), da Lei do Ventre Livre (1871) e da Lei dos Sexagenários (1885)<sup>4</sup>.

A introdução do trabalho livre seria a única maneira de ampliar a oferta de braços para a lavoura; os cafeicultores, aproveitando-se da conjuntura econômica européia, saem em busca, com o auxílio estatal, dos trabalhadores necessários à agricultura brasileira, em especial a paulista, como demonstra esta passagem de Michael Hall:

*“Os fazendeiros tiveram sorte quanto à coincidência da crise de mão-de-obra com um período crítico da economia italiana. A competição desigual de cereais norte-americanos, mais baratos nos mercados italianos, somada a contínuos apuros da agricultura italiana, criou uma pronta oferta de imigrantes desesperados. Durante os últimos anos da década de 1880, agentes do Brasil pululavam em Veneza e outras partes do Vale do Pó, estimulando ‘uma espécie de febre’, que levaria inúmeros trabalhadores agrícolas a partirem para o Brasil, na ‘esperança de lá encontrarem a terra prometida’, como escreveram os funcionários italianos em Treviso<sup>5</sup>. Alguns desses candidatos à emigração até viajaram a pé, cruzando a maior parte do norte da Itália sob um rigoroso inverno, para tomar os navios que em Gênova prometiam passagens grátis para Santos” (HALL, 1989:5)*

Esta crise de mão-de-obra deve ser entendida como o momento em que se percebe a saturação do modelo escravista, criado na época da colônia, e a

---

<sup>4</sup> - As três leis citadas a que mais afeta o mercado brasileiro de escravos é a que se refere a extinção do tráfico negreiro, as outras duas leis tiveram um impacto bem menor na oferta de mão-de-obra cativa.

<sup>5</sup> - Statistica della emigrazione avvenuta nel ano 1888, pp.159 e 197. Cf. HALL, 1989.

imigração seria o fato que demonstrou a viabilidade do trabalho livre em terras brasileiras.

Devido a esta conjuntura, os produtores rurais das frentes pioneiras de São Paulo tentaram, com êxito, que o governo provincial adotasse a imigração como uma política pública; seria uma questão que dividiria as elites em duas facções: pró-escravidão (antigos produtores do Vale do Paraíba) e pró-imigração (produtores das frentes pioneiras paulistas). Mas apesar da força política do grupo favorável à imigração, sua consolidação, enquanto um fenômeno de massas, somente ocorreu a partir da abolição, como demonstra os dados quantitativos, com os estrangeiros tornando-se uma das únicas fontes para a continuidade da lavoura cafeeira.

A imigração foi um dos fatores que demonstraram a possibilidade de perpetuar-se o modelo agro-exportador brasileiro sem o braço escravo, mas somente conseguiu desempenhar este papel porque resolvia o problema da oferta de mão-de-obra criado por uma crise estrutural do nosso sistema escravocrata no século XIX. Os trabalhadores estrangeiros tornaram-se os substitutos dos cativos na lavoura brasileira, em especial na de São Paulo que era a mais importante naquele momento histórico.

## *A IMIGRAÇÃO E O CONTEXTO EUROPEU E ITALIANO*

Não há dúvida que o imigrante aqui chegado viria a realizar o trabalho braçal, antes efetuado pelo escravo africano. Mas quem seria o indivíduo que abandonaria a Europa para ocupar no Brasil o lugar do cativo?

Como aponta a bibliografia sobre o movimento imigratório, muitos europeus fugiram de uma grave crise econômica que atingia as porções agrícolas do velho mundo. Estas regiões viam sua produção sofrer forte concorrência de produtos agrícolas vindos dos Estados Unidos da América, a partir da segunda metade do século XIX; este fato levou países fortemente marcados pela atividade agrícola, como Portugal, Espanha e principalmente Itália, a uma profunda recessão que certamente contribuiu para o fenômeno imigratório brasileiro.

A crise no setor agrário europeu nos parece ser a principal causa de sua emigração para a América (HALL, 1989; ALVIM, 1986); quando analisamos os números da imigração para o Brasil vemos que os países que mais se destacaram foram aqueles onde o setor agrícola tinha forte predominância, como Itália, Espanha e Portugal, como podemos constatar na tabela V:

TABELA V  
 IMIGRAÇÃO EUROPÉIA NO BRASIL  
 (1883/1933)

NACIONALIDADES	EFETIVOS DECENAIS					TOTAL
	1884/93	1894/03	1904/13	1914/23	1924/33	
ITALIANOS	510.533	537.781	196.521	86.320	70.177	1.401.332
ESPAÑHÓIS	103.116	102.142	224.672	94.779	52.405	577.114
PORTUGUESES	170.621	157.542	384.672	201.252	233.650	1.147.737
ALEMÃES	22.778	6.698	33.859	29.339	61.728	154.402
AUSTRÍACOS	13.684	32.456	22.961	6.285	8.814	84.200
BELGAS	2.637	171	1.128	981	742	5.659
FRANCESES	7.977	2.517	8.572	5.392	5.609	30.067
HOLANDESES	1.026	1.044	3.456	842	1.111	7.479
HÚNGAROS	---	---	1.699	1.221	4.954	7.874
INGLESES	2.870	825	6.710	3.964	5.829	20.198
IUGOSLAVOS	---	---	---	905	21.661	22.566
LITUANOS	---	---	---	1.931	26.077	28.008
POLONESES	370	1.050	---	3.073	33.957	38.450
ROMENOS	---	---	248	4.396	33.404	38.048
RUSSOS	40.589	2.886	48.100	8.096	7.953	107.624
SUECOS	2.469	128	1.681	211	327	4.816
SUÍÇOS	1.385	697	1.862	2.581	2.585	9.110
<b>TOTAL DE EUROPEUS</b>	<b>880.055</b>	<b>845.937</b>	<b>936.141</b>	<b>451.568</b>	<b>570.983</b>	<b>3.684.684</b>

Fonte: Repertório Estatístico do Brasil - Quadros Retrospectivos nº 1 - Separata do Anuário Estatístico do Brasil - Ano V - 1939/1940 - IBGE - 1941.

Nesta tabela a maioria dos imigrantes que se dirigiram para o Brasil são originários de países ainda pouco industrializados no período. Somando-se os totais de italianos, espanhóis, portugueses, húngaros, iugoslavos, lituanos, poloneses, romenos e russos (países com fortes tendências agrícolas), obtemos o total de 3.368.753 pessoas que entraram no país, representando 91,42% do total de imigrantes. Esta cifra colabora com a explicação baseada na crise da Europa agrária, causa principal para o estabelecimento do fluxo migratório Europa/América.

Este processo está inserido no contexto da grande imigração dirigida para o continente americano, durante o final do século XIX e início do XX. Na América, os países que se destacaram como seus receptores, por ordem de grandeza, foram os E.U.A., a Argentina e o próprio Brasil (KLEIN, 1994:32).

Neste contexto, a etnia que mais se destacou no fenômeno imigratório brasileiro é a italiana, mandando um contingente de 1.401.332 no período da grande imigração, iniciada na década de oitenta do século dezenove e estendendo-se até a de trinta do nosso século. O início do fenômeno já foi discutido, mas o fato que determina o final do processo é a constituição promulgada em 1934, estabelecendo as cotas de imigrantes<sup>6</sup> no Brasil (LUIZETTO, 1975). Esta restrição esteve diretamente ligada à diminuição da necessidade de mão-de-obra nos cafezais paulistas, que na década de 30 sofreram problemas advindos da crise da Bolsa de Nova York em 1929; e também, como aponta Luizetto, a uma posição xenófoba da elite brasileira percebida claramente no processo constituinte que resultou a carta magna de 1934.

O contingente de italianos entrado no Brasil, entre 1884 e 1913, representou 10,06% sobre o total de emigrantes italianos e 17,48% sobre o montante geral no continente americano (os números absolutos referentes à emigração italiana estão demonstrados na Tabela VI). Em relação à emigração total de italianos os imigrantes que se dirigiram para a América representaram 57,4 % das pessoas que abandonaram a Itália entre 1884 e 1913.

---

<sup>6</sup> - O Brasil em 1934 determinou que a entrada de imigrantes estaria restrita, impondo cotas por etnia, que seriam o equivalente a 3% anuais do total populacional de cada etnia residente no país.

TABELA VI  
EMIGRANTES ITALIANOS ENTRE 1884 E 1913

PERÍODOS	TOTAIS DOS EMIGRANTES	AMÉRICA	BRASIL
1884-1893	2.188.145	1.218.636	510.533
1894-1903	3.643.407	2.079.898	537.784
1904-1913	6.571.843	3.820.282	196.521
TOTAL	12.403.395	7.118.816	1.244.838

Fonte: VALERIO, 1960.

Estes dados estão apresentados de maneira a situar a imigração italiana no Brasil em relação ao grande êxodo de pessoas da península itálica durante o fenômeno de massas da virada do século. Não poderíamos nos esquecer que o total de imigrantes italianos dirigidos para o Brasil até a década de 30 foi superior ao total da tabela, com o número de 1.331.155<sup>7</sup> de entradas.

Outro dado importante é o destino geográfico dos imigrantes. A Tabela VIII apresenta a distribuição étnica para o Estado de São Paulo<sup>8</sup>, demonstrando que a italiana foi a de maior frequência entre a diversidade recebida pelo estado de São Paulo, desejoso de mão-de-obra para a lavoura cafeeira, que no período, expandia-se para o oeste do estado.

TABELA VII  
PORCENTAGEM DAS ETNIAS SOBRE A IMIGRAÇÃO PARA O ESTADO DE SÃO PAULO (1886-1920)

ETNIA	SOBRE O TOTAL DA IMIGRAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO
ITALIANA	44,7%
ESPAÑHOLA	19,2%
PORTUGUESA	15,4%
OUTRAS	20,7%
TOTAL	100%

Fonte: TRENTO, 1988:107.

<sup>7</sup> - Cf. Tabela I.

<sup>8</sup> - Segundo Trento (1988), 56% dos imigrantes entrados no Brasil dirigiram-se para o Estado de São Paulo

Estes dados demonstram um fato já apontado: o Brasil foi um grande receptor de imigrantes num período que estava realizando a mudança nas relações entre capital/trabalho. Por vários fatores, o país abandonava o trabalho escravo introduzindo o livre e assalariado como base de seu sistema produtivo. O Estado de São Paulo seria a província que mais receberia imigrantes por sediar a principal lavoura do sistema agro-exportador brasileiro.

O fato que nos interessa não é somente constatar estes números, mas analisar como estes imigrantes foram recebidos pela sociedade receptora paulista. Em outras palavras, analisar as condições de vida desta massa de estrangeiros aqui chegados para sustentarem o modelo econômico brasileiro.

As condições de vida e trabalho, nas fazendas de café, não foram das melhores, pois a abolição não resultou numa mudança imediata no entendimento das relações capital/trabalho no Brasil, pelos produtores rurais. A mentalidade dos latifundiários brasileiros continuava a ser escravocrata, não distinguindo a diferença entre mão-de-obra escrava e assalariada. Este descompasso entre a mentalidade das classes dominantes e o sistema econômico capitalista, vai destruir a imagem daquele Brasil mítico, mostrando aos imigrantes, através das duras condições de vida, que eram somente os substitutos dos negros na lavoura cafeeira.

A ação dos agentes de propaganda paulista, mandados à Europa para arregimentarem mão-de-obra para os cafezais, criou entre os imigrantes uma visão do país que não correspondia à realidade. Com a necessidade de São

Paulo atrair um grande número de indivíduos, foi adotada uma política oficial de arregimentação de trabalhadores estrangeiros. A política imigratória paulista necessitava criar alguns atrativos para os camponeses europeus que não viam possibilidades de vida na Europa; assim foram-lhes, viabilizados por subsídios diretos - pagamento de passagens e garantia de emprego na lavoura cafeeira - e, propaganda através de agentes do governo do Estado de São Paulo. Esta incluía, além de empregos na lavoura cafeeira, a promessa de acesso à terra, visto o Brasil ser um país de dimensões continentais e, portanto, haver disponibilidade de terras não exploradas.

O papel dos agentes do governo paulista era, portanto, criar com a propaganda uma idéia mítica do Brasil - uma terra de oportunidades - o canaã para os excluídos do sistema capitalista europeu, o *locus* privilegiado para a reconstrução de uma nova vida, através do trabalho na lavoura cafeeira. Esta atividade ofereceria a possibilidade de acumularem algum capital para voltarem ao seu país de origem, em melhor situação financeira, ou mesmo para se tornarem proprietários de terras num lugar inexplorado e com inúmeras riquezas naturais.

A ação dos agentes de propaganda do governo de São Paulo, na realidade, tinha um único intuito: atrair estas pessoas que seriam os trabalhadores livres e assalariados no Brasil, em substituição ao braço escravo na lavoura cafeeira. Tal fato se confirma quando entramos em contato com a análise das condições de vida do imigrante nas fazendas produtoras de café; a possibilidade de

acumulação de dinheiro e o acesso à terra, era ilusória como constataram os imigrantes aqui chegados.

Desta maneira, o relacionamento dos imigrantes com o Brasil “real” ocorreu de uma forma bastante conflituosa com os interesses das elites latifundiárias paulistas. Os atritos se manifestaram de diversas maneiras, seja com algumas greves esporádicas, em fazendas com péssimas condições de vida e trabalho (HALL, 1989), seja através de conflitos individuais entre colonos e proprietários de terras, ou mesmo em fugas para os centros urbanos, representando uma forma de resistência à estas péssimas condições (ALVIM, 1986).

### *A IMIGRAÇÃO E OS ITALIANOS NA CIDADE DE SÃO PAULO*

Por outro lado, a imigração que se fixou nos centros urbanos paulistas, em especial o caso italiano na cidade de São Paulo, é o foco deste trabalho. Portanto, é necessário apresentar as características deste processo, que é diverso da imigração “oficial”<sup>9</sup> para a lavoura cafeeira.

A diferença entre os imigrantes italianos direcionados à lavoura cafeeira e os que se fixaram nas cidades, aparece em diversos aspectos apontados pela bibliografia. Zuleika Alvim aponta que uma das grandes diferenças entre os imigrantes italianos que se dirigiram para as cidades seria a origem regional. Segundo a autora, os primeiros contingentes que aqui chegaram e dirigiram-se à lavoura cafeeira

---

<sup>9</sup> - Utilizo a expressão “oficial” para me referir à imigração voltada para a lavoura cafeeira, que atendia os interesses da política do Estado brasileiro referente à imigração.

eram compostos de italianos originários do norte da península itálica, em especial da região do Vêneto; enquanto que os que se fixaram nos centros urbanos seriam na maioria advindos da Itália meridional, de regiões como a Calábria, Nápoles e Sicília (ALVIM, 1986).

Mas apesar desta afirmação a autora não aponta dados quantitativos que referendem esta idéia; a demografia brasileira do período não chega a este grau de desagregação. As cifras referentes à imigração de estrangeiros para o Brasil, em especial para o estado de São Paulo, apontam somente sua origem nacional, como já foi demonstrado. Uma fonte possível que indicaria a grosso modo a origem dos imigrantes italianos, são os dados existentes na Hospedaria dos Imigrantes<sup>10</sup> sobre as entradas de estrangeiros no estado. Estes dados que nunca foram sistematizados estão baseados nos livros de anotações da própria hospedaria; ela registrava a entrada dos imigrantes na sua chegada na instituição, e em livros do Serviço de Imigração e das companhias marítimas que os transportavam<sup>11</sup>.

Portanto, a afirmação sobre a diferença regional entre os que se fixaram nos centros urbanos e aqueles que foram mão-de-obra para a lavoura cafeeira não encontra um respaldo quantitativo; especula-se que os meridionais eram maioria nas cidades pelo fato da fixação de estrangeiros nestes centros ter ocorrido num mo-

---

<sup>10</sup> - Atual Museu da Imigração, localizado na rua Visconde de Parnaíba no Brás, próximo a linha ferroviária utilizada para o transporte de imigrantes recém chegados em Santos. Eles eram trazidos para Hospedaria que os alojava até conseguirem um posto de trabalho nas fazendas cafeeiras do interior do estado; esta instituição era a responsável por fazer a ligação entre os imigrantes e os proprietários rurais que necessitavam da mão-de-obra.

<sup>11</sup> - Os dados existentes na Hospedaria dos Imigrantes são públicos, mas não ainda não estão sistematizados e informatizados, trabalho que duraria um longo tempo, pois são referentes a um período muito extenso, iniciando-se em meados do século XIX e cobrindo até a década de 50 do XX.

mento onde a imigração meridional era predominante entre a etnia italiana, como aponta os seguintes dados da Tabela IX:

**TABELA VIII**  
**FLUXO EMIGRATÓRIO POR REGIÃO**

	VÊNETO	LOMBARDIA	CAMPANIA	CALÁBRIA
ATÉ 1901	326.793	86.585	108.301	67.944
APÓS 1902	38.917	19.388	57.779	63.211

Fonte: ALVIM, 1986:63

Como indicam os dados, após 1901<sup>12</sup> diminui o contingente de imigrantes provenientes do Norte da península itálica, coincidindo com o período em que começam a se dirigir em maior quantidade para os centros urbanos, com ênfase para a capital do estado (PINTO, 1984; ALVIM, 1986, RIBEIRO, 1985). Portanto, a afirmação que a maioria dos imigrantes italianos fixados na cidade de São Paulo eram provenientes da Itália Meridional está somente baseada numa relação entre a origem regional da emigração italiana no período posterior a 1901 e o aumento populacional da cidade de São Paulo com forte predominância imigrante, mas não em dados quantitativos.

A cidade de São Paulo, no início do século XX, estava aumentando significativamente sua densidade populacional e, no mesmo período, a entrada de imigrantes italianos começava a ter predominância da região meridional italiana. O aumento da população podemos constatar com a Tabela X:

<sup>12</sup> - O principal fato que diminui a imigração de italianos para o país após 1901 é o Decreto Pinettri, de 1902, que proibia imigração subsidiada de italianos para o Brasil.

TABELA IX  
CRESCIMENTO POPULACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO  
(1872-1934)

ANOS	POPULAÇÃO
1872	23.243
1886	44.030
1890	64.934
1893	130.775
1900	239.820
1914	400.000 <sup>13</sup>
1920	579.033
1934	1.060.120

Fonte: TRENTO, 1988:123

O cruzamento dos dados das tabelas IX e X pode criar a idéia de que a cidade de São Paulo e os demais centros urbanos do estado abrigaram uma maioria meridional, enquanto que o interior do estado abrigava um contingente majoritário de imigrantes provenientes do norte da Itália; estes haviam entrado no início do fluxo aparecem, na maioria das vezes, quando a bibliografia pertinente trata da imigração dirigida para as cidades (ALVIM, 1986, CARELLI, 1988). Mas o que podemos apontar com certeza é que a cidade de São Paulo, o maior centro urbano do estado, abrigou um número considerável de imigrantes, com predominância dos italianos (no geral, sem a variável regional); conforme o censo de 1920, a capital do estado contava com 205.245 estrangeiros numa população total de 579.033, sendo que destes 91.544<sup>14</sup> eram italianos, lembrando que seus descendentes diretos eram considerados brasileiros.

<sup>13</sup> - Número aproximado.

<sup>14</sup> - Cf. "Recenseamento de 1920" volume IV 1ª parte e 2ª parte, tomo II - Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Portanto, os dados indicam que São Paulo era uma cidade predominantemente imigrante, com forte presença italiana, pois 35,4% da população paulistana era composta por estrangeiros e, com os italianos representando 15,8% da população total e 44,6% sobre o total dos imigrantes. A presença de estrangeiros era mais forte do que os dados indicam, pois o censo de 1920, seguindo a legislação brasileira que segue o princípio do *jus solus*, considerava brasileiro todos os indivíduos nascidos em território brasileiro. Com isto, os dados demográficos não indicavam a ascendência da população da cidade de São Paulo, mas podemos afirmar que, naturalmente, uma grande parte da população paulistana tinha origens estrangeiras, com especial ênfase à origem italiana. Como afirma Carelli, na década de 20 São Paulo poderia ser considerada uma cidade italiana, já que era habitual ouvir no cotidiano o uso da língua e seus diversos dialetos pelas ruas da cidade (CARELLI, 1988).

Sobre a presença italiana na cidade de São Paulo é importante indicar a diversidade regional entre o grupo; esse dado é de extrema importância quando analisamos a imigração proveniente de um país recém unificado, e com diferenças culturais significativas, ainda mais quando desejamos entender o problema da etnicidade deste grupo. Em outras palavras: será possível generalizar as questões surgidas com o estudo de um determinado grupo de imigrantes italianos; ou devemos levar em conta que a Itália, no momento do grande fluxo emigratório, era um país povoado de vênnetos, lombardos, calabreses, napolitanos, bareses, entre outros, e não de “italianos”?

TABELA X  
EMIGRAÇÃO ITALIANA PARA O BRASIL POR REGIÕES  
(1876-1920)

REGIÕES	NÚMERO DE ENTRADAS	PORCENTAGEM
VÊNETO	365.710	29,84
CAMPANIA	166.080	13,55
CALÁBRIA	113.155	9,23
LOMBARDIA	105.973	8,65
ABRUZZI/MOLISE	93.020	7,59
TOSCANA	81.056	6,61
EMILIA ROMAGNA	59.877	4,89
BASILICATA	52.888	4,32
SICÍLIA	44.390	3,62
PIEMONTE	40.336	3,29
PUGLIA	34.833	2,84
MARCHE	25.074	2,05
LAZIO	15.982	1,3
UMBRIA	11.818	0,96
LIGURIA	9.328	0,76
SARDENHA	6.113	0,5
<b>TOTAL</b>	<b>1.225.633</b>	<b>100</b>

Fonte: ALVIM, 1986:62<sup>15</sup>

O argumento deste trabalho é de que estas diferenças foram fundamentais para o grupo "italiano", e que estavam presentes em seu cotidiano, manifestando-se tanto na forma de relacionamento com a sociedade, como na formação da imagem do grupo perante a sociedade paulista. Como demonstra o discurso de alguns representantes da elite sobre o problema imigratório, as diferenças regionais eram importantes, até mesmo para definir quem se enquadraria aos desejos desta elite, como revela, por exemplo, um fragmento de um discurso de Martinho Prado na

<sup>15</sup> - Commissariato Generale dell'Emigrazione. Annuario Statistico dell'Emigrazione Italiana dal 1876 al 1925. Roma, Ed. CGE, 1926, p.152.

Assembléia Provincial em 1884; ele assinalava o êxito da imigração italiana e como a elite cafeeira enxergava a imigração:

*“Se a Sociedade Promotora até hoje tem introduzido somente italianos, e do norte, não o fez por sistema, procurando afastar os de outras procedências. O motivo principal foi o já apontado, da preferência para os que são chamados, além da grande procura e predileção pelos trabalhadores desta nacionalidade, perfeitamente adaptados pela moralidade e inexcedível amor ao trabalho, aos nossos desejos, se nos quisermos pronunciar com imparcialidade e justiça” (MARTINS, 1973).*

O corte regional dentro do grupo italiano é fundamental para entendermos as características do próprio grupo e do seu movimento associativo, ponto importante quando queremos reconstruir a história de uma associação étnica italiana. Por isso, uma pequena demonstração de como surgiu e qual a sua importância no quadro do associativismo da cidade pode nos levantar questões pertinentes, principalmente no que se refere à questão da diversidade regional dos imigrantes italianos fixados em São Paulo.

Antes de entrarmos na análise da história do Palestra Itália e seu relacionamento com a sociedade paulistana da primeira metade do século XX, devemos entender o panorama geral do movimento associativo étnico e, em especial, italiano. Só assim compreenderemos vários aspectos importantes para a análise deste relacionamento e a conseqüente formação da sua etnicidade na cidade de São Paulo.

*ORIGENS ÉTNICAS E ASSOCIATIVISMO ITALIANO NA CIDADE DE SÃO PAULO*

O movimento associativo italiano tem o seu início na década de 80 do século passado com a fundação de associações de socorro. Segundo Tânia R. de Luca, a primeira associação de socorro mútuo organizada por italianos, detectada em seu levantamento sobre este fenômeno, data de 1886 (Sociedade dos Militares Italianos no Estado de São Paulo). Este tipo de movimento associativo está ligado às péssimas condições de vida dos imigrantes, tendo por objetivo proporcionar-lhes amparo em uma sociedade que não tinha estrutura nenhuma de previdência e assistência a seus cidadãos. A única estrutura formada em relação à imigração era a de financiamento e recrutamento de mão-de-obra destinada à lavoura cafeeira, através da *Sociedade Promotora de Imigração*, fundada em 1886 com este objetivo.

Portanto, os imigrantes foram levados a se reunirem nestas entidades mutuais com a finalidade de garantir alguma forma de proteção ou assistência frente às condições adversas encontradas em território brasileiro. Mas essas abrangiam somente aqueles que tinham alguns recursos, conseqüentemente os que tinham alguma colocação profissional, como lavradores (no interior) ou operários (em geral, no contexto urbano). Estes recursos eram necessários para seu funcionamento, pois sobreviviam de doações e contribuições de seus associados. Outro corte que houve foi o regional, pois a maioria das associações mutuais se dirigia a imigrantes específicos quanto à sua nacionalidade. No caso italiano isto é agravado pelas diferenças regionais existentes na Itália recém unificada, levando seu movimento as-

sociativo a fazer o corte regional entre os associados. Havia assim associações que representavam os lombardos, outras para os bareses, e assim por diante.

A divisão regional no movimento associativo italiano é importante para entendermos dois aspectos característicos: o grande número de associações (mutuais, profissionais, recreativas, esportivas, literárias, etc.) e o curto tempo de existência da maioria destas. O aspecto regional, que muitas assumiram, restringia o número de associados e, conseqüentemente, aumentava a quantidade de fundações de novas sociedades italianas, por aqueles que não encontravam espaço dentro nas existentes; por outro lado, o baixo número de associados inviabilizava financeiramente, muitas das sociedades levando-as à extinção; poucas foram as associações que tentaram congregar os imigrantes italianos em geral.

Este fenômeno se deve ao fato de, no período da imigração de massa, o “italiano” não existir nem mesmo na sociedade de origem, pois a formação do estado nacional italiano era muito recente; o indivíduo que habitava a península itálica não se considerava italiano, mas lombardo, barês, napolitano, calabrés, ou siciliano entre outros.

Portanto, a divisão regional do movimento associativo italiano é natural na sociedade receptora; seu objetivo é a representação ou a congregação de seus associados, que, na maioria das vezes, têm algo em comum. No caso do movimento étnico, a idéia de representação sobrepõe-se aos outros objetivos, pois as associações são o local onde os imigrantes vão encontrar os seus pares numa sociedade completamente estranha; a manifestação das identidades regionais, é possível

tanto que era muito comum a existência de associações representativas de imigrantes não só de regiões, como de cidades e até de aldeias da península itálica.

Estas características gerais do movimento associativo italiano são centrais para a compreensão da importância e da peculiaridade do Palestra Itália no associativismo italiano da cidade de São Paulo. Por o Palestra ter assumido, desde o início, o papel de representação do grupo italiano em geral, sem cortes regionais, leva-o a uma posição de destaque, tornando-a uma das poucas que não se extinguiu com o passar do tempo. Somando a esta característica o fato do Palestra estar envolvido com o futebol, torna-o mais visível dentro da sociedade paulistana; em consequência, muito maior a representação do grupo devido às características deste esporte no Brasil levando-o ao confronto com as associações nacionais, muitas delas representativas da elite paulistana.

Outro ponto importante é como foram recebidos os italianos e os imigrantes em geral na cidade de São Paulo. Para entendermos tal situação devemos lembrar que a imigração foi estabelecida no país como uma alternativa à uma crise de mão-de-obra no setor agrícola e como fruto de reivindicações da elite paulista.

A elite cafeeira estava preocupada com a sua grande lavoura, e o imigrante ideal seria aquele que atendesse às necessidades de mão-de-obra da monocultura paulista. Portanto, aquele que se estabeleceu nas cidades, fugia ao ideal dos agricultores, representando um desvio na política de imigração, tornando-se um braço a menos na lavoura cafeeira. A elite preocupava-se com os futuros imigrantes, baseada na experiência adquirida com a primeira leva de estrangeiros e, conseqüen-

temente elaborou um estereótipo, onde os do norte da Itália perfeitamente se encaixavam. Com isso, quem se fixou nos centros urbanos, principalmente em São Paulo (centro comercial e o local de onde se instalou a elite cafeeira), não era visto com bons olhos; este se tornara um desvio no modelo de desenvolvimento brasileiro, que necessitava do trabalhador livre, assalariado na lavoura cafeeira, e não de imigrantes instalados nas cidades que exerciam as mais variadas atividades urbanas.

Os imigrantes urbanos representavam uma fissura na estrutura da imigração paulista, montada na segunda metade do século XIX, após um longo debate e algumas experiências frustradas (como a dos núcleos coloniais); origem dos imigrantes, forma de arregimentação, e construção de uma estrutura capaz de receber os imigrantes e colocá-los no mercado de trabalho brasileiro, foram temas abordados entre outros. A estrutura construída para a imigração abrangia um aparato que tinha numa ponta os agentes de propaganda na Europa e, em outra, a Hospedaria dos Imigrantes. Esta foi construída em São Paulo para receber, selecionar e aloca-los nas diferentes fazendas necessitadas de mão-de-obra. Portanto, os imigrantes fixados na cidade de São Paulo representavam para a elite cafeeira um investimento sem retorno, não realizando o objetivo pré-definido pelos cafeicultores, quando estes deixam a lavoura cafeeira à procura de trabalho nos centros urbanos.

O objeto deste texto não é o imigrante desejado pela sociedade brasileira, mas o que não se encaixava numa sociedade agro-exportadora, em especial, a paulista. Justamente, este fluxo para a cidade de São Paulo detonou o processo de

modernização e industrialização da cidade, do começo do século XX encontrando uma farta mão-de-obra à sua disposição.

Porém, antes destes imigrantes tornarem-se o proletariado paulistano, fizeram parte de um enorme contingente de excluídos que perambulavam pela cidade ainda em formação a procura de qualquer forma de trabalho, seja como temporários, seja como operários da construção civil, ou mesmo compondo um imenso grupo de desempregados (PINTO, 1984). Portanto, a mão-de-obra para a iniciante indústria paulistana, na virada do século, não foi recrutada entre os excedentes de trabalhadores rurais, mas dentro da própria cidade, que abrigava uma legião de desempregados e subempregados. Isto podemos constatar no trabalho da historiadora Maria Inez Machado Borges Pinto sobre a vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo entre 1890 e 1914:

*“O êxodo da agricultura em direção à Capital, que se verifica neste período de crise da cafeicultura, se caracteriza, portanto, por ser uma migração essencialmente de populações miseráveis, expulsas do campo em situação de extrema penúria. A migração repentina de intensas levas de trabalhadores rurais pobres, para a metrópole paulistana, devido às limitações crônicas da estrutura ocupacional urbana em absorvê-las, em inúmeros casos apenas transferia a pobreza das áreas rurais para a cidade, sobrecarregando a força de trabalho da Capital, particularmente o setor terciário, com trabalhadores ocupando empregos temporários e instáveis ligados a tarefas informais, flutuantes, vendedores de rua e mendigos disfarçados” (PINTO, 1984:16).*

Esta massa de imigrantes, em especial italianos, compunha, portanto, uma legião de excluídos e miseráveis representando a maioria, na virada do século XIX para o século XX; segundo Maria Inez M. B. Pinto, em 1897, a população de origem

italiana superava a de nacionais na proporção de dois para um. Tanto que, em 1879 instalar-se-ia o consulado italiano na cidade de São Paulo, independente do consulado geral do Rio de Janeiro.

O trabalho realizado de levantamento histórico de uma associação italiana da cidade de São Paulo, no período entre 1914 e 1942, visa a conseguir subsídios para a análise do relacionamento entre o imigrante urbano, ainda em mutação nesta virada de século e a sociedade paulistana, representada no diário "*O Estado de São Paulo*". Este movimento associativo representará, portanto, o imigrante italiano urbano, durante o processo de transformação de excluídos em gênese do proletariado paulistano e, mais do que isso, os imigrantes urbanos saindo da condição de fonte de preocupação da elite (por não atenderem as expectativas da lavoura cafeeira) para serem a base de um novo modelo que surge no Brasil, o da industrialização.

## CAPÍTULO 2

### O “REFEREE” A IMPRENSA COMO FONTE DE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA

---

O jornal “*O Estado de São Paulo*” (OESP) foi utilizado para a reconstrução da história do *Palestra Itália* por acompanhar toda a trajetória desta associação, através de seu noticiário esportivo da cidade de São Paulo. A pesquisa, realizada neste periódico, tentou conseguir subsídios para o entendimento da primeira fase da existência dessa associação, período em que era denominada *Palestra Itália* e que se estendeu de 1914 até 1942 (ano que ocorreu a mudança de denominação para *Sociedade Esportiva Palmeiras*, que perdura até os dias atuais). Não só por uma questão cronológica este jornal foi o escolhido, mas por sua relevância dentre os meios de comunicações da cidade de São Paulo no período referido, e por sua destacada importância como formador de opinião entre os setores ilustrados da sociedade paulistana na primeira metade do século XX (CAPELATO, 1980).

Para o entendimento desta primeira fase do *Palestra Itália* foi necessário entrar em contato com sua história, mas a única fonte possível era o parecer “oficial” desta associação, encontrados em suas publicações, geralmente comemorativas. Este tipo de relato histórico conta com uma séria limitação, pois nos coloca frente aos grandes feitos e às vitórias do *Palestra Itália*, escondendo-nos suas dificuldades, suas derrotas e suas mazelas. Com isso ficaria impossível constatar o

relacionamento dos paulistanos com esta associação desportiva, representante de uma parcela numerosa da sociedade e, justamente, aquela que sofria sérias restrições da parcela dominante da sociedade. Dificilmente iria aparecer com clareza algum tipo de discriminação ou restrição de seus atos na sua história "oficial". Portanto, a utilização exclusiva desta fonte, a única previamente sistematizada, impedir-nos-ia de atingir o objetivo deste trabalho, que seria o repensar da relação entre o movimento associativo étnico e a formação da imagem da colônia italiana no imaginário da sociedade paulistana da primeira metade deste século.

Desta maneira, tornou-se necessário a reconstrução da história do *Palestra Itália*, com a história "oficial" servindo-nos apenas como parâmetro para esta tarefa. Este trabalho poderia ser realizado das mais diversas formas, mas a que mais se apresentou factível foi a reconstrução através de notícias de jornais. Outra forma seria através de entrevistas com pessoas que atuaram nesta associação, mas este recurso metodológico foi descartado devido à impossibilidade de entrevistar a maioria das pessoas relevantes na sua fundação e seu no início<sup>1</sup>.

As notícias em jornais poderiam ser acompanhadas por todo o período através da imprensa, que já contava com uma seção esportiva diária, e como esta associação tinha por objetivo a atuação em campeonatos organizados pela princi-

---

<sup>1</sup> - Como o *Palestra Itália* foi fundado há mais de 80 anos todas as pessoas que tiveram alguma atuação relevante nos primeiros anos da associação não estão mais vivas, as únicas possíveis seriam aquelas que participaram do clube na década de 40. Mas como o objetivo era a reconstrução de toda a história da associação, com especial atenção aos primeiros anos de funcionamento, as entrevistas como fonte de dados foram descartadas. Assim mesmo no início de minha pesquisa realizei uma entrevista com um antigo associado, frequentador do clube desde da década de 30, sr. Walter Pellegrini. Entrevista com um conteúdo marcadamente "oficial", já que este era o "historiador oficial" para as publicações da associação.

pal entidade esportiva da cidade de São Paulo (APSA - Associação Paulista de Sports Athleticos), o *Palestra Itália* seria um dos alvos da cobertura esportiva da imprensa diária paulistana. Mas como o período estudado abrange quase três décadas, a tarefa de acompanhar diariamente as notícias em jornais, mesmo que somente um fosse o escolhido, tornar-se-ia extenuante, repetitiva e mesmo infrutífera. Portanto, tornou-se necessário um recorte, que me levou a escolher somente alguns anos deste período; aqueles que assumiram certa relevância para o clube e/ou mesmo para o futebol (como 1933, que foi o ano da sua implantação profissional no Brasil, e o ano em que o *Palestra Itália* tornava-se uma das principais equipes dessa modalidade).

A base de dados, portanto, para a reconstrução da história do *Palestra Itália* são as notícias publicadas no "*O Estado de São Paulo*" nos seguintes anos: 1915, primeiro ano de funcionamento da associação; 1916, ano da primeira participação da associação no campeonato de futebol da cidade de São Paulo; 1917, ano do primeiro campeonato que o *Palestra Itália* destacou-se, conseguindo o vice-campeonato da cidade de São Paulo; 1920, ano da conquista do primeiro campeonato; 1933<sup>2</sup>, ano que a associação detém a hegemonia no futebol paulista, sagramen-

---

<sup>2</sup> - 1933 foi escolhido e não 1934, quando o *Palestra Itália* tornou-se tricampeão paulista, por ser ano da primeira disputa de campeonato brasileiro entre clubes (Campeonato Rio/São Paulo de Profissionais), e pela adoção do futebol profissional no Brasil, fato polêmico muito discutido no meio. Na imprensa esportiva deste ano apareceram repetidas acusações de prática do "falso amadorismo", onde jogadores ditos amadores eram na realidade profissionais, prática repudiada e reprimida pelos órgãos oficiais.

Esta repressão era uma tentativa de impedir que jogadores das classes baixas atuassem ao lado dos filhos da elite (RODRIGUES FILHO, 1949), já que os "falsos amadores" eram indivíduos de poucos recursos que necessitavam de pagamentos para poderem praticar o futebol. Um bom indício desta tentativa aparece em uma notícia publicada pelo OESP, em 5/12/17, sobre a divulgação da lei do amadorismo, que considerava profissionais os analfabetos, que seriam proibidos de atuarem nos clubes filiados à CBD (*Confederação Brasileira de Futebol*).

do-se bicampeão e campeão do primeiro torneio brasileiro de profissionais (como já foi destacado neste ano o profissionalismo nessa modalidade é adotado no Brasil e em São Paulo, fato que modifica o caráter do futebol brasileiro); e 1942, ano da mudança do nome da associação de *Palestra Itália* para *Sociedade Esportiva Palmeiras*, por causa de pressões do governo brasileiro junto às associações étnicas dos países do Eixo para que estas não manifestassem qualquer alusão ao país de origem. Somam-se a esta base de dados as notícias sobre o *Palestra Itália* publicadas pelo jornal "A Platea" em 1920, e no jornal "O Correio Paulistano" nos meses de março, abril e maio de 1916, e julho e agosto de 1917.

Utilizo-me destes outros dois periódicos por razões diversas; o levantamento no jornal "A Platea" foi realizado para a verificação da forma dispensada na cobertura do *Palestra Itália* por outro órgão da imprensa paulistana. Desejava constatar se a cobertura do *OESP* se diferenciava em muito de outros periódicos da época estudada, por esta razão considerei desnecessário um levantamento exaustivo das notícias publicadas em "A Platea", realizando somente no ano do primeiro campeonato conquistado pelo *Palestra Itália*. A escolha do "O Correio Paulistano" deve-se a um problema prático; a coleção do *OESP* do "Arquivo do Estado de São Paulo" está incompleta nos referidos meses de 1916 e 1917, com isso consegui ter uma idéia de como este órgão da imprensa tratava a referida associação.

Com estes dados consegui reconstruir a história do *Palestra Itália* com um viés diferenciado do relato "oficial" da associação, pois o narrador não é parte in-

tegrante dela, além de não estar preocupado com uma sistematização histórica e cronológica dos feitos e da atuação do *Palestra Itália*. Este narrador entende o *Palestra Itália* como fonte de notícias de um fenômeno social maior, que é o esporte em toda sua amplitude e, mais especificamente, o futebol que no período estudado estava ainda em sua fase embrionária como fenômeno de massas. Mas já demonstrava indícios de sua importância para a sociedade paulistana da primeira metade do século XX, portanto a imprensa narrava algo que despertava interesse na população local, e o *Palestra Itália* era somente um dos participantes, mas que se revelaria especial e diferenciado.

Portanto, como foi demonstrado, a história do *Palestra Itália* foi reconstruída através da imprensa diária paulistana, tendo por base principal as notícias publicadas pelo *OESP* nos anos apontados. Para melhor compreendermos a natureza dos dados, necessitamos entender qual a estrutura ideológica desta fonte. Para isso demonstrarei, baseado na bibliografia pertinente (CAPELATO, 1980; 1989), as principais idéias que nortearam a linha editorial do *OESP*, durante o período estudado.

### ***“O ESTADO DE SÃO PAULO (OESP)”***

Como apontei, os dados coletados abrangem um período muito extenso da história de São Paulo e do Brasil, em linhas gerais, a primeira metade do século XX. Durante desta fase ocorreram muitos fatos importantes na política, na socie-

dade e na economia do país, e o *OESP* acompanhou de perto os acontecimentos, noticiando-os, muitas vezes participando como porta-voz de um grupo social apontado como sendo a elite de São Paulo em boa parte da bibliografia consultada.

Afirmo que esta denominação é muito vaga, abrangendo grupos diferenciados que, muitas vezes, tinham interesses diversos ou mesmo antagônicos; ou será possível um jornal diário ser o defensor das idéias de grupos com interesses tão díspares como os antigos cafeicultores da região de Campinas, os das frentes pioneiras, a nascente elite industrial paulistana, ou a elite intelectual paulista?

O *OESP*, certamente, era um defensor das idéias de uma parte desta elite paulista, principalmente aquela que tinha por princípios o liberalismo político e econômico com um sentimento nacional e, principalmente, regional exacerbado. Segundo Maria Helena Capelato, o *OESP* estava intimamente ligado às camadas mais ilustradas da sociedade paulista e à uma parte da elite cafeicultora do estado - principalmente aquela das frentes pioneiras - que colaboraram decididamente para a implantação da corrente imigratória para São Paulo. No campo das idéias, o abolicionismo e uma certa "modernização" da lavoura cafeeira eram propostas comuns que ligavam estes dois grupos da elite. O grande objetivo era o desenvolvimento político e econômico do Brasil, sendo o estado de São Paulo a "locomotiva" que conduziria o país a patamares de "civilidade" compatíveis aos dos países mais desenvolvidos, como os E.U.A. e Europa.

Numa análise superficial da posição política do *OESP*, anterior à revolução de 30, apresenta-se um paradoxo. A linha editorial do periódico, ao mesmo tempo

que, defende os interesses de São Paulo e, conseqüentemente, os da lavoura cafeeira, posiciona-se contra os governos instituídos. Esta posição paradoxal aparente deve-se ao fato que a política da Iª República era, justamente, a de fortalecimento das oligarquias regionais, com o predomínio político dos estados de São Paulo e de Minas Gerais. Mas o periódico, como se balizava por ideais liberais, sempre se posicionou contra a forma oligárquica de condução das políticas públicas brasileiras, característica desta fase histórica.

Mas quando entendemos o mosaico de forças e interesses da elite paulista do período compreendemos melhor esta postura ideológica, pois mesmo entre os cafeicultores paulistas podemos destacar dois grupos distintos: aqueles ligados ao PRP (Partido Republicano Paulista) e uma dissidência, que originou o PD (Partido Democrático). O *OESP*, claramente, identificava-se com o segundo grupo, mesmo sem se tornar um porta-voz "oficial" desta agremiação política (CAPELATO, 1980).

As diferenças entre estes dois grupos estavam ligadas por parte do PD, à aceitação dos postulados liberais, e pelo PRP na sua recusa, enquanto prática política, e na forma que o papel político do estado de São Paulo se apresentava naquele momento histórico. Além de haver uma diferença no entendimento da política econômica referente ao café, principal produto da pauta de exportações do país e a base da economia paulista no período. Enquanto, os partidários do PD defendiam algumas idéias de modernização e racionalidade da lavoura cafeeira e para a polí-

tica econômica voltada para esta cultura, o grupo ligado ao PRP conformava-se com a tradicional política econômica<sup>3</sup> para o café.

O *OESP* deve muito seu posicionamento próximo às idéias do PD à Júlio Mesquita, que assumiu a direção política do periódico em 1891, depois de defender dentro do jornal os ideais abolicionistas e republicanos desde 1885, quando o jornal era denominado "*A Província de São Paulo*". Júlio Mesquita foi um dos ativos colaboradores para a fundação do PD, mas, apesar de sua ligação estreita com a agremiação, nunca aceitou o periódico como um órgão oficial do partido, zelando pela independência editorial do *OESP*, impregnada de idéias próximas às tendências "democráticas".

Com isso o jornal torna-se, no período pré-30, um dos baluartes da oposição à política oligárquica da 1ª República, que ficou conhecida como "política dos governadores", por justamente descentralizar o poder político e oferecê-lo às oligarquias regionais. A posição do *OESP* era a de dar maior importância política à São Paulo, a qual os interesses do país deveriam estar mais intimamente atrelados, deixando de lado os interesses regionais de outros estados, que, segundo o periódico, se encontravam em patamares inferiores de desenvolvimento.

O oposicionismo do *OESP* desaparece por um curto período com a revolução de 30, a qual prontamente apoiou, pois vislumbrava este movimento político como a oportunidade do país realizar as reformas políticas (liberais) necessárias para o seu desenvolvimento político e econômico. Segundo o jornal, a revolução de

---

<sup>3</sup> - A política econômica adotada pela União, arquitetada e apoiada pelo PRP, baseava-se na garantia dos ganhos dos cafeicultores através de uma política de desvalorização cambial.

30 teria a possibilidade de fazer uma remodelação política, em moldes liberais, que manteria a estrutura econômica e social vigente e reformaria as instituições políticas dotando-as de bases mais sólidas. O objetivo do *OESP* não era uma revolução no estrito termo da palavra, mas uma reforma que não alterasse as estruturas econômicas, políticas e sociais, mas que consolidasse a opção republicana, democrática e liberal que o país adotara em 1889. Segundo o periódico, esta opção estava ameaçada pela forma que a política fora conduzida durante a Iª República, causa de sua oposição durante o período.

O apoio ao governo, instalado com a Revolução de 30, termina com a renúncia do primeiro secretariado de João Alberto, interventor no Estado de São Paulo designado pelo governo central. Esta renúncia significava o rompimento dos membros do *PD* com o governo provisório, ato que o *OESP* acompanhou por estar ligado ideologicamente ao grupo paulista que havia apoiado a revolução de 30 e a indicação do interventor<sup>4</sup>. A crescente centralização do poder político nas mãos da União também deixava o periódico descontente com a política de Vargas, pois o *OESP* desejava a volta de São Paulo ao comando dos destinos políticos do país (CAPELATO, 1980).

O oposicionismo do *OESP* permaneceu por todo período Vargas, com alguns recuos com a Revolução de 1930 e durante a assembléia constituinte de 33/34, mas com acirramentos de posições em 1932 - com o Movimento Constituci-

---

<sup>4</sup> - A indicação de João Alberto fora recebida como uma traição de Getúlio Vargas ao *PD*, mas este fora aceito com muitas ressalvas por este grupo, que decidiu apoiá-lo por causa do momento político conturbado que o Brasil atravessava.

onalista - e durante o Estado Novo, em 1937. Esta relação conturbada com o governo central, durante o período Vargas, culminou com a prisão de Júlio de Mesquita Filho durante o Estado Novo, e com a interdição do *OESP* em 1940 pelo *DIP* (*Departamento de Informação e Propaganda*).

Como aponta Maria Helena Capelato, a linha editorial do *OESP* era fortemente marcada pelo regionalismo (ligado aos interesses do estado de São Paulo) e pelo liberalismo. Estes dois pontos percorrem todo o período, portanto o periódico estava ligado à um grupo social específico que almejava o desenvolvimento do país com São Paulo no comando dos interesses do Brasil, dentro de instituições políticas forjadas nos moldes liberais. O liberalismo só é abandonado em momentos extremos, onde este grupo enxerga algum perigo à ordem estabelecida, como por exemplo o comunismo, o socialismo e as agitações sociais. Para combater estas ameaças à ordem, este grupo social e, conseqüentemente o seu representante, o *OESP*, admitiam medidas extremas, que muitas vezes chocavam-se com o ideário liberal. Estas medidas sempre foram justificadas nas páginas do periódico como uma forma de manter uma ordem, a capitalista, que apesar de seus problemas era a única possível para o país alcançar o tão pretendido desenvolvimento econômico e político.

Com isso podemos dizer que o *OESP* estava intimamente ligado aos interesses do café, como afirma Capelato nesta passagem:

*"A preocupação do jornal se concentrava na busca de soluções para os problemas do café, visando uma política econômica capaz de assegurar maior estabilidade no mercado externo, ao produto que garantia a prospe-*

*ridade econômica de São Paulo e o lugar de hegemonia que ele desfrutava no cenário nacional. Os assuntos atinentes ao produto como balanço mensal (as vezes quinzenal) das exportações por Santos, cotações no mercado externo, problemas das pragas, debates sobre os órgãos diretores do café, política cafeeira do governo, etc., eram objeto quase que diário dos editoriais." (CAPELATO, 1980:68)*

Portanto, a imigração para o Estado de São Paulo, uma das principais questões deste trabalho, era também uma questão importante para o periódico e para o grupo que este representava. Capelato afirma que o *OESP* representava mais claramente a posição de uma parte da elite cafeeira, a das frentes pioneiras, que almejava a modernização da lavoura cafeeira, e em certo sentido defendia a imigração como uma das fontes de modernização desta cultura. A introdução do trabalhador europeu em substituição ao braço africano representava a modernização das relações capital-trabalho no país - não esquecendo que a opção pelo imigrante atendia também a uma carência de mão de obra escrava no sudeste brasileiro e uma alternativa ao encarecimento deste tipo de trabalhador, causado pelo fim do tráfico negreiro. Por outro lado, a entrada de trabalhadores europeus representava um componente importante para o "enobrecimento da raça brasileira", ponto fundamental para o desenvolvimento econômico, político e social do país num período que a questão racial era entendida como um fator determinante para a formação nacional.

Muitas vezes o *OESP* defendeu a imigração européia como forma de combate à carência de mão de obra que, em vários períodos, os cafeicultores enfrentaram. Mas o periódico entendia a imigração como um fenômeno mais complexo do

que um simples remédio para a falta de braços à principal cultura do estado. Entendia como um fator primordial para o desenvolvimento e mesmo para a formação da nação brasileira, pois este movimento demográfico poderia municiar o país de elementos eugenicamente superiores que seriam imprescindíveis para a formação e o desenvolvimento nacional.

Em outras palavras, o periódico entendia a imigração como a chance de o Brasil começar a caminhar nos trilhos da modernidade e do desenvolvimento, onde o elemento racial ocupava lugar de destaque, não colocando o foco da discussão nos problemas econômicos ou políticos, mas nos elementos biológicos. Portanto, se o Brasil desejasse o desenvolvimento econômico a imigração seria a maneira de modificar a composição racial brasileira, com a introdução de elementos eugenicamente superiores ou, em outras palavras, trabalhadores europeus que seriam recrutados em países como Itália, Portugal, Espanha e Alemanha. Esta posição muitas vezes foi desenvolvida nas páginas do *OESP*, que participou intensamente dos debates sobre o problema imigratório, como esta passagem da obra de Maria Helena Capelato, onde a idéia de eugenia é a base do argumento de um dos editoriais do jornal:

*“A vinda de negros para o Brasil causou reação mais acalorada. Quando a empresa Ford introduziu no Pará trabalhadores norte-americanos negros, o OESP protestou com indisfarçável racismo: naquele momento um contingente preto seria mais nocivo que útil à obras de civilização. Admitia a necessidade de “gente para os nossos sertões, mas de gente capaz de melhorar em todos os sentidos a população do país”. Desmentindo-se ao mentir, o jornal candidamente afirmou não ter preconceito de cor, mas considerou indesejável a presença de pretos, pois “não constituem fortes elementos de civili-*

zação, nem garantem `a raça tipos aperfeiçoados física, mental e moralmente". Por isso, declarou-se contrário a que o Brasil se tornasse "hospedeiro de raças decaídas, retardatárias, perseguidas ou infelizes. Não as queiramos para nós que recebemos da Providência a tarefa de povoar um território riquíssimo e de construir uma grande nação, coisas que só poderão ser logradas com massas humanas de primeira qualidade que já provaram sua capacidade civilizadora."(CAPELATO, 1989:79-80))

Esta posição do OESP refletia o pensamento de uma parte da elite brasileira, que estava preocupada em encontrar caminhos para o desenvolvimento nacional. Posições como esta eram professadas por outra parte, a intelectualidade, como podemos ver em obras como "*Raça e Assimilação*" de Oliveira Vianna, que defende teses muito parecidas com aquelas defendidas pelo jornal.

Nesta obra, o autor trabalha com o conceito de que a uma nação somente existe quando se tem um conjunto de indivíduos com um alto grau de homogeneidade racial, quando uma raça predomina sobre a outra, após um longo período histórico no qual as raças básicas se inter cruzam sendo possível definir qual tipo racial irá predominar na nação. E, enquanto este processo não ocorre, o sentimento de nacionalidade não surge, pois o povo será formado por indivíduos dos mais diversos tipos psicológicos e morfológicos, que contribuiriam para a não formação de um sentimento único, pois teremos indivíduos nos mais diversos estágios de civilização. (VIANNA, 1932)

Portanto, as posições relativas à imigração defendidas pelo OESP estavam próximas de dois grupos da elite brasileira; a da intelectualidade e a de latifundi-

---

<sup>5</sup> As partes grifadas da passagem referem-se ao editorial do OESP de 6/8/1929.

ários que viam a imigração como a salvação para a carência de braços na lavoura cafeeira. O periódico apoiava as iniciativas do governo de São Paulo que, atendendo os apelos dos cafeicultores, implementava a corrente imigratória Europa-Brasil, mas estava preocupado com a "qualidade" dos imigrantes que se dirigiam para o Brasil, no final do século XIX e início do XX.

A preocupação sobre a "qualidade racial" era baseada em preceitos científicos do período, que colocava como questão central da problemática social, o componente racial. A utilização de preceitos científicos aparece muitas vezes nas páginas do *OESP*, como por exemplo numa passagem onde Spencer e sua teoria são invocados. O trecho do editorial do *OESP* deixa transparecer que o problema do desenvolvimento era entendido como uma questão biológica e racial, pois a falta de homogeneidade, a que refere o texto é a racial e, como podemos constatar, a sociedade é entendida como um organismo vivo, emprestando da biologia algumas de suas noções.

*"tomado em seu conjunto, o Brasil não passa de um caso de embriologia social. Seus órgãos apenas agora começam a diferenciar-se. Está a maioria de seu território naquele estado a que chamou Spencer de homogeneidade indefinida e incoerente (...)" (OESP, 23/10/1927 in CAPELATO, 1989:80)*

Nada mais natural para quem defendia ,veementemente, a necessidade do desenvolvimento econômico e político, com a idéia que para isto seria fundamental a formação e a consolidação do país enquanto nação, não nos esquecendo que neste período a formação nacional e o seu conseqüente desenvolvimento dependi-

am do componente racial (ou, usando a terminologia da época, a etnia<sup>6</sup>), que deveria ser homogêneo dentro do país.

Portanto, a imigração fora uma das preocupações do periódico, que estava sempre voltado às questões nacionais com um forte viés paulista. Ela teve a sua importância, como tema de debate nas páginas do *OESP*, por justamente ser fruto de uma política governamental, que tinha por objetivo cuidar dos interesses cafeeiros, visto esta cultura ser a principal fonte de renda no país naquele período.

Com isso, afirmo que o *OESP* é uma fonte inesgotável para a compreensão, pelo menos em parte, das questões e discussões que existiam aqui naquela época. E além de ser principalmente um dos fomentadores de opinião nacional, onde diariamente eram discutidos os rumos do país.

## *IMPRESA E FUTEBOL*

Nesta parte do texto tentarei demonstrar como era feita a cobertura jornalística do esporte, em geral, e do futebol, em particular, nas páginas diárias da imprensa paulistana. O centro desta parte do texto, naturalmente, é o *OESP* que é a

---

<sup>6</sup> - A diferença entre raça e etnia, neste período, pode ser melhor compreendida com duas definições de Oliveira Vianna:

" *Psicologia das Etnias: ciência social, ramo da psicologia coletiva, estudando o que chamamos a 'alma dos povos', produto complexo, para cuja formação contribuem todas as forças elaboradoras da civilização e da evolução histórica dos povos: o meio fisiográfico, o clima, os agentes econômicos, os choques de culturas, as migrações, as lutas de classes, mil outros fatores, inclusive a 'raça', no sentido zoológico.*

*Psicologia das raças: ciência natural, ciência puramente antropológica, para a qual a raça é um fato biológico e psicologia da raça uma pura questão de psicofisiologia humana, nada tendo que ver, pelos menos imediatamente, com a psicologia dos grupos sociais (nacionalidade, povos, etnias).*" (VIANNA, 1932, pp. 27)

base de dados utilizada em minha pesquisa. Além do *OESP* utilizo-me das notícias publicadas em 1920 no periódico "*A Platea*", além de ter tomado contato com a cobertura do jornal "*O Correio Paulistano*" por 5 meses, nos anos de 1916 e 1917. Com esta base tentarei demonstrar, em linhas gerais, como a imprensa paulistana noticiava e entendia o esporte e, em específico, o futebol.

Em primeiro lugar, destaco que a cobertura jornalística não manteve as mesmas características durante todo o período estudado. Devido a sua extensão, que abrangeu as décadas de 10, 30 e 40, a forma da cobertura jornalística esportiva sofreu mudanças significativas. Podemos afirmar que no início do período estudado estava se forjando a imprensa esportiva brasileira, já que é justamente no início do século XX que o esporte brasileiro institucionaliza-se e torna-se atrativo para um número expressivo de pessoas.

Neste ponto divirjo de José Sérgio Leite Lopes (LOPES, 94) que afirma que a imprensa esportiva, como a conhecemos hoje em dia, aquela que não só noticia mas participa ativamente do esporte, acompanhando o dia a dia dos times de futebol, fora instituída em 1927 no Rio de Janeiro. Leite Lopes afirma que esta fora uma criação de um jornalista, Mário Filho<sup>7</sup>, que instituiu uma seção exclusiva para o esporte com especial atenção ao futebol, no periódico carioca "*A Manhã*". Este jornalismo passaria a acompanhar o cotidiano do esporte, com ênfase no futebol;

---

<sup>7</sup> - Mário Filho foi um dos mais destacados e conhecidos jornalista esportivo brasileiro, tanto que em sua homenagem o estádio do Maracanã, na cidade do Rio de Janeiro, tem como nome oficial "*Estádio Municipal Mário Filho*", além de ser o criador do primeiro jornal dedicado exclusivamente ao esporte, o "*Jornal dos Sports*", que perdura até os dias de hoje, em circulação na cidade do Rio de Janeiro.

para Leite Lopes isto criaria e despertaria o interesse dos leitores para jogos que ainda iriam ser realizados. Leite Lopes afirma, que antes de Mário Filho a imprensa se limitava a noticiar os resultados de jogos realizados, e que o acompanhamento diário dos clubes e seus preparativos para as próximas partidas ainda não eram usuais na imprensa brasileira, como indica nesta passagem:

*"Desde 1910, o Jornal do Brasil do Rio podia eventualmente dedicar uma página a um grande jogo de futebol, mas somente depois da realização da partida e quando o público já sabia o resultado e já havia feito seus comentários."(LOPES, 1994)*

Em minha pesquisa estas afirmações são desmentidas, pois desde o primeiro ano de funcionamento do *Palestra Itália*, o *OESP* contava com uma seção diária de esportes. Logicamente, esta parte do jornal não era a mais importante, mas destacava em muito as atividades esportivas da cidade de São Paulo, com as mais variadas notícias sobre os mais variados esportes. Em 1915, primeiro ano do levantamento, encontramos matérias sobre esportes como Turf, Futebol, Tiro, Pelota, Rowing (Remo), Lawn-Tennis, Patinação, Automobilismo, Hockey, Hipismo, Colombophilia (corrida de pombos) entre outros. E estas notícias não eram limitadas a resultados dos embates, sendo o centro das notícias o desenrolar diário do esporte institucionalizado da cidade.

Por exemplo, em 6/1/15, primeira notícia referente ao *Palestra Itália* de minha base de dados, o *OESP* noticiava a filiação do *Palestra Itália* junto à Associação Paulista de Sports Athleticos (*APSA*) e sobre seu pedido de inscrição para o campeonato do referido ano. Outro exemplo, que demonstra que a cobertura jor-

nalística não se limitava à publicação de resultados, aparece em 12/6/15. Sobre os preparativos da seleção paulista que enfrentaria os cariocas em 27/6/15 no Rio de Janeiro, pela *Taça Rio-São Paulo* oferecida pelo jornal "*Correio da Manhã*"<sup>8</sup>.

Só para termos uma idéia da importância deste jogo e como este fora coberto pelo periódico, durante o mês inteiro o jornal publicava repetidas vezes notícias sobre a preparação do "*scratch*". Estas notícias revelam uma grande preocupação com a formação do time, pois criticava e opinava palpites sobre a escalação ideal do selecionado paulista. O envolvimento da imprensa era tamanha que o *OESP* chegou a realizar uma enquete com os leitores para saber qual seria o time preferido pela população, forma muito parecida com os dias de hoje, onde jornais, como a "*Folha de São Paulo*" utilizando-se do "*Datafolha*", realizam pesquisas sobre os mais variados temas do esporte.

Este espaço para o futebol era proporcional ao interesse dos eventos, como quando o jornal abriu um grande espaço para a disputa de outra partida entre paulistas e cariocas. Durante o mês publicou notícias sobre o jogo que se realizaria em 7/11/15, em São Paulo<sup>9</sup>, e não se limitou a um papel passivo de somente publicar informações sobre estes preparativos, mas comentou a escalação, realizou campanhas pela escalação de alguns jogadores que foram preteridos, e novamente

---

<sup>8</sup> - O selecionado paulista venceria esta partida contra os cariocas por 2 a 1, segundo notícia publicada pelo *OESP* em 28/6/15, um dia após a realização da partida. Esta notícia contava com um relato pormenorizado do jogo e a publicação de cinco quadros estatísticos sobre todos os encontros dos dois selecionados desde 1901. E esta notícia extrapolava o tamanho normal das matérias sobre futebol, demonstrando a importância dada ao jogo pelo periódico.

<sup>9</sup> - Desta feita a o selecionado paulista derrotara os cariocas por 8 a 0, feito que fora publicado em tom de desforra, e que revelava a grande rivalidade entre o futebol paulista e o carioca.

efetuiu uma enquete com os leitores para saber qual seria o time que o povo desejava, além de publicar estatísticas sobre os confrontos entre Rio e São Paulo.

Este tipo de cobertura jornalística não se limitava a eventos interestaduais que, por seu caráter, poderiam despertar um maior interesse nos leitores e na população em geral. Mas a imprensa dava um certo destaque aos campeonatos da cidade, tanto que em 1915 e 1916 o *OESP* cobria o desenrolar de dois campeonatos de futebol que se realizavam na cidade de São Paulo, o da *APSA* e da *Liga Paulista de Football*. O caráter desta cobertura, também, não era passivo, pois os periódicos se posicionavam frente às mais diversas questões do futebol.

Tal fato pode ser constatado na publicação de 27/2/16 quando noticiava que o *Wenderers*<sup>10</sup> fora excluído do campeonato da *APSA*, por falta de recursos e estrutura, e a admissão do *Palestra Itália* como participante do campeonato organizado por esta entidade. Esta notícia não se limitava à reprodução das decisões da *APSA*, mas criticava os critérios utilizados, que não foram muito claros, segundo o jornal e levantava dúvidas se o *Palestra Itália* seria a associação mais credenciada para assumir a vaga aberta com a exclusão do *Wenderers*.

Outra notícia que revela o caráter crítico e ativo da imprensa paulistana é um artigo publicado em 25/5/16 na seção de esportes do *OESP*, que versava sobre o problema do profissionalismo no futebol e sobre uma deliberação das federações carioca e paulista sobre a tentativa de não aceitação de operários nos campeonatos.

---

<sup>10</sup> - O *Wenderers* era um time tradicional da cidade de São Paulo, constituído por ingleses e seus descendentes, característica comum aos primeiros times brasileiros, como será demonstrado no capítulo 3.

Este artigo que demonstra o liberalismo do periódico num lugar inesperado critica ferozmente a *APSA* e *Confederação Metropolitana de Football* (Rio de Janeiro) que tentavam impedir operários de serem considerados amadores, vetando-lhes à atuação em clubes filiados, já que estas somente aceitavam em seus quadros jogadores amadores. Aproveito para reproduzir uma parte deste artigo:

*" Parece incrível que aqui, no Brasil paiz que se orgulha, merecidamente, dos principios liberaes e democraticos, em todas as suas leis e em todas as suas manifestações sociaes, possa ainda ter tolerado, que, na Capital Federal e no Estado de São Paulo fiquem consignadas as absurdas exclusões dos operarios, do direito de serem considerados amadores.*

*A igualdade do direito civil estende-se hoje a todos os cidadãos e, nenhuma restrição pode ser feita nas manifestações de ordem geral e publica, dentre as quaes, as sportivas occupa um logar de destaque e de reconhecida utilidade nacional.*

*A todos os cidadãos, a qualquer classe, a que elles possam pertencer, assiste o direito de aspirar os mais elevados cargos sociaes, quer scientificos ou religiosos, quer militares ou publicos.*

*É por isso risivel, pôr em discussão o direito dos operarios, ou qualquer outra classe social de participar na vida sportiva do paiz. (...)" (OESP, 25/5/1916)*

Portanto, afirmo que a imprensa paulistana, além de publicar diariamente notícias sobre o funcionamento do esporte, participava ativamente em forma de crítica dando-lhe um papel importante na vida social da cidade, do estado e do país. A visão desta imprensa sobre o esporte extrapolava os campos e quadras desportivas, entendendo-o como um componente importante na educação moral e cívica da população, como podemos constatar em outra passagem do *OESP*:

*"Esse gesto do sr. prefeito municipal demonstra bem quanto s. exa. se interessa pelo problema da educação physica de nossa mocidade, para qual todos os homens*

*da administração pública devem voltar, neste momento mais do que nunca, as suas vistas" (OESP, 15/11/1917)*

No trecho acima, o jornal parabeniza Washington Luís, prefeito da cidade de São Paulo em 1917, por este ter oferecido e, conseqüentemente, criado a "Taça Cidade de São Paulo", torneio que seria disputado em 1918. Esta passagem deixa transparecer a importância que a imprensa atribuiu ao esporte quando afirma que a educação física deveria ser uma preocupação de nossos homens públicos. Ao reiterar que naquele momento a preocupação sobre esta questão deveria aumentar, o periódico refere-se a Iª Guerra Mundial por julgar que nesse momento extremado os valores e aptidões de um povo devem ser estimulados, papel que a educação física deveria assumir.

Em outra passagem destaca-se a importância do esporte enquanto educação física, e ainda nos remete a outra questão - desenvolvida noutra parte do texto - que a imprensa julgava ser de suma importância, o profissionalismo no esporte:

*"(...) Nós vivemos numa democracia e numa democracia na qual a educação física é necessidade imperiosa, devendo ser intensificado e generalizado o mais rápido possível o bom exemplo das competições esportivas. Por isso, toda e qualquer tentativa para aristocratisar o esporte, para 'selecioná-lo', favorecendo os que dispõem em melhores meios de fortuna é sumamente odiosa, resulta prejudicial aos próprios interesses do esporte.(...)" (OESP, 18/12/1920)*

Como podemos ver, o esporte não era somente encarado como uma forma de recreação ou atividade lúdica da burguesia, se atentarmos para o fato de que no início deste século era esta classe social que criou e institucionalizou a prática es-

portiva no Brasil (SEVCENKO, 1992; ROSENFELD, 1993, LOPES, 1994). A imprensa entendia o esporte como um meio de educação de nosso povo, principalmente os das classes menos abastadas, tanto que recomendava a intensificação e a generalização das competições esportivas para todas as classes sociais, com especial atenção para o proletariado, constatado em mais uma passagem:

*"Se ha grupos de esportistas que mereçam todo o apoio da imprensa e dos elementos officiaes, são estes constituídos de rapazes, que na vida se dedicam a actividades productivas. Foi para esse um que se propagou o futebol, o tennis, o atletismo... . Os esportistas têm muito mais valor quando, alem de suas qualidades physicas, cumprem uma missão util na sociedade."*  
(OESP, 27/3/33)

O entendimento do esporte enquanto educação física, onde o futebol teria destaque especial devido ao número de adeptos, afinava-se com o pensamento da intelectualidade do período. A educação física seria um dos pontos importantes para o desenvolvimento nacional, devido à sua capacidade de formar indivíduos sadios, fortes e eugenicamente superiores, que colaborariam com a formação étnica brasileira. Principalmente na década de 30, esta forma de entender o esporte como elemento edificante da "raça brasileira" encontrava adeptos entre intelectuais brasileiros, como Fernando Azevedo e Azevedo Ramos, estudiosos da educação física, que afirmavam que a formação de uma raça que contasse com elementos fortes e sadios, seria condição essencial para o desenvolvimento nacional, fato constatado nestas passagens:

*"'Progredir ou desaparecer' que significará isto, senão regenerar ou desaparecer! A regeneração phisica é incontestavelmente um dos maiores fatores do progresso,*

*se não for, talvez, este próprio progresso.*"(AZEVEDO, 1936)<sup>11</sup>

*"Uma vez introduzida pela educação no hábitos do país, a prática desta cultura física, sustentada durante uma série de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses morbidas, locupletando-a, progressivamente, pela criação incessante de indivíduos robustos. 'Os mortos governam os vivos'. As gerações de amanhã apuradas, 'por sistema', pela educação física - afinadora da raça e colaborador do progresso - imprimiriam assim, nas que lhe sucedessem, o cunho de seu carácter, para que pudessem, 'com aumento do patrimônio biológico hereditário', aperfeiçoar ainda mais a natureza humana."* (RAMOS, 1936)<sup>12</sup>

Estas passagens são da década de 30, mas a idéia do esporte como educação física que ajudaria na formação da raça brasileira aparece nas páginas diárias da imprensa paulistana desde da década de 10, como exemplifiquei sendo compreendido como uma manifestação interessante à pátria, e não como um fenômeno restrito à uma classe social. O acesso ao esporte deveria ser estendido à toda a população; com essa idéia compreendemos a razão das críticas feitas em 1933 pelo OESP à tentativa de restringir a entrada de operários como atletas no futebol. Outra passagem, agora extraída do editorial da *Revista Educação Física*, onde vários intelectuais colaboravam, serve-nos para elucidar este raciocínio:

*" Educação Física tem como escopo, ademais de ser o órgão coordenador da campanha em prol do fortalecimento do nosso povo, da eugenia de nossa raça, ser o elemento diffusor de ensinamentos racionais, produtores, que façam dos brasileiros homens fortes, saudáveis.*

*Propugnamos pela hygienez de nossos patrícios, pela diffusão tão necessária da educação física, que é o*

<sup>11</sup> - In BERCITO, 1991, pp.108.

<sup>12</sup> - Idem, pp.109.

*fator mais decisivo do aprimoramento ethnico.*"  
(EDUCAÇÃO PHYSICA, 1937)<sup>13</sup>

Portanto, a imprensa paulistana via com muito bons olhos as manifestações esportivas, pois a educação física atenderia às aspirações tanto da imprensa como da grupo social que esta representava - a elite preocupada com o desenvolvimento nacional que, segundo a visão do período, somente seria atingido com o aperfeiçoamento racial do brasileiro. E o esporte - ainda mais um esporte que despertava tanto interesse em todas as camadas sociais, como o futebol - era entendido como uma via para esta formação racial, devido a seu caráter educador e civilizador.

Esta idéia do esporte como educador e civilizador do povo brasileiro fora importada da Europa, onde a educação física era fortemente ligada às teorias eugênicas de Gobineau e outros intelectuais. O esporte traria aos povos hábitos saudáveis e higiênicos que os tornaria sadios e civilizados, como apontavam alguns estudiosos da questão, que muitas vezes remetiam-se aos exemplos europeus, mesmo que os paradigmas aproximassem dos idéias nazi-fascistas, como podemos observar nesta passagem de um artigo Jayr J. Ramos, publicado na *Revista de Educação Física* em 1941:

*" O aperfeiçoamento físico de um povo não constitue coisa nova. O exercício físico, praticado na Suécia pelo método de Ling, em menos de um século afastou o grosso das populações suecas das tavernas e elevou de alguns centímetros a altura média de seus componentes. Os ingleses também já ensinaram ao mundo, como após uma ou duas gerações, indivíduos barrigudos e pesados, como eram os seus antigos mercadores podem-se tornar destros e musculosos...*

---

<sup>13</sup> - Idem, pp.106.

*... o moderno método alemão de educação física bastante eclético e com características acentuadamente utilitárias e guerreiras, transformou bastante o antigo tipo racial para o tornar, além de audaz e vigoroso, longilíneo, veloz e flexível." (RAMOS, 1941)<sup>14</sup>*

O futebol, especificamente, era visto com bons olhos pela imprensa paulistana, por ser considerado uma modalidade da educação física. Mas era uma modalidade especial, pois conseguia atrair a atenção de milhares de pessoas, e causava grandes rivalidades.

Estas rivalidades poderiam acontecer entre os mais diversos clubes da cidade<sup>15</sup> e entre selecionados estaduais, abrindo espaço para que outros aspectos da vida social viessem à tona. Como o caso da rivalidade entre São Paulo e Rio de Janeiro; o futebol tornaria possível que as duas principais cidades do país medissem suas forças, dentro da esfera esportiva. Competição que na realidade extrapolava os limites do campo de jogo, pois o que estava em jogo era o prestígio e as qualidades das duas cidades. Isto ocorria em os encontros entre equipes das duas cidades, e com mais intensidade nos encontros entre os respectivos selecionados.

A imprensa paulistana abria um bom espaço em suas páginas quando estes encontros interestaduais se realizavam. Como já foi apontado, a cobertura jornalística não se limitava ao dia do jogo, envolvendo toda uma expectativa. A imprensa acompanhava a escalação, os treinos do selecionado paulista, cobrindo todos os

---

<sup>14</sup> - Idem, pp.112

<sup>15</sup> - No início do período as rivalidades existentes entre os clubes da cidade de São Paulo a que mais se destacou foi entre *Palestra Itália* e *Paulistano*. Os embates entre estas duas equipes serão analisados no capítulo V. Na década de 30 as rivalidades estavam centradas em três equipes paulistanas: *Palestra Itália*, *Sport Club Corinthians Paulista* e *São Paulo Futebol Clube* (conjunto que fora apelidado como "*Trio de Ferro*"); rivalidade que perdura até os dias de hoje.

preparativos para o jogo, e criando um clima de ansiedade que envolveria a partida. Nesta cobertura, a rivalidade muitas vezes se apresenta muito claramente, pois a imprensa era uma de suas fontes.

Estes jogos despertavam uma enorme expectativa, pois as matérias jornalísticas sobre os jogos entre paulistas e cariocas iniciavam-se com um mês de antecedência da partida. A importância destes eventos, durante o período, parecem ter a mesma intensidade, pois a forma de cobertura não se diferencia em muito dos anos 10 para os anos 30. Mantendo-se o interesse pelos jogos, a imprensa publicava a escalação do "scratch" paulista, sempre tecendo comentários sobre as qualidades dos jogadores, e quase sempre discordando de alguma convocação, lembrando nomes preteridos. Uma das grandes preocupações, que foram fonte de grandes críticas, era a organização do time e a preparação da equipe para os embates. Frequentemente a imprensa atribuía os problemas à *APSA*, que era criticada por sua desorganização e uma aparente despreocupação para com o jogo. E quando o "team" paulista sofria alguma derrota, esta era sempre atribuída à organização realizada pela associação, que muitas vezes fora acusada de descaso, por, segundo a imprensa, ter demorado muito para a convocação e para a realização dos treinos do selecionado.

Esta despreocupação da associação para com os jogos contra a equipe da cidade do Rio de Janeiro, era fortemente criticada, justamente por causa da rivalidade entre as duas cidades. Pois era inadmissível para a imprensa que um embate com o Rio de Janeiro, São Paulo não se apresentasse com toda a sua força. Como

foi apontado, estes embates representavam muito mais que uma vitória no campo desportivo; era a oportunidade de São Paulo mostrar a sua força perante a cidade que sediava a República brasileira. Era como se São Paulo, estivesse enfrentando a União, que tantas vezes a imprensa paulistana, em especial o OESP, criticara por seu posicionamento contra os interesses paulistas.

Estes encontros desportivos, que aparentemente se limitavam ao campo de jogo, se revestiam de outros sentidos em outras esferas da vida social. As notícias levantadas em minha pesquisa, sobre estes embates, revelam que a imprensa esportiva entendia-os como de vida ou de morte para o sentimento e o brio paulistano. Esta visão somente seguia a tendência geral da imprensa paulistana, que considerava São Paulo, como a "locomotiva" que conduziria vinte e poucos vagões. Portanto seria muito difícil a imprensa encarar as vitórias no futebol como simplesmente feitos esportivos, e o mesmo aplicar-se-iam às derrotas que porventura acontecessem.

Um fato que nos aponta a importância dada aos encontros entre Rio e São Paulo, é o convite a diversas autoridades para assistirem aos embates. Fato constatado com o convite da APSA, em 1917, para o jogo entre paulistas e cariocas que se realizaria em 27/7, como o Sr. Presidente do Estado, diversos secretários de estado e o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves. Em 1933 fato idêntico acontece quando da realização de outro encontro entre paulistas e cariocas, ocasião onde foram convidados as seguintes autoridades estaduais: Dr. Armando de Salles Oliveira (interventor federal), Dr. Mário Masagão (secretário de justiça), Dr. Valdomiro

Silveira (secretário do interior), Dr. Francisco Alves dos Santos (secretário da fazenda), Dr. Alberto Netto (secretário da viação), Dr. Antônio Carlos de Assumpção (prefeito), Dr. Mário Guimarães (chefe de polícia), Gal. Daltro Filho (comandante da IIª região militar), Alkindar Pires Ferreira (comandante da Força Pública) e Dr. Leite de Barros (1º delegado auxiliar).

A imprensa paulistana, no período estudado, também deve ser entendida como um ator que defendia os "elevados interesses do esporte". Esta defesa consistia num acompanhamento e, a conseqüente, fiscalização das atividades institucionais do futebol, que eram exercidas por associações, federações ou confederações nos níveis municipal, estadual e federal. Este posicionamento da imprensa paulistana, frente aos problemas institucionais do esporte brasileiro, está ligado ao entendimento do esporte como um dos elementos importantes da educação do povo brasileiro. Com isso, a imprensa preocupava-se com os rumos do esporte nacional, e, portanto, eram muito freqüentes críticas às atuações das mais diversas entidades que organizavam e administravam o futebol e o esporte no país. O principal alvo da imprensa paulistana era a Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA), que era a entidade responsável pela organização do esporte no estado de São Paulo.

A APSA, durante o período estudado, fora a principal entidade do estado, somente no início do período a responsabilidade pela institucionalização e a conseqüente organização do esporte paulista fora dividida com a Liga Paulista de Football. Em 1917, como atesta a notícia publicada pelo OESP em 14/1, a Liga e

APSA fundiram-se, mantendo-se o nome da segunda entidade, para organizarem o campeonato daquele ano. Com isto o torneio da primeira divisão de São Paulo daquele ano seria disputado entre os times filiados à APSA<sup>16</sup>, somando-se a estas as equipes do Sport Club Corinthians Paulista e o Sport Club Internacional. Portanto, a partir de 1917, era a APSA quem conduziria os rumos do esporte paulista, e tornar-se-ia o alvo predileto da imprensa paulistana em suas críticas sobre o desenvolvimento e a organização do esporte paulista.



Este capítulo tentou demonstrar as principais idéias que norteavam a linha editorial do OESP, para ficar claro quem é, e como pensa o narrador da fonte que utilizei para reconstruir a história do *Palestra Itália*.

Podemos ver que este narrador não só representa, como formula, o ideário de uma parte considerável da elite paulistana. Grupo de extrema importância para este estudo, pois a associação em questão manteve um contato muito estreito com esta, e se tornou um dos componentes de algo que até então era-lhe exclusivo - o futebol.

O *Palestra Itália* fora fundado com o objetivo de ser atuante no esporte paulistano, através de um time de futebol, seara que fora forjada pela elite, e que

---

<sup>16</sup> - Os times filiados a APSA e que disputariam o campeonato de 1917 eram os seguintes: Mackenzie, *Palestra Itália*, Associação Athletica São Bento, Club Athletico Paulistano, Santos Football Club, Club Athletico Ypiranga e Associação Athletica Palmeiras.

no período estudado ainda a comandava. Com isso, esta associação torna-se uma intrusa no cenário esportivo da cidade de São Paulo, pois a base deste time, diferentemente dos outros integrantes da *APSA*, era formada por imigrantes italianos, que, certamente na sua esmagadora maioria, não fazia parte das classes abastadas de nossa sociedade.

Como o objetivo deste trabalho é justamente tentar entender o relacionamento de um grupo imigrante com a sociedade de adoção, além de procurar entender o papel desta associação na formação da imagem do grupo perante esta sociedade, considero o *OESP* como uma fonte válida para este entendimento, pois este representava justamente o pensamento de uma parte da elite paulistana, aquela que justamente tinha discutido e implementado o fenômeno imigratório no Brasil. Portanto, utilizo-me de uma fonte que tinha uma idéia definida sobre a imigração, que entendia esta como um dos componentes necessários para o desenvolvimento econômico e político do país - e não somente como uma solução para um problema de oferta de braços para o mercado de trabalho. Como foi demonstrado, esta idéia era balizada por um ideário liberal, muito peculiar, e ao mesmo tempo racista e eugenista.

O periódico enxergava a imigração de europeus como uma forma de modernização das relações capital-trabalho<sup>17</sup>, como um fator que regularia o mercado

---

<sup>17</sup> - A modernização das relações capital-trabalho no Brasil do final do século XIX significava tão somente a introdução do trabalho assalariado, que não se traduzia num avanço nas condições de trabalho. Os imigrantes quando aqui chegaram encontraram uma economia baseada na monocultura, onde as condições de trabalho não diferiam em muito das condições dos escravos. (ALVIM, 1986; CECCHI, 1957; IANNI, 1963; LUIZETTO, 1975; RIBEIRO, 1985)

de trabalho, criando e mantendo um exército de reserva<sup>18</sup> (CAPELATO, 1989; HALL, 1989); e como um fenômeno que geraria as condições necessárias (raciais) para o desenvolvimento brasileiro, além de vislumbrar os imigrantes como os substitutos do braço escravo, pois a imigração brasileira realizou a substituição de um trabalhador (escravo) por outro (imigrante), fenômeno diferente de outros lugares onde a imigração resolvia o problema da inexistência de mão de obra. No Brasil, devido à uma opção que levou em conta as teorias racistas e eugenistas, a população nativa - composta por negros e mestiços - fora preterida pelos elementos advindos da Europa.

Outro ponto importante demonstrado, é a defesa que o jornal realizava, dos interesses da lavoura cafeeira. Portanto, a imigração e, conseqüentemente, os imigrantes eram questões que estavam na pauta do dia para o periódico, pois, como sabemos a imigração fora fruto de políticas públicas, elaboradas pelo governo do estado de São Paulo atendendo aos interesses dos cafeicultores. Com isso, a imigração seria um dos temas relevantes que *OESP* trataria em suas páginas.

Considero, então, que para a tentativa de compreender o relacionamento da sociedade paulistana com um grupo social específico, como os imigrantes, as páginas diárias do *OESP* nos dão uma amostra significativa do pensamento dominante

---

<sup>18</sup> - Esta idéia de manutenção de um exército de reserva aparece nos editoriais do jornal, como por exemplo neste trecho que discorre sobre a necessidades de grande quantidade de trabalhadores enquanto a lavoura cafeeira não se mecanizava: "*Ora sem braço em grande cópia não há possibilidade de se baixarem os salários: a raridade dos braços eleva-lhes os preços*" (*OESP*, 21/6/1928 in CAPELATO, 1989)

no período, além de o jornal contar com uma seção diária de esportes, onde o *Palestra Itália* era um dos alvos da cobertura jornalística.

A imprensa paulistana do período possuía uma noção definida sobre o esporte, que era entendido como educação física, parte integrante e necessária para a educação do povo brasileiro, dentro dos padrões de "civildade". Existentes nos países desenvolvidos economicamente, como os europeus e os Estados Unidos da América.

E devido a esta noção esporte/educação física, a imprensa paulistana na primeira metade deste século preocupava-se muito com os rumos do esporte nacional e, em especial, o paulista. Portanto, a cobertura jornalística era balizada por esta noção de esporte como educador e civilizador, de um povo em formação que necessitava de valores e, principalmente, de tipos físicos eugenicamente superiores para que fosse possível a construção da nação brasileira.

## CAPÍTULO 3

### O “MATCH” FUTEBOL E ESPORTE EM SÃO PAULO

---

#### *O INÍCIO DO FUTEBOL EM SÃO PAULO*

**N**o final do século passado e no início deste século iniciava-se a institucionalização do esporte moderno, processo que criaria sua estrutura formal moderna somente na década de 20 e 30 com a estruturação em uma atividade altamente competitiva e profissional nos moldes que atualmente conhecemos. O grande impulso do esporte moderno ocorreu na Europa, em especial na Grã-Bretanha, para depois ser introduzido em todas as partes do mundo. Esta expansão, que atingiu e atinge todos os continentes do planeta, ocorreu pelas mãos dos próprios europeus, geralmente ingleses, que residiam nas mais diversas regiões do mundo e, muitas vezes, por seus descendentes.

Estes introdutores do esporte não podem ser considerados imigrantes, pois estas pessoas estavam presentes nas mais diferentes regiões por razões diversas. Estes indivíduos, geralmente, estavam ligados à administração das primeiras empresas multinacionais do mundo que, na maioria, eram inglesas. Estes, portanto, eram burocratas que estavam espalhados pelo mundo com a função de cuidarem dos interesses econômicos de empresas que mantinham suas matrizes na Europa. Por causa deste perfil diferenciavam-se da grande massa de europeus imigrantes

presentes, principalmente na América, como mão de obra fundamental para países como Brasil, Argentina e E.U.A..

Estas pessoas mantinham estreitas relações com seus países de origem, mantendo um contato intenso com o continente europeu, sendo uma prática comum mandarem seus filhos estudar na Europa. Este contato fez com que muitos costumes e modos de vida europeus se espalhassem pelas mais diversas regiões do mundo, em especial quando analisamos o caso latinoamericano, onde o Brasil sempre se destacou.

No caso brasileiro, a presença de ingleses na economia, no início deste século sempre foi muito marcante. Muitos dos investimentos realizados para o desenvolvimento da economia brasileira foram realizados pelo capital europeu, com um certo destaque para o inglês. Como podemos constatar quando analisamos a formação da malha ferroviária nacional, investimento necessário para o escoamento da produção nacional, que no período se restringia à bens primários, com especial importância para o café, que fora realizado com capital estrangeiro com predominância da libra esterlina. (DEAN, 1971; CANO, 1983)

Portanto, o intercâmbio entre Brasil e Europa, sem contarmos o processo imigratório de massas, fora intenso, tendo papel destaque os funcionários estrangeiros das empresas européias. Soma-se o fato da elite brasileira ter sempre seus olhos voltados para o velho continente onde esta fora buscar o modelo e os padrões de vida, além de sofrer grandes influências literária, artística e científica (SEVCENKO, 1992; CARVALHO, 1990). Afirmo que a elite brasileira somente

consideraria alguma manifestação social legítima se esta tivesse raízes e origens em algum país europeu, com especial atenção às idéias vindas da França e da Inglaterra<sup>1</sup>.

Foi neste cenário que o esporte foi introduzido e institucionalizado no Brasil, tornando as mais variadas modalidades de esporte em modismo dos centros urbanos no início do século. Esportes que atualmente pouco conhecemos, ou mesmo ignoramos, como o *cricket*<sup>2</sup> e a *pelota*<sup>3</sup> foram, no final do século XIX e no início do XX, verdadeiras febres nos dois grandes centros urbanos do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Estas modalidades chegavam no Brasil, geralmente pelas mãos de europeus ou de seus descendentes residentes no país encontrando muitos adeptos e tornando-se moda entre a juventude dos centros urbanos, como podemos constatar nesta passagem da obra de Antônio Figueiredo, "*Historia do Foot-Ball em São Paulo*" de 1918:

*"Os sports, em São Paulo, foram assim. A principio esteve em voga o jogo da pela<sup>4</sup>. Quem, dos actuaes moços, não andou em creança com uma camisa de malha, calças brancas, uma boina petulante na cabeça e uma*

<sup>1</sup> - No terreno esportivo um bom contraponto a esta questão seria o estudo da capoeira como esporte, visto esta prática, durante um grande período no Brasil, ter sido proibida e a sua origem não é européia, pois fora trazida do continente africano pelos escravos. José Murilo de Carvalho, quando analisa a Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro, aponta como a capoeira era entendida e reprimida pelo Estado brasileiro (CARVALHO, 1987). Acho que um estudo específico sobre o problema da capoeira, no Rio de Janeiro ou em Salvador, levantaria questões importantes e elucidativas sobre como a elite brasileira entendia as manifestações sociais e culturais populares com origens não européias.

<sup>2</sup> - A história do *cricket* mundial nos dá uma boa idéia da influência inglesa em diversas regiões do mundo. Se fizermos um mapeamento dos países onde o *cricket* é praticado e tem grande popularidade nos dias atuais, podemos refazer, em parte a história do império britânico e suas influências. O *cricket* atualmente só é popular na Grã-Bretanha e nas antigas colônias inglesas ou regiões com forte presença inglesa no final do século XIX e início do XX, como África do Sul, Índia e Paquistão.

<sup>3</sup> - A pelota, ou pelota basca, é um jogo originário da Espanha onde, até hoje é praticado, realiza-se em uma sala, onde o objetivo é lançar uma pequena bola contra uma parede, longe do alcance do adversário, que tenta agarrá-la com a ajuda de uma cesta.

<sup>4</sup> - Este provavelmente era o apelido popular para o jogo de pelota.

*cestinha na mão? Era a novidade, a elegancia da epoca. Os frontões<sup>5</sup> medravam de maneira espantosa -- todas as paredes serviam para os recreios da petisada. Familias não cuidavam de outro divertimento: tolo era quem trocava uma "quiniella" renhida por um espectáculo de teatro, qualquer que elle fosse. Importado da Hespanha, tres annos, quando muito, durou o delirio pelo sport da pelota. Dahi a nada, não se falava mais nesse jogo." (FIGUEIREDO, 1918:3)*

Este era o quadro no início dos esportes brasileiros; modalidades como o tiro, a pelota, o rowing (remo), o lawn-tennis, a patinação, o hockey, o hipismo, a colombophilia (corrida de pombos) foram introduzidos no Brasil e tiveram seus momentos de glória. Estas modalidades citadas, que atualmente estão restritas a um pequeno grupo de aficionados, ou mesmo não são mais praticados, despertavam interesses entre a população dos centros urbanos, tanto que na década de 10 eram fontes de notícias para os periódicos<sup>6</sup>.

O futebol também fazia parte deste cenário, sendo introduzido por Charles Müller, um brasileiro descendente de ingleses que, ao retornar de uma temporada de estudos na Inglaterra, trouxera em sua bagagem uma bola e os uniformes para duas equipes. Müller havia se tornado um praticante do futebol durante sua estada na Grã-Bretanha, estreando em partidas oficiais contra o temível *Corinthians*<sup>7</sup>

<sup>5</sup> - Campo de jogo de pelota.

<sup>6</sup> - Todas estas modalidades eram acompanhadas pela imprensa diária paulistana na década de 10 deste século, com alguns periódicos mantendo colunas diárias sobre a prática destas na cidade, como aponto no capítulo 2.

<sup>7</sup> - No final do século XIX e início do XX o *Corinthians* era o time, ainda amador, mais famoso e poderoso da Inglaterra. Esta equipe em 1910 excursionara pelo Brasil, fato que animou em muito os *sportmen* paulistanos, tanto que neste mesmo ano fundou-se no Bom Retiro um time de características populares com o mesmo nome, o *Sport Club Corinthians Paulista*; nos dias atuais, tem uma das maiores e mais apaixonadas torcidas do Brasil e, no decorrer, de sua história tornou-se o grande rival do Palestra Itália (atual *Sociedade Esportiva Palmeiras*).

de Londres atuando como *forward*<sup>8</sup> do selecionado do condado *Hampshire* e integrando, durante um bom tempo, a equipe do *Southampton*, time da cidade de mesmo nome, onde Müller residia na Inglaterra (MAZZONI, 1950).

Charles Müller quando retorna ao Brasil com o equipamento básico para a prática do *football association*<sup>9</sup> tinha por intenção introduzir aqui esta modalidade, pois era um país onde a prática esportiva começava a ser difundida, principalmente dentro da pequena colônia inglesa formada por funcionários de empresas britânicas situadas em São Paulo, com destaque para o *cricket*. Para esta empreitada Müller arregimentou alguns funcionários da *Companhia de Gás*, do *London Bank* e da *São Paulo Railway* (companhia que construiu e explorava o transporte ferroviário entre Jundiaí e o porto de Santos) e realizou o primeiro jogo de futebol em terras brasileiras, mais especificamente na Várzea do Carmo<sup>10</sup>.

Müller desejava não só uma partida, mas a prática institucionalizada do esporte na cidade; para isto, leva-a para dentro do *São Paulo Athletic Club*, associação esportiva e recreativa integrada por ingleses e seus descendentes, para que este fosse praticado pelos associados que no período dedicavam-se ao *cricket*. Uma vez convencidos, realizaram outra partida em 15 de abril de 1895 com os sócios do

---

<sup>8</sup> - Denominação do jogador que atuava como o adiantado do time, hoje em dia conhecido como centroavante.

<sup>9</sup> - *Football Association* é a denominação inglesa para o esporte, tanto que a federação internacional é denominada *FIFA (Federation International Football Association)*; nos Estados Unidos da América, o futebol é chamado de *soccer*, pois o *Football* é a denominação de outro esporte o *Football American* (a variação americana do *rugby* inglês), enquanto que na Itália é chamado de *calcio*.

<sup>10</sup> - A Várzea do Carmo situa-se onde atualmente é o bairro do Brás em São Paulo; em 1895 este era um dos lugares possíveis para a prática do futebol, pois situa-se na várzea do rio Tamanduateí um local plano e desabitado, perfeito para se tornar um campo de futebol.

*São Paulo Athletic Club* divididos em dois *teams*, denominados *The Team do Gaz*, integrado por associados que eram funcionários da Companhia de Gaz, e *The São Paulo Railway Team* com a equipe composta por aqueles que eram funcionários da *São Paulo Railway*. E, aos poucos, Charles Müller organiza a equipe do *São Paulo Athletic Club*, equipe em que atuou como destacado atleta até 1910<sup>11</sup>.

Mas para que a prática do futebol tomasse corpo na cidade de São Paulo era necessária a existência de adversários; neste ponto da "pré-história" do futebol surge outro nome importante, Hans Nobiling, e uma instituição, o colégio *Mackenzie*, que marcaram a história do futebol paulistano.

Hans Nobiling era um jovem jogador de futebol do *Germania* de Hamburgo, que em 1897, chegara à São Paulo como comerciante, com a idéia de propagar o futebol no país, tanto que em sua bagagem trouxera os estatutos do clube alemão que integrava. Com isso consegue reunir jovens que, mais tarde, dariam origem ao *Sport Club Germânia* e ao *Sport Club Internacional*<sup>12</sup> com o objetivo de praticar o esporte na cidade.

Um pouco antes de Nobiling reunir algumas pessoas, o futebol, já era praticado pelos alunos do *Mackenzie College*, principalmente nos intervalos das aulas.

---

<sup>11</sup> - Podemos afirmar que Charles Müller foi o primeiro craque brasileiro; a literatura esportiva do período o aponta como um exímio jogador e lhe atribuem a invenção de uma jogada no futebol, a "chaleira"; esta consiste em um chute dado com o pé trocado, onde o pé passa por detrás da perna de apoio do jogador

<sup>12</sup> - Os integrantes da equipe de Hans Nobiling decidiram em 1899 fundar uma associação; na reunião de fundação houve divergências sobre o nome do clube. Hans Nobiling desejava que se chamasse Sport Club Germânia, mas a maioria dos integrantes optou por Sport Club Internacional devido às diversas nacionalidades dos integrantes da equipe. Como Nobiling não concordou com a denominação, este optou pelo rompimento e, um mês após esta reunião, este fundava o Sport Club Germânia (MAZZONI, 1950).

Este colégio, como o próprio nome aponta, era integrado por ingleses ou seus descendentes e por filhos da elite paulistana; com isso havia na cidade de São Paulo três grupos distintos formando o núcleo inicial do futebol paulistano, principalmente quando começou a disputa entre estes nos anos de 1898 e 1899. Nestes anos foram realizados os jogos que cruzavam estes três grupos; a primeira partida ocorreu entre os rapazes do *Mackenzie* e o time formado por Hans Nobiling, equipes formadas notadamente por ingleses, seus descendentes e alguns brasileiros, como podemos constatar com as escalações dos teams.

### Mackenzie

Shaw  
Guerra e Stewart  
Silveira, Nogueira e Saturnino  
Mac Knight, J. Nogueira, Eppinghan, Pyles e Jesse David

### Equipe de Nobiling

Holland  
René Vanorden, Ely  
White, A. Savoy e Mikulash  
Nobiling (cap.), R. Wahnschffe, Vanorden, Villa Real e Robotton<sup>13</sup>

Como podemos constatar a maioria dos jogadores tinha nomes ingleses ou alemães; entre 22 jogadores, 16 destacam-se por apresentarem ligação com a colô-

---

<sup>13</sup> - Segundo o próprio Hans Nobiling, em depoimento relatado na obra de Tomas Mazzoni "*História do Futebol no Brasil*", a equipe acima listada enfrentou o Mackenzie College, em 21 de abril de 1899, num jogo revanche (que terminaria com a vitória do Mackenzie por 1 a 0), pois as duas equipes haviam se enfrentado em 5 de março e o jogo terminou em 0 a 0. A escalação do Mackenzie refere-se ao time do jogo de 5 de março; não utilizei a escalação deste dia para o time de Nobiling por esta equipe ter contado somente com 9 jogadores. Utilizo a disposição gráfica das escalações das equipes utilizada no período em jornais e publicações sobre futebol; esta forma demonstra a formação tática desse esporte naquele período, que contava com um goal-keeper (goleiro), dois backs (jogadores defensivos), três jogadores no meio campo e cinco no ataque.

nia inglesa ou alemã. Portanto, como apontei no início deste capítulo, os introdutores do esporte em geral, e do futebol, em particular, eram europeus e seus descendentes, principalmente ingleses, que devido ao contato com seus países de origem trouxeram e implantaram uma prática que já era difundida na Europa. O berço do esporte institucionalizado foi a Inglaterra, pois neste país o esporte moderno tomou forma com a criação de regulamentos, regras e a criação dos primeiros clubes e instituições organizadoras das mais diversas modalidades esportivas (ELIAS & DUNNING, 1992).

Na virada do século a cidade de São Paulo contava com cinco equipes de futebol, o *São Paulo Athletic Club*, a *Associação Athletica Mackenzie College*, o *Sport Club Internacional*, o *Sport Club Germânia*, e uma quinta associação o *Clube Athletico Paulistano*, que fora fundada por membros da elite paulistana que começavam a se interessar pelo esporte bretão.

Este quinto clube de futebol, com o passar do tempo, tornar-se-ia a principal equipe da cidade tendo como marca o fato de ser genuinamente brasileira. Entre seus componentes não figuravam nomes ingleses e alemães, como era regra entre seus adversários diretos, conforme se pode constatar com a composição da primeira diretoria da associação: Presidente, Dr. Bento Bueno (secretário de governo de Bernardino de Campos); Diretores, Plínio da Silva Prado, Martinho Prado, Renato Miranda e Clóvis Glicério, entre outros; e a escalação de 1902 do "team" do *Paulistano*<sup>14</sup> (MAZZONI, 1950):

---

<sup>14</sup> - A escalação do *Paulistano* refere-se à equipe que sagrou-se vice-campeã da cidade de São Paulo em 1902.

C. A. Paulistano

Tutú Miranda

Guilherme Rubião e Thiers

Renato Miranda, Olavo Paes e Barros (cap.) e Geraldo Pacheco

João Costa Marques, Oscar Matos, Alvaro da Rocha, Ibanez Sales e Edgar Barros

O *Paulistano* tornou-se a primeira equipe genuinamente nacional, formada principalmente por membros da elite paulistana que, aos poucos, vai disputando com os descendentes de ingleses, no campo de jogo e na política institucional, a hegemonia do futebol paulistano. Outro fato que nos chama atenção é que em todas as fontes do período, quando anunciavam as escalações do *C. A. Paulistano* referiam-se aos integrantes do time de futebol pelos nomes e sobrenomes-- seja na imprensa ou nas raras obras que tratam da história do futebol. Este fato nos revela que este time, genuinamente nacional, era integrado por senhores de relativa importância social na sociedade paulistana das primeiras décadas do século XX.

A relevância do *Paulistano* não se limita à competência técnica de sua equipe de futebol, que revelou o maior jogador brasileiro da primeira fase do futebol brasileiro, Arthur Friedenreich<sup>15</sup>. Na década de 10 e 20, o *Paulistano* protagonizaria todos os movimentos importantes do esporte em São Paulo. Tanto no campo de jogo, onde alcançaria resultados brilhantes, como na luta política que visava

---

<sup>15</sup> - Friedenreich, ou "El Tigre" como era chamado por torcedores e pela crônica esportiva do período segundo alguns relatos, é apontado como o maior jogador brasileiro antes da "era Pelé". Algumas fontes, como por exemplo uma parte da imprensa esportiva, afirmam que Friedenreich, que atuou entre 1909 e 1935 no *Paulistano* e *São Paulo Futebol Clube* (MAZZONI, 1950), foi o maior artilheiro da história do futebol, superando a marca de Pelé que foi aproximadamente de 1.200 gols. Este jogador foi o grande herói da primeira conquista internacional do futebol brasileiro, o Sulamericano de 1919 realizado no Rio de Janeiro, principalmente por ser o autor do gol da vitória dos brasileiros sobre os argentinos, em São Januário (estádio do *Clube de Regatas Vasco da Gama*), por 1 a 0.

o controle institucional da modalidade, levando seus dirigentes a posições de destaque dentro da *APSA*<sup>16</sup> (*Associação Paulista de Sports Athleticos*), associação dirigente do futebol paulistano no período.

O auge desta equipe foi alcançado, justamente, no período em que o Palestra Itália estava em sua fase inicial, quando este se estruturava em bases sólidas como a equipe representativa do grupo italiano da cidade de São Paulo. O *Paulistano*, na segunda metade da década de 10, tornou-se o time hegemônico da cidade, quando este alcançou o tetracampeonato nos anos de 1916, 1917, 1918 e 1919, sendo justamente o Palestra Itália a equipe que quebraria esta seqüência de títulos, em 1920 quando se sagrou, pela primeira vez, campeão da cidade de São Paulo. Com isso nasceu uma grande rivalidade entre estas duas associações.<sup>17</sup>

O ano de 1901, como aponta Tomas Mazzoni, foi fundamental para a institucionalização do futebol em São Paulo; neste ano surge a primeira instituição que tem por objetivo a organização do esporte na cidade. A *Liga Paulista de Football* é fundada com este objetivo e reúne as cinco equipes da virada do século, o *São Paulo Athletic Club*, a *Associação Athletica Mackenzie College*, o *Sport Club Internacional*, o *Sport Club Germânia* e o *Clube Athlético Paulistano*. Em 14 de dezembro de 1901, a idéia de agrupar as principais equipes do futebol paulistano numa associação dirigente, foi lançada numa reunião, na sede do *S. C. Internacional* e, em 19 do mesmo mês, a primeira diretoria foi eleita com a seguinte compo-

---

<sup>16</sup> - *APSA* é o embrião da atual Federação Paulista de Futebol, entidade dirigente dos rumos do esporte no estado de São Paulo.

<sup>17</sup> - A questão da rivalidade entre Palestra e Paulistano será melhor desenvolvida no capítulo 5, que trata especificamente da trajetória do Palestra Itália.

sição: Presidente, Antônio Casemiro da Costa (C. A. *Paulistano*); Vice-Presidente, Hans Nobiling (S. C. *Germânia*); Secretário, Arthur Ravache (S. C. *Germânia*); Tesoureiro, Tancredo Amaral (C. A. *Paulistano*). Para termos uma noção de quem eram estas pessoas descrevo uma pequena biografia do primeiro presidente da entidade, o sr. Antônio Casemiro da Costa, extraída da obra "*História do Futebol no Brasil*":

*" ANTÔNIO CASEMIRO DA COSTA (Costinha) primeiro presidente da Liga Paulista de Football, nasceu no Rio de Janeiro, passou quase toda sua mocidade na Europa, principalmente na Inglaterra, França e Suíça. Neste último país foi aluno do Coliège "La Chatelaine" e colega de Oscar Cox, Felix Frias, Costa Santos e dos irmãos Moraes filhos do Visconde de Moraes.*

*Casemiro da Costa logo ganhou influencia no Internacional, quer como jogador habilidoso (era centro avante), quer como organizador. Tornou-se capitão do quadro. Foi ele que trabalhou para a fundação da primeira Liga e o instituidor da primeira taça disputada."* (MAZZONI, 1950:26)

Ao início da prática do futebol no Brasil, portanto, seguiu a tendência geral de outras modalidades esportivas - a elitização. Como vimos, esta modalidade fora introduzida por estrangeiros e seus descendentes, como uma prática que ocuparia o tempo livre destas pessoas residentes no Brasil, país que já teria reunido as condições psicossociais para a introdução da prática esportiva, como afirma Anatol Rosenfeld:

*"Só a libertação dos escravos (1888), a Proclamação da República a ela vinculada e a imigração que a seguir começou de forma poderosa, mais os indícios e o rápido desenvolvimento das cidades, sobretudo o Rio de Janeiro e São Paulo, provocado por todos esses acontecimentos, criaram as condições psicossociais prévias do esporte."* (ROSENFELD, 1993:76)

Mas, apesar do Brasil contar com estas condições apontadas pelo autor, o início da prática desportiva "oficial" e legítima socialmente em terras brasileiras foi marcada pela ausência de indivíduos das classes menos abastadas. Por outro lado, apesar desta ausência marcante no campo de jogo, a aceitação popular nos dá indícios para entendermos o sucesso do futebol no Brasil. Num período de 20 anos (1894 - 1914) o esporte bretão cairia no gosto popular, e isto, com certeza, propiciou a consolidação desta modalidade como esporte de massas e o mais importante no país.

### *O FUTEBOL "OFICIAL" E O "VARZEANO": AMADORISMO E PROFISSIONALISMO*

Apesar de sua introdução ter caráter elitista, aos poucos uma parte cada vez maior da população dos centros urbanos brasileiros começou a se interessar pela disputa futebolística, com as classes populares iniciando-se na prática desta modalidade. Mas, de início, não fora reconhecida pela elite, que atuava dentro de seu grupo social; com isso deu-se a divisão da prática do esporte na cidade, a "oficial" (elite) e a "varzeana"<sup>18</sup> (classes populares). Podemos constatar sua diferença nesta notícia publicada na imprensa de São Paulo:

---

<sup>18</sup> - A expressão "varzeana" deriva de "várzea", que era a denominação dada aos campos de futebol onde se realizavam jogos entre equipes das classes populares. Esta denominação deve-se às características dos campos utilizados que, geralmente, localizavam-se nas várzeas dos rios da cidade de São Paulo, lugares planos e ainda não ocupados pela expansão urbana, típicas da cidade de São Paulo no início do século XX.

*"Um ground em polvorosa*

*Na várzea do Carmo, dois 'times' anônimos de menores desocupados se empenharam ontem às 3 e meia horas da tarde, num 'match' de 'futebol', com o entusiasmo belicoso de dois cães na disputa de um osso.*

*Uma multidão de menores lota o 'ground', cheia de curiosidade, e de remendo nas calças, e o próprio transeunte desocupado parava para gozar do espetáculo gratuito, porque os 'matches' de futebol na várzea do Carmo, tem sempre o que ver: não raro terminar indo o 'time' vencido para o hospital e o vencedor para o xadrez.*

*(...) Ao começar o segundo tempo, que foi um tempo quente, o povo interviu de novo, manifestando-se furiosamente contra o juiz de linha Carlos Grumberg que não deu sinal de 'off-side', certa ocasião em que a bola saiu do campo. O que sucedeu foi um dos 'halves-back' 'shootar' a bola para dentro do 'goal' do adversário.*

*A assistência, que não pagou ingresso e não foi convidada, protestou energicamente, invadindo o campo.*

*Quando a polícia apareceu encontrou o juiz de linha, a bola e o popular Agostinho Ergiacia, morador à rua São Caetano, nº 150. Agostinho estava ferido na perna direita e foi socorrido no gabinete médico da Polícia Central.*

*Carlos Grumberg, o juiz de linha é alemão, tem 19 anos de idade é impressor e reside à rua da Cantareira nº 14" (NEGREIROS, 1992:79 a 81)<sup>19</sup>*

Este tipo de relato é significativo para compreendermos a prática futebolística na cidade de São Paulo no início do século XX. Coexistiam duas formas que não se interligavam; o futebol "oficial" seguia a sua história paralela a do futebol "varzeano". Trajetória iniciada com a introdução da prática por Charles Müller; e o "varzeano" havia sido criado pelas próprias classes populares que se viam impedidas de praticarem o esporte ao lado da elite paulistana. Somente quando estas formas começaram a realizar um intercâmbio é que estaria pronto o cenário para o futebol tornar-se o esporte de massas brasileiro.

<sup>19</sup> - A passagem foi publicada na seção policial do OESP em 14/8/1915.

O relato acima é significativo para compreendermos a diferença entre o mundo do futebol "oficial" e o do "varzeano" através da constatação de como o praticado pelas classes populares era entendido em contraposição com o "oficial". Como aponta Plínio José L. de C. Negreiros -- em sua obra sobre o *Sport Club Corinthians Paulista* -- o jogo das classes populares era visto como a reunião de desocupados que invariavelmente resultaria em algum tipo de desordem, mesmo que este se realizasse num domingo, portanto o tempo livre da classe trabalhadora, enquanto que os jogos da elite --no período realizados no *Velódromo*<sup>20</sup> -- eram entendidos como a reunião de aficionados e amantes do esporte bretão, portanto providos de legitimidade, ainda mais se levarmos em consideração que contavam com jogadores de origem inglesa e alemã (NEGREIROS, 1992).

O exposto acima é muito rico de preconceitos e descrevia a ânsia por vitórias, fato fundamental numa competição esportiva, como "*o entusiasmo belicoso de dois cães na disputa de um osso*", que era acompanhada por uma multidão "*cheia de curiosidade, e de remendo nas calças*". A idéia de multidões que acompanhou toda história do futebol, nunca foi bem aceita pela elite que introduziu o esporte no Brasil pois, como vimos, o esporte foi introduzido para que os filhos desta elite ocupassem o tempo livre e realizassem uma atividade que enobreceria o homem -- a educação física<sup>21</sup>. Portanto, a multidão não fazia parte do ideal dos introdutores

---

<sup>20</sup> - O Velódromo foi o primeiro estádio do futebol paulistano; situava-se na região central da cidade, na rua da Consolação, entre as ruas Florisbela, atualmente rua Nestor Pestana, Martinho Prado e Olinda, em frente a rua Araújo (provavelmente onde hoje situa-se o edifício do Hilton Hotel). Foi construído, como o nome indica, para sediar provas de ciclismo pelo Conselheiro Antônio Prado, por influência de seu filho, Antônio Prado Júnior, que voltara de uma temporada de estudos na Europa, aficionado do esporte.

<sup>21</sup> - A questão da educação física foi tratada no capítulo 3.

das modalidades esportivas no Brasil, mas precisamos relativizar esta questão pois estas seriam as primeiras manifestações de massa numa cidade que estava num processo contínuo de industrialização. Os fenômenos de massa seriam algo completamente novo no Brasil, o acesso das classes populares aos "grounds" ainda estaria por acontecer encontrando enorme resistência da elite paulistana no período.

A expansão da prática futebolística poderá ser constatada na cidade de São Paulo quando confrontamos o número de seus habitantes -- 485.00 em 1914 -- com o número de jogos efetuados<sup>22</sup>. Somente num domingo, da década de 10, na cidade foram realizados 37 partidas de futebol, envolvendo 74 clubes, entre 148 times com 1.638 jogadores participantes<sup>23</sup>. Estes números não revelam a quantidade de espectadores e torcedores das equipes, o que seria impossível mensurar, mas podemos imaginar uma pequena multidão espalhada pela cidade a acompanhar o desenrolar dos jogos.

Sem dúvida nenhuma a importância e o interesse que despertava era muito maior no futebol "oficial", além de ser o *locus* reconhecido socialmente. Com isso, a atenção da cidade de São Paulo estava voltando-se para esta forma de prática; na década de 10, as equipes integrantes da *LPF* contavam com um número respeitado de aficionados que acompanhavam suas performances. Mas a prática do esporte propriamente dito, era somente acessível aos membros das classes abastadas paulistas. A situação era a mesma do início da prática futebolística em São Paulo --

---

<sup>22</sup> - Segundo "Publicação do Departamento Estadual de Estatística - 1889-1939" de 1940, esta era a população da cidade de São Paulo em 1914.

<sup>23</sup> - OESP, 16/01/16. A razão destes números é que na época os clubes de futebol mantinham dois times de futebol, o primeiro e o segundo time (ou quadro).

os jogadores ou eram ingleses e alemães, ou filhos das nobres famílias paulistas, como aponta Mazzoni em sua obra. Um bom indicador disto era o tratamento dado pela imprensa paulistana aos integrantes das equipes na primeira década do século, conforme o autor nesta passagem:

*"Progresso fantástico se realizou também no setor da imprensa que começou a dar mais espaço para o futebol, sendo as crônicas com bom estilo e de modo interessante. Os jogadores eram chamados de senhores na descrição das partidas<sup>24</sup>. Não havia ainda o hábito da escalação dos quadros." (MAZZONI, 1950:42)*

Já o futebol "varzeano" restringia-se aos bairros da cidade e as classes populares; este era o único lugar possível onde indivíduos das classes trabalhadoras podiam praticar esta modalidade esportiva. A várzea seria, posteriormente, o local onde as grandes equipes da cidade de São Paulo iriam buscar alguns valores técnicos e individuais para comporem seus quadros<sup>25</sup>. Mas num primeiro momento, que perduraria até meados da década de 20, o acesso de indivíduos oriundos das classes trabalhadoras às grandes equipes estava vedado.

Segundo Waldenir Caldas, em sua obra *"Pontapé Inicial. Contribuição à Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)"*, o acesso ao futebol "oficial" da cidade de São Paulo pelos membros das classes trabalhadoras somente ocorreu, efeti-

<sup>24</sup> - O grifo não é de autoria do autor, e foi feito para realçar o tratamento dispensado aos jogadores pela imprensa paulistana.

<sup>25</sup> - Mesmo após a profissionalização do futebol na cidade de São Paulo, que representou uma democratização no futebol com as equipes grandes indo buscar jogadores nas classes baixas, a várzea continuou existindo sendo a fonte de craques para os grandes clubes, principalmente nas décadas de 40, 50 e 60. Neste período ficou conhecida, entre especialistas e amantes do futebol, como o "celeiro de craques". A várzea somente vai perder sua importância para o futebol profissional durante a década de 70; devido a grande expansão imobiliária da cidade, os campos de várzea foram escasseando e, portanto, a oferta de jogadores varzeanos foi diminuindo gradativamente em relação inversa ao processo de verticalização da cidade de São Paulo.

vamente, após a profissionalização do futebol, em 1933, entendida pelo autor como uma "vitória popular", onde as classes menos abastadas, que compunham a maioria de aficionados e espectadores do esporte bretão na cidade de São Paulo e no Brasil, pressionaram os clubes a adotarem o profissionalismo. Esta pressão que viria das arquibancadas<sup>26</sup>, obrigava os clubes a alcançarem vitórias, e como o futebol na década de 30 teria se tornado altamente competitivo, estes se viram obrigados a recrutarem os melhores jogadores não importando mais sua origem. A profissionalização, desta maneira, viabilizaria a utilização de atletas de classes menos abastadas que começariam a viver exclusivamente da prática esportiva, fonte de sustento e sobrevivência (CALDAS, 1988).

Caldas aponta que, antes da profissionalização do futebol brasileiro, foi muito difundida a prática do "falso amadorismo" que consistia na utilização de jogadores remunerados durante a fase amadora do futebol brasileiro. Este fenômeno, segundo ele, seria fruto das pressões dos torcedores que exigiam vitórias de suas equipes e pelo fato de muitos dos bons jogadores, principalmente na década de 20, serem oriundos de classes menos abastadas, gerando uma incongruência.

Boa parte dos jogadores, principalmente em São Paulo -- onde a repressão ao "falso amadorismo" ocorreu de uma forma mais amena do que no Rio de Janeiro -- necessitava de um salário para poder praticar o esporte bretão. As condições

---

<sup>26</sup> - Local reservado nos estádios (antigos grounds, denominação inglesa utilizada nos primórdios do futebol brasileiro) aos "torcedores" com menor poder aquisitivo. Os estádios, desde o início da popularização do futebol, foram divididos fisicamente -- divisão que perdura até os dias atuais -- conforme o poder aquisitivo dos espectadores; as arquibancadas, com o preço do ingresso menor que das numeradas (ou sociais, reservadas a dirigentes dos clubes e a elite), tradicionalmente foi o espaço reservado às classes trabalhadoras.

de vida e trabalho impediam-nos de dedicar parte de seu tempo a treinos, viagens e jogos, principalmente num período em que o futebol tornou-se altamente competitivo, isto os impelia a se dedicarem quase exclusivamente à prática esportiva. Fato que levou as equipes a oferecer-lhes um pagamento.

Portanto, o desenvolvimento do futebol -- que em sua gênese foi elitista -- provocava um novo tipo de elitismo. Somente quem tivesse condições financeiras para dedicar a maior parte de seu tempo à uma atividade não remunerada poderia praticar o futebol. O "falso amadorismo" foi uma maneira que os times encontraram para superar o problema e contar com jogadores de alto nível técnico sem haver uma seleção de classe.

A discussão entre profissionalismo e amadorismo percorreu quase toda o início da história do esporte bretão em terras brasileiras, sendo a adoção do profissionalismo, enquanto prática "oficial", o marco divisório entre a primeira e a segunda fase do futebol brasileiro. Portanto podemos dividir a história do futebol brasileiro em duas fases distintas: a primeira é marcada por uma prática exercida por uma elite que institucionalizava os desportos como uma maneira de ocupar o seu tempo livre, portanto uma forma competitiva de lazer; a segunda tem por marca a atividade remunerada abrindo possibilidades de atuação de indivíduos não pertencentes a esta elite.

A discussão entre profissionalismo e amadorismo aparece em toda a primeira fase do futebol brasileiro. A partir do momento que este esporte se institucionaliza na cidade de São Paulo, com a criação de uma entidade que organizaria a

prática futebolística das equipes da elite paulistana, sua regulamentação é uma questão imergente. Na década de 10 encontramos referências nas páginas da imprensa diária paulistana sobre esta questão; em minha pesquisa sobre o Palestra Itália (portanto, o centro das atenções não era esta questão) detectei referências a este fato em 1916, portanto, 17 anos antes da implantação do profissionalismo no Brasil.

Em 1916 o *OESP* posicionara-se contra uma deliberação da Associação Metropolitana de Sports Athleticos (*AMSP*), entidade carioca que organizava o futebol "oficial" na capital da república, que fora seguida pela *APSA*, proibindo a participação de operários nos clubes a ela filiados. Esta proibição era possível, pois a entidade carioca não consideraria amadores os operários, desta maneira impedia seu acesso ao futebol "oficial" que era amador. Reproduzo o artigo publicado no *OESP* em 25/5/1916 que tratava desta questão, apesar de longo este nos dá uma idéia das bases da discussão sobre o profissionalismo na primeira fase do futebol brasileiro:

**"AMADORES E PROFISSIONAIS**

*Parece incrível que aqui, no Brasil paiz que se orgulha, merecidamente, dos principios mais liberaes e democraticos, em todas as suas leis e em todas as suas manifestações sociaes, possa ainda ser tolerado, que, na Capital Federal e no Estado de São Paulo, fiquem consignadas as absurdas exclusões dos operarios, do direito de serem considerados amadores.*

*A igualdade do direito civil estende-se hoje a todos os cidadãos e, nenhuma restrição pode ser feita nas manifestações de ordem geral e publica, dentre as quaes, as sportivas occupa um logar de destaque e de reconhecida utilidade nacional.*

*A todos os cidadãos, a qualquer classe, a que elles possam pertencer, assiste o direito de aspirar os mais elevados cargos sociaes, quer scientificos ou religiosos, quer militares ou publicos.*

É por isso risível, pôr em discussão o direito dos operarios, ou qualquer outra classe social de participar da vida sportiva do paiz.

A exclusão dos operarios nos torneos sportivos não é só um absurdo, é tambem uma coherção dos seus direitos civis, contra a qual elles podem perfeitamente recorrer a protecção da justiça, tanto mais que se trata de instituições com entidade juridica, que gozam de subsidios dos poderes publicos, os quaes não podem servir para sustentar privilegios.

O unico recurso que assiste aos que pouco democraticamente, não querem ter contacto, nem nas manifestações sportivas, com seus concidadãos menos favorecidos pela sorte, é o de não aceitarem na própria sociedade particular, podendo mesmo, formar sociedades exclusivamente de "nobres", que participarão ou não dos concursos sportivos geraes, mas nunca poderão as instituições nacionaes, que representam oficialmente o sport de um Estado ou de uma nação inteira, criar privilegios de classes sociaes.

A pratica, a observação e a experiencia nos induz a affirmar, que o elemento operário é talvez o mais correcto e o mais disciplinado.

De resto, o seu comportamento elogiavel, justifica-se pelo esforço que qualquer pessoa de classe mais modesta emprega para não desmerecer quando se achia junta e reunida a pessoas de maior elevação social.

Quando numa sociedade sportiva, os socios que a ella pertencem se achiam revestidos dos seu uniforme, desapparece qualquer distincção de casta.

São todos iguaes perante os fins que os reuinem, São passiveis dos mesmos regulamentos e a única distincção que existe é o seu valor sportivo e a sua conducta.

O que é necessario numa sociedade sportiva, não é o falso orgulho de pertencer a classes sociaes mais favorecidas pela sorte e pela fortuna, mas sim a disciplina e o reciproco respeito, punindo e eliminando inexoravelmente os elementos perturbadores de qualquer classe social a que elles pertençam.

Sociedades ha, que, tendo um quadro social composto de elementos pertencentes ás classes mais favorecidas da sorte, e cujas directorias se vêem menospresadas em seus actos, havendo dualidades de parecer provocando semelhante anomalia o detrimento da sociedade em beneficio de pessoas. Está plenamente demonstrado o direito do operario, em ser admitido, sem nenhuma restricção, gozar dos beneficios da acção sportiva, mesmo que ficasse provado que algumas de suas classes, possuem superioridade phyfica para os exercicios athleticos." (OESP, 15/5/1916)

Este artigo publicado pelo *OESP* em 1916 revela dois pontos fundamentais para entendermos a história do futebol brasileiro: em primeiro lugar, que desde que institucionalizou-se competitivamente, a discussão entre amadorismo e profissionalismo esteve presente; e em segundo lugar, que esta discussão esteve pautada pela inclusão ou exclusão de jogadores oriundos das classes trabalhadoras no futebol "oficial". Como apontei, o amadorismo poderia representar uma forma de exclusão, mas não dava total garantia que jogadores das classes trabalhadoras atuassem em alguns clubes do futebol "oficial".

No levantamento realizado para a reconstrução da história do Palestra Itália, em três momentos nos anos de 1916 e 1917 encontramos referências explícitas ao assunto. Alguns dias antes da publicação do artigo reproduzido o *OESP*, em 18/5/1916, publica um artigo sobre a necessidade das entidades definirem o que era ser profissional no futebol, e que estes deveriam ser separados dos atletas amadores. Afirma também que ninguém desconhecia a existência de jogadores que recebiam para atuarem nesse esporte, e que este fato não os desmerecia. Em 15/2/1917 o periódico publica uma notícia sobre a divulgação da "*lei do amadorismo*" pela *Confederação Brasileira de Desportos (CBD)*, que considerava os analfabetos como não-amadores, lei que na prática restringia a atuação de atletas pertencentes as classes trabalhadoras, num país onde o nível de analfabetismo era

elevado, e o acesso a educação básica ainda era um privilégio das classes mais abastadas<sup>27</sup>.

Estas três notícias publicadas na imprensa paulistana na segunda metade da década de 10 revela-nos o sentido da discussão sobre o profissionalismo no futebol brasileiro. Ele era visto como a porta de entrada de indivíduos estranhos à elite paulistana numa arena, até então dominada por esta. E o amadorismo representava uma maneira de dificultar este acesso, conseqüentemente dando algumas garantias de exclusividade da elite dentro do esporte bretão em São Paulo e no Brasil. Soma-se a esta discussão a repressão à prática do "falso amadorismo", comandada pelas entidades organizadoras do futebol brasileiro na sua fase amadora. Com isso, podemos constatar que a história do futebol brasileiro, nos seus primórdios, foi marcada pela dualidade elitização/democratização.

Esta bipolaridade marca, também, a história das entidades organizadoras do futebol "oficial" no Brasil, como a *APSA*, nascida de uma cisão da *LPF*, em 1913, em torno desta dualidade. A história institucional do futebol paulistano foi fortemente marcada por esta questão, com grupos favoráveis e contrários ao acesso de indivíduos das classes menos abastadas no futebol "oficial". Um pouco da his-

---

<sup>27</sup> - Sobre a questão de impedir que jogadores analfabetos atuassem nos campeonatos das entidades ligadas à *CBD* há referências diretas na obra "*O Negro no Foot-Ball Brasileiro*" de Mário Rodrigues Filho, que analisa o caso carioca. Nesta obra o autor mostra os malabarismos que as clubes cariocas tinham que fazer para escalarem jogadores analfabetos em seus times de futebol. Neste período obrigavam os jogadores a assinarem as súmulas dos jogos -- documentos com os dados das partidas -- como uma forma de garantir que atletas analfabetos não atuassem no campeonato carioca, porém muitos ensinavam seus jogadores a assinarem o nome para desta maneira burlar a fiscalização.

tória institucional do futebol paulistano nos demonstrará a importância desta questão para os rumos do esporte bretão em terras bandeirantes.

### *INSTITUCIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL EM SÃO PAULO*

Na sua primeira fase o futebol paulistano contou com três entidades que organizariam o esporte. Todas as equipes que desejavam alguma projeção no cenário futebolístico paulistano, necessariamente, deveriam estar filiadas a alguma destas entidades. Suas histórias, por outro lado, são marcadas por uma luta de dois grupos na tentativa de comandarem os destinos do futebol "oficial" paulistano. Estes grupos são divididos em pró-amadores e pró-profissionais, ou ainda naqueles que seriam a favor da democratização do futebol e aqueles que eram contra.

Por ordem cronológica, as três entidades são as seguintes: *Liga Paulista de Football (LPF)*, fundada em 14 de dezembro de 1901; *Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA)*<sup>28</sup>, fundada em 22 de abril de 1913 e *Liga Amadora de Football (LAF)*, fundada em 3 de dezembro de 1925. Todas marcadas por profundas diferenças, cisões e fusões.

Como foi apontado a *LPF* foi a primeira entidade que reuniu os primeiros clubes de futebol da cidade de São Paulo, com o objetivo de representa-los e or-

---

<sup>28</sup> - Em setembro de 1920 começou-se a grafar *Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA)* neste ano a terminologia esportiva e futebolística entre num processo de aportuguesamento, suprimindo os termos em língua inglesa. Expressões inglesas como "goalkeeper", "forward" e "back", foram substituídas por equivalentes em português, respectivamente guardião (atual goleiro), dianteiro (atacante) e zagueiro (utilizada até os dias de hoje).

ganizar um campeonato anual entre as cinco equipes de "primeira linha" do futebol paulistano, que no período eram: o *São Paulo Athletic Club*, a *Associação Athletica Mackenzie College*, o *Sport Club Internacional*, o *Sport Club Germânia* e o *Clube Athletico Paulistano*.

A APSA nasceu de uma cisão ocorrida na LPF em 1913, em torno da questão do acesso de indivíduos das classes trabalhadoras como integrantes das equipes da liga, como podemos observar neste relato de Leopoldo Sant'Anna:

*"Esse e outros incidentes deploráveis, que se tornaram comuns, originaram a formação de dois partidos no seio da Liga: um, era favorável à seleção rigorosa, quer dizer, exigia que os quadros fossem constituídos de rapazes delicados e distintos; outros achavam que semelhante exclusivismo não era esportivo, porque tanto o rico como o pobre tinham direito de jogar."*  
(SANT'ANNA, 1918)<sup>29</sup>

O grupo a favor desta rigorosa seleção comandado pelo *C. A. Paulistano*, aproveitando-se de um incidente menor sobre o aluguel do *Velódromo*<sup>30</sup>, retira-se da LPF para fundar a APSA. Apesar do *C. A. Paulistano* afirmar que a causa do abandono seria um desentendimento com a LPF sobre o problema do valor da locação, é muito significativo que esta associação desligue-se da entidade dirigente do futebol paulistano, justamente, no ano em que esta aceita como membro uma associação de nítida origem popular, o *Sport Club Corinthians Paulista*.

O *C. A. Paulistano* é a associação que mais resistiu à abertura do futebol "oficial" a jogadores oriundos das classes populares, tanto que esta associação, que

---

<sup>29</sup> - Cf. MAZZONI, 1950:85.

<sup>30</sup> - Sobre incidente ver em MAZZONI, 1950.

existe até os dias de hoje, abandonaria suas atividades no futebol em 1930, momento em que a profissionalização do futebol tornava-se irreversível.

Portanto, a estruturação da *APSA* foi feita dentro de uma mentalidade elitista, que queria a todo custo preservar o futebol "oficial" de indivíduos menos nobres. Esta mentalidade foi dominante até o final da década de 10, quando o *Palestra Itália* (representante da grupo italiano da cidade de São Paulo) e o *Sport Club Corinthians Paulista* foram aceitos como membros da *APSA*. A aceitação destas equipes, porém, não foram frutos de uma mudança de mentalidade mas por razões conjunturais.

O *Sport Club Corinthians Paulista* foi aceito como membro da *LPF* em 1913, ano da cisão, e com isso tornar-se-ia uma das equipes mais poderosa da cidade de São Paulo. Esta associação foi fundada no Bom Retiro em 1910, e marcada justamente pela falta de recursos, mas em sua fundação ainda não havia o desejo de ingressar no futebol "oficial", pois esta equipe estruturou-se em mais um time do futebol "varzeano" da cidade de São Paulo. Com o passar dos anos o Corinthians tornar-se-ia um dos melhores, senão o melhor, time da várzea, com esta ascensão a associação começa a pleitear disputar com adversários mais gabaritados, mas esbarrando em um problema: não encontrava equipes com o mesmo nível técnico no futebol "varzeano", somente poderia encontrar adversários à altura entre as equipes que disputavam seus jogos no *Velódromo*. Portanto, esta associação deveria ingressar como membro da entidade que organizava o futebol "oficial" paulistano (NEGREIROS, 1992).

Entretanto ao tentar ingressar na *LPF*, encontrou sérias resistências, provocando um debate acalorado sobre a necessidade desta liga realizar uma seleção rigorosa, que levaria em conta a origem e as raízes das associações entre os pleiteantes a ingressar nesta entidade. Este debate levaria à cisão que resultou na fundação da *APSA*; como consequência a *LPF* vai começar a perder sua força e representatividade no futebol paulistano, pois três das mais tradicionais equipes da cidade deixam a liga: o *Club Athletico Paulistano*, a *Associação Athletica Palmeiras* e a *Associação Athletica Mackenzie College*.

O *C. A. Paulistano* e o *A. A. Mackenzie* faziam parte do núcleo fundador da *LPF* e eram dois dos mais antigos times de futebol da cidade; a terceira associação criadora da *APSA*, a *A. A. Palmeiras*, era uma equipe criada em 1902 por jovens moradores de Santa Cecília (MAZZONI, 1950; FIGUEIREDO, 1918), que em seu início somente enfrentava os segundos quadros<sup>31</sup> das equipes tradicionais.

A partir de 1903 a *A. A. Palmeiras* começa a disputar o campeonato dos segundos quadros contra os das equipes principais e em 1905 começa a integrar o grupo de elite do futebol paulistano. Neste ano, após vencer uma partida contra o *Club Athletico Internacional de Santos*, conquista o direito de jogar o campeonato principal da *LPF*, sendo em 1906 reforçado por ex-integrantes do *C. A. Paulistano*

---

<sup>31</sup> - Desde do início do futebol na cidade de São Paulo, era tradição as equipes terem dois times distintos: o primeiro quadro, que seria a equipe principal da associação e o segundo quadro que contava, geralmente, com jogadores mais jovens, que posteriormente integrariam a equipe principal, ou com atletas de nível técnico inferior. Com a institucionalização do futebol, em 1903 é iniciada a disputa de um campeonato dos segundos quadros, em que os jogos eram disputados no mesmo dia e no mesmo campo dos jogos principais entre os segundos quadros das equipes, que disputariam o jogo principal; estes eram os de abertura do programa futebolístico das tardes de domingo. Estas partidas ficaram conhecidas como as "preliminares".

que abandonaram esta associação devido a um desentendimento interno. Com isso a *A. A. Palmeiras* tornar-se-ia uma das mais poderosas da cidade de São Paulo, pois muitos atletas que abandonaram o "Glorioso"<sup>32</sup> eram a base do time campeão de 1905 (MAZZONI, 1950; FIGUEIREDO, 1918).

Como foi indicado, a cisão que enfraqueceria a *LPF* ocorreu justamente no ano da entrada do *S. C. Corinthians Paulista* na liga. Neste ano foi aberta uma vaga com a desistência do *São Paulo Athletic Club* em disputar o campeonato em 1913 e, portanto, a liga procurava outra equipe para substituí-lo. A *LPF*, para tal fim, instituiu um pequeno torneio para que o vencedor provasse a sua competência técnica; os inscritos seriam: *São Paulo Foot-Ball Club*, *São Paulo Railway Foot-Ball Club*, *Minas Gerais Foot-Ball Club* e o *Sport Club Corinthians Paulista*. Este pequeno torneio foi vencido com sobras pelo *S. C. Corinthians Paulista*, mas este não era o único requisito para a entrada da associação no futebol "oficial" da cidade de São Paulo. Era mister a avaliação de uma comissão de sindicância que julgaria os valores "morais" da associação (NEGREIROS, 1992), como aponta esta passagem encontrada na imprensa diária paulistana:

*"A Diretoria da Liga nomeou uma comissão especial encarregada de dar parecer sobre o valor dos times concorrentes. O ato da Liga cuidando com interesse da substituição que quer dar ao time inglês, só nos merece elogios. Parecia a nós, e assim o entendeu a Liga, que, a simples prova eliminatória não será suficiente para assegurar a entrada de qualquer clube no seu seio uma vez que o 'métier', a sua prática, embora perfeita, não é completa recomendação para um 'sportman': é preciso que ao par da educação esportiva esteja a educação social: aquela sem esta, mata o esporte e desorganiza as agremiações" (NEGREIROS, 1992:135)<sup>33</sup>*

<sup>32</sup> - Esta era a forma que a imprensa e a literatura do período referia-se ao *C. A. Paulistano*.

<sup>33</sup> - A passagem foi publicada no jornal "O Comércio de São Paulo" em 16/3/1913.

Esta passagem indica o grau de elitização no futebol desejado pela elite paulistana; uma equipe necessitaria demonstrar seu valor técnico ao lado de seus valores morais e portar-se da maneira que se entendia como aceitável, dentro dos padrões exigidos pela elite. Sem estes requisitos uma equipe poderia ser rejeitada, como membro de um grupo seleta, o do futebol "oficial".

No caso do *S. C. Corinthians Paulista*, esta associação pode ter forjado suas atitudes para agradar a comissão de sindicância e todo grupo social que seria seu par dentro da *LPF* (NEGREIROS, 1992). Mas o fato significativo era que, apesar da avaliação e aceitação da comissão de sindicância, portanto um órgão da própria elite, uma parte importante da associação rebela-se e abandona-a criando uma nova entidade com critérios mais rígidos na aceitação de novos integrantes, a *APSA*.

A criação da *LAF (Liga Amadora de Football)* também segue a tendência de um grupo que quer a todo custo a preservação do elitismo. Fundada pelo mesmo grupo criador da *APSA*, liderado pelo *C. A. Paulistano*, agora combatia uma tendência, aparentemente irreversível, a da profissionalização do esporte bretão em São Paulo. Vejamos como Tomas Mazzoni relata a fundação da *LAF*:

*"Foi tragico para o futebol paulista o dia em que o Paulistano resolveu deixar a APEA<sup>34</sup>. O ambiente já estava envenenado pode-se dizer, desde o ano anterior. O incidente com o S. Bento foi simples pretexto para estourar uma bomba que estava com o seu pavio aceso desde muito. O Paulistano visava um movimento de ... depuração e de renovação. Imperava a indisciplina, a*

---

<sup>34</sup> - O autor utiliza a abreviação com a grafia atualizada para a década de 50, em vez de "sports" o autor utiliza "esportes".

*politicalha rasteira dos clubes e o falso amadorismo não tinha mais controle. A fundação de uma nova entidade era o grande remédio que o Paulistano queria usar, a exemplo de 1913 quando fundou a APEA. Pouco, entretanto, durou essa ilusão. Seus propositos eram bons, mas impossível se tornava desviar nosso futebol para o bom caminho da disciplina, da politica sadia dos clubes e do exterminio do falso amadorismo com a simples fundação de uma nova entidade. Os vicios eram de berço ... Impossivel. O Paulistano e seus companheiros se atiraram com as maiores esperanças na nova tarefa e a principio tudo correu bem. Mas, é fato que o futebol paulista entrou na sua mais violenta cisão que tantos males lhe causaram. Começou imediatamente uma guerra cega e sem quartel entre a APEA e a LAF. (MAZZONI, 1950:197)*

Em 1925 a APSA era a única entidade do futebol paulista, pois no final de 1916 ocorrera a sua fusão com a LPF, para organizarem a disputa do campeonato da cidade em 1917. Este contaria com as seguintes equipes; todas da 1ª divisão da APSA: *Palestra Itália, Associação Athletica São Bento, Club Athletico Paulistano, Santos Futebol Club, Club Athletico Ypiranga e Associação Athletica Palmeiras*; e dois integrantes da LPF; o *Sport Club Corinthians Paulista* e o *Sport Club Internacional*.

Em 1917, o S. C. *Corinthians Paulista* finalmente conseguiria realizar seu desejo de disputar um campeonato ao lado das grandes equipes do futebol paulista. Em 1915, o S. C. *Corinthians Paulista* entraria para APSA sendo aceito, mas com ressalvas, não participando do campeonato deste ano; em 1916, voltaria para a LPF para disputar e ganhar com facilidade<sup>35</sup> o campeonato desta liga. Com a fusão

---

<sup>35</sup> - O S. C. *Corinthians Paulista* sagrar-se-ia campeão invicto do campeonato organizado pela LPF em 1916.

de 1917, será que a APSA havia, finalmente, cedido a pressões daqueles que desejavam a democratização do futebol?

Como aponta Mazzoni, a partir de 1917, ano da fusão, o processo de democratização do futebol aconteceria de fato, ajudado pela prática do *falso amadorismo*, como aponta esta passagem:

" É fora de duvida que a fase do "falso amadorismo" entrou em franco desenvolvimento a partir de 1917.

(...) A invasão de elementos de todas as camadas sociais motivou essa evolução. A época do futebol para gente fina, a época da proibição das entidades receberem clubes de jogadores que não fossem de boas condições sociais, já havia ficado para trás.

(...) O interesse pelos clubes em atrair esses jogadores, o aumento extraordinario do publico, a rivalidade, enfim, fizeram com que clubes e dirigentes comessem a colocar de lado certos escrúpulos na conquista de jogadores, e daí, dos empregos passaram a dar propinas, etc., e quanto aos premios, a cada vitoria, socios e diretores ofereciam objetos e até dinheiro." (MAZZONI, 1950:115)

O processo de fusão ocorreu por causa de um entendimento momentâneo dos dois grupos do futebol paulistano -- motivado por pressões externas do Rio de Janeiro e mesmo do exterior, países como Argentina e Uruguai desejavam que o futebol paulista contasse com uma única entidade organizadora --, e não fazia mais sentido o S. C. *Corinthians Paulista* não jogar ao lado dos grandes times, pois indiscutivelmente era uma das melhores equipes da cidade. Campeão da LPF, com grande apelo popular, havia alcançado dentro do campo de jogo o seu lugar ao lado dos grandes de São Paulo. Mas isto não representava uma aceitação

da democratização do futebol por todos os integrantes da *APSA*, como ficou claro com a fundação da *LAF*.

A *Liga Amadora de Football* desejava manter o amadorismo no futebol tentando preservá-lo do "falso amadorismo", como foi apontado por Mazzoni. Esta prática, como vimos, foi uma maneira encontrada pelos clubes de arregimentar os melhores jogadores tecnicamente para suas equipes, não importando sua origem social. O "falso amadorismo" surge como uma forma de possibilitar que indivíduos das classes trabalhadoras pudessem praticar o esporte, e isto não estava nos planos de uma parte das pessoas ligadas aos destinos do futebol na cidade de São Paulo. Portanto num primeiro momento, a fundação da *LAF*, pelo *C. A. Paulistano*, *A. A. Palmeiras* e *S. C. Germânia*, foi uma tentativa de preservar o futebol "oficial" da tendência apontada por Mazzoni.

A *LAF* contou com o apoio de outros clubes, como o *Britania Athletico Club* e o *Club Athletico Santista* da cidade de Santos e, com isso, organizou um campeonato paralelo ao da *APSA*; por determinação, só atuariam atletas amadores e esta seria a última dissidência no futebol de São Paulo antes da adoção do profissionalismo, em 1933. O desfecho desta luta entre as entidades determinaria o futuro deste esporte na cidade, no estado, e por conseqüência no país.

O futebol de São Paulo, apesar de não dominar politicamente o futebol brasileiro, era tecnicamente superior ao dos outros estados do Brasil. A grande rivalidade no período era com o futebol carioca, que controlava a representação e a organização do futebol brasileiro. Como aponta Waldenir Caldas criava-se uma

situação difícil de se resolver; São Paulo tinha o campeonato mais desenvolvido tecnicamente e o Rio de Janeiro controlava os destinos políticos do esporte. Portanto, se a profissionalização do futebol em São Paulo dominasse enquanto tendência, o futebol brasileiro também seguiria estes passos. Esta passagem da obra de Caldas elucida esta questão:

*"Estava criado um impasse difícil de se resolver. Se os cariocas tinham mais força política junto à CBD e desejavam dirigir os destinos do nosso futebol, não havia nenhuma dúvida de que no campo de jogo, São Paulo possuía uma visível superioridade técnica sobre os cariocas." (CALDAS, 1988:152)*

No Rio de Janeiro a discussão sobre o profissionalismo estava mais adiantada do que em São Paulo; Caldas aponta com muita propriedade que, apesar do domínio político dos cariocas, se os partidários da profissionalização (e da consequente democratização) em São Paulo vencessem a disputa entre *APSA* (pró-profissionalismo) e *LAF* (pró-amadorismo), o futebol brasileiro caminharia para este regime. Se perdessem, o futebol brasileiro correria um sério risco de estagnar tecnicamente, pois muitos de nossos jogadores o estavam abandonando atrás do verdadeiro profissionalismo praticado na Europa, na Argentina e no Uruguai<sup>36</sup>.

O futebol brasileiro era dominado politicamente pelos cariocas pois a *Confederação Brasileira de Desportes (CBD)*, órgão que o controlava e o representava no exterior, tinha a sede no Rio de Janeiro. Este órgão foi fundado como pacificador entre duas entidades que desejavam representá-lo no exterior. Em 25/9/1915 é

---

<sup>36</sup> - Sobre a questão da transferência de jogadores brasileiros para o exterior, ver em CALDAS, 1988.

fundada em São Paulo a *Federação Brasileira de Futebol*, enquanto no Rio de Janeiro, em 15/11 do mesmo ano, fundava-se a *Federação Brasileira de Esportes*; as duas entidades tinham os mesmos objetivos -- alcançar reconhecimento internacional como organizador do futebol brasileiro. Em 6/12/1916 é fundada a *CBD* que tentaria unir o futebol de São Paulo e do Rio de Janeiro, conseguindo seu objetivo e, conseqüentemente, o poder político do futebol brasileiro ficou em mãos dos cariocas, certamente que o Rio de Janeiro ser a capital da República pesou bastante neste episódio. (CALDAS, 1988).

Voltando a questão *LAF/APSA*, o desfecho do desentendimento dos dois grupos no futebol de São Paulo foi em favor do grupo pró-profissionalismo que só ocorreu no final de 1929. As duas entidades paulistas resolvem pela união de forças, já que o desenrolar desta luta havia deixado como marca um enfraquecimento político e técnico das duas entidades; quase a *APSA* faliu por falta de integrantes importantes segundo a crônica da época, só não se extinguindo por causa do *Palestra Itália* que se manteve fiel a esta entidade.

A união das duas associações em 1929 representou a vitória da *APSA*, mais próxima do profissionalismo, pois sua denominação foi mantida e extinta a da *LAF*; com isso abriam-se as portas para o profissionalismo e a conseqüente democratização do futebol. Como podemos ver esta dualidade elitização/democratização perdurou por toda a primeira fase do futebol brasileiro e, em São Paulo, uma equipe participou com um certo destaque neste cenário, o *Palestra Itália*, ponto que será discutido no capítulo 5 deste trabalho.

## CAPÍTULO 4

### O “TEAM” O PALESTRA ITÁLIA E SUA TRAJETÓRIA

---

**A**pós a publicação de uma carta, em 14 de agosto, seguida de uma convocação no dia 19, no *Fanfulla* (jornal de maior circulação em São Paulo na década de 1920, em língua italiana, dirigido aos imigrantes italianos), o *Palestra Itália* foi fundado em 26 de agosto de 1914. Todos os integrantes da comunidade italiana da cidade de São Paulo interessados na fundação de um quadro ítalo de futebol foram convocados a participarem de um evento a fim de decidirem pela fundação, definirem seu nome e marcarem a data da sua oficialização. Em 26 de agosto, o *Palestra Itália* é fundado na presença de 46 pessoas, reunidas com o objetivo de estruturar um time de futebol representativo da comunidade italiana fixada na cidade, justamente quando começa a se organizar no incipiente meio esportivo brasileiro.

Estas pessoas têm por objetivo a reunião de simpatizantes e jogadores de origem italiana, espalhados nos inúmeros clubes e times de futebol de São Paulo<sup>1</sup>. Luigi Cervo, Vincenzo Ragnonetti, Luigi Emanuele Marzo e Ezequiel Simone, formuladores e difusores da idéia, avaliavam ser possível a formação de um time de futebol constituído por imigrantes italianos, representativo de todo o grupo da cidade de São Paulo, isto se faria aproveitando o estado de espírito do grupo após uma excursão vitoriosa de dois clubes italianos de futebol pelos gramados paulistanos, o *Pro-Vercelli* e o *Torino*, nos anos de 1913 e 1914.

---

<sup>1</sup> - Principalmente naqueles do futebol varzeano, pois, como foi indicado no capítulo 2, em 1914 o futebol “oficial” era ainda dominado por alemães, ingleses e as camadas mais abastadas da sociedade paulistana.

A preocupação dos fundadores do *Palestra Itália* era perfeitamente justificável; o esporte bretão permitia a estruturação de um time em bases étnicas<sup>2</sup>, ainda mais se levarmos em conta a maioritriedade de imigrantes<sup>3</sup> em São Paulo, aliada à popularização do futebol nos centros urbanos do país nesse período (MAZZONI, 1950).

Com isso, pretendiam criar uma associação desportiva que enfrentaria os tradicionais "teams" paulistanos: o *Club Athletico Paulistano*, a *Associação Athletica São Bento*, o *Club Athletico Ypiranga*, a *Associação Athletica Mackenzie*, o *Wanderers Foot-Ball Club* e a *Associação Atlética Palmeiras*.

Como foi demonstrado no capítulo 3, estas eram as equipes que disputavam o campeonato oficial da cidade de São Paulo, organizado pela *APSA (Associação Paulista de Sports Athleticos*, embrião da atual *Federação Paulista de Futebol*) que representava os principais times da cidade - os da elite paulistana. Mas futebol em São Paulo não se resumia somente a estes times, existindo ainda uma outra entidade -- a *Liga Paulista de Football* -- organizadora de um campeonato na cidade envolvendo outras equipes, concorrendo com o torneio da *APSA*, e ainda, outros inúmeros times não filiados<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> - Os times de futebol têm a característica de unirem os indivíduos ao seu redor (torcedores) pelos mais variados motivos; com o passar do tempo eles se escondem atrás da aparente irracionalidade desta identificação - identificada como paixão - , mas a origem dos times e dos aficionados tem sempre alguma motivação racional, explicada muitas vezes através da representação das identidade dos indivíduos, como por exemplo, identidade dos habitantes de uma cidade, classe social, etnia, ou mesmo religião. Um exemplo disto são os times de futebol italiano que representam as suas respectivas cidades, ou dos times de Glasgow (Escócia) que representam os católicos e os protestantes.

<sup>3</sup> - Conforme foi indicado no capítulo 1.

<sup>4</sup> - Estes times não filiados eram representativos de vários bairros da cidade, empresas, ou outros grupos. Havia alguns times ligados aos grupos étnicos; entre estes, existiam outras equipes italianas que seguiam a tendência de regionalização do movimento associativo italiano, motivo para a baixa relevância no conjunto do futebol paulistano.

O objetivo dos fundadores do *Palestra Itália* era a participação no campeonato oficial e de maior prestígio dentro da meio futebolístico paulistano e, portanto, o convívio e o confronto direto com times representativos da elite paulistana. Para isto, o pedido de filiação nos quadros da *APSA* ocorreu logo no primeiro semestre de funcionamento da entidade. Logo no início de 1915, no dia 6 de janeiro, é noticiado a filiação e o pedido de inscrição para o campeonato daquele ano. *OESP* registrou o fato com uma pequena notícia na sua coluna diária de esportes, sem nenhum comentário, mas com uma informação importante que ressaltava a representação do grupo italiano de São Paulo:

*"(...) Esta sociedade composta de conceituados moços pertencentes a colonia italiana de São Paulo (...)”<sup>5</sup>.*

O pedido de filiação foi aceito com ressalvas pela *APSA*, junto com a intenção de participação no campeonato da cidade. O *Palestra Itália* só se tornou membro efetivo da entidade um ano mais tarde, em 1916, quando disputou pela primeira vez o campeonato. Um bom indício dessas ressalvas aparece num artigo publicado em 27/2/16 no *OESP*, criticando a maneira como o *Palestra Itália* foi aceito no campeonato. Texto publicado uma semana após a aceitação e a filiação da associação no quadro efetivo da *APSA*, excluía o *Wenderers* - por não ter condições financeiras e estruturais para a disputa do campeonato - e optava pelo *Palestra Itália* substituí-lo, levantando dúvidas se seria o clube mais indicado.

Esta recusa à filiação e participação imediata no campeonato levanta uma hipótese: o *Palestra Itália* não seria um participante natural de uma associação

---

<sup>5</sup> - *OESP*, 6/1/15.

que organizava um esporte praticado pelos filhos da elite paulistana; por ser formado por imigrantes e seus descendentes, era encarado com ressalvas por dirigentes e clubes filiados.

Outros indícios que confirmam a hipótese da aceitação com ressalvas por parte da *APSA*, saem das questões administrativas e invadem o campo de jogo. Sua estréia oficial nos gramados paulistanos, ocorrida em 28 de maio de 1915, com a realização de um jogo beneficente entre *Palestra Itália* e *C. A. Paulistano*, pode indicar que estaria demonstrada sua vontade de ser um par das equipes tradicionais da cidade. Este fato é significativo, aparentando um ritual de iniciação para quem buscava o reconhecimento entre o conjunto das agremiações de futebol da cidade. O *Palestra Itália* havia realizado outros jogos, noticiados pelo *OESP*, mas sua estréia somente foi com o *Paulistano*, por estar enfrentado uma equipe de primeira linha, time mais representativo da tradicional elite paulistana.

Outro fato significativo revela-se na análise da rivalidade entre o *Palestra Itália* e o *C.A. Paulistano*, surgida com a seqüência de jogos amistosos e dos campeonatos disputados por ambos. A partir do momento que passa a contar com uma equipe de bom nível e capaz de disputar o título de campeão da cidade de São Paulo<sup>6</sup>, o *Palestra Itália* torna-se uma ameaça à hegemonia do *C.A. Paulistano*<sup>7</sup>. Esta é muito significativa, pois o referido clube era o grande representante da elite paulistana na esfera esportiva, fato que se manifesta na diferença de cobertura dispensada pelo *OESP* aos dois clubes - claramente a favor do *Paulistano*; con-

---

<sup>6</sup> - Em 1917 o *Palestra Itália* fez sua primeira campanha de destaque no campeonato da cidade, sagrando-se vice-campeão precedido, justamente, pelo *C. A. Paulistano*.

<sup>7</sup> - O *Paulistano* consegue ganhar o campeonato da cidade por quatro anos seguidos neste período, 1915, 1916, 1917 e 1918.

forme mencionado no capítulo 2, era o meio de comunicação que representava idéias próximas à elite cafeeira paulista.

A forma da cobertura jornalística dispensada ao *Palestra Itália* foi sempre desigual quando comparado a dos outros times, principalmente se estes eram seus adversários diretos. Por exemplo, em várias notícias sobre os jogos houve relatos desfavoráveis ao *Palestra Itália*<sup>8</sup>, e a escalação de seus times não foi publicada; o mesmo não ocorreu com os adversários. Ou ainda, destaco que uma parte das partidas envolvendo a associação seus resultados não eram publicados.

A pesquisa realizada no *OESP*, como foi apontado, abrange os anos de 1915, 1916, 1917, 1920, 1933 e 1942, portanto, pretendo reconstruir a história do clube para visualizarmos o relacionamento do *Palestra Itália* com as equipes representantes da elite paulistana; através de um meio de comunicação que expressava o ideário de uma parcela significativa deste grupo social; para esta empreitada, apresentarei os fatos mais significativos com os quais me deparei em cada ano.

---

<sup>8</sup> - Por exemplo em uma notícia de 27/8/17 sobre o jogo ente Palestra e Paulistano, com vitória palestrina por 1 a 0, o relato privilegia a atuação do Paulistano, quase não se referindo ao Palestra, destaca a atuação de vários jogadores do Paulistano, que eram chamados pelo nome e o sobrenome, sem se referir aos do Palestra. Esta forma de relato era muito comum, o que denotava que o Palestra não era muito bem visto pelo jornal, com posicionamento deliberado do jornal contra os feitos esportivos esta associação.

TABELA 1  
CLASSIFICAÇÃO DAS MATÉRIAS POR TEMA<sup>I</sup>

TEMA	1915	1916	1917	1920	1933	1942	Total
<i>APSA</i>	5	8	10	8	2	---	33
<i>CBD<sup>II</sup></i>	2	1	1	---	---	---	4
<i>CND<sup>III</sup></i>	---	---	---	---	---	2	2
<i>Convocações<sup>IV</sup></i>	---	---	---	4	4	5	13
<i>Escalações de Times</i>	2	6	15	10	15	17	65
<i>Federação Brasileira de Futebol</i>	1	---	---	---	---	---	1
<i>Federação Paulista de Futebol</i>	---	---	---	---	---	1	1
<i>Fotografias</i>	---	3	---	3	---	---	6
<i>Geral<sup>V</sup></i>	2	6	3	53	17	51	132
<i>Guerra</i>	---	---	---	---	---	4	4
<i>Imprensa</i>	1	---	---	1	1	---	3
<i>Infantil<sup>VI</sup></i>	---	---	20	---	---	---	20
<i>Jogos Amistosos</i>	---	6	9	13	17	11	56
<i>Jogos Benéficos</i>	16	6	12	3	---	---	37
<i>Jogos do Campeonato</i>	---	25	35	78	81	79	298
<i>Jogos Interestaduais</i>	1	1	---	5	---	---	7
<i>Jogos no Interior</i>	3	13	12	9	2	---	39
<i>Liga Paulista</i>	4	2	---	---	---	---	6
<i>Nacionalidade<sup>VII</sup></i>	---	2	1	2	---	---	5
<i>Palestra Itália / APSA<sup>VIII</sup></i>	1	2	---	9	6	---	18
<i>Palestra Itália / FPF<sup>IX</sup></i>	---	---	---	---	---	1	1
<i>Palestra Itália / Guerra<sup>X</sup></i>	---	---	---	---	---	2	2
<i>Palmeiras<sup>XI</sup></i>	---	---	---	---	---	1	1
<i>Paulistano</i>	---	---	1	---	---	---	1
<i>Profissionalismo</i>	---	2	1	---	43	---	46
<i>Relato de Jogos</i>	1	---	1	3	7	3	15
<i>Resultados de Partidas</i>	4	14	26	28	29	23	124
<i>Rio / São Paulo</i>	4	4	11	9	6	1	35
<i>Segundo Time</i>	---	---	2	---	---	---	2
<i>Seleção Brasileira</i>	---	2	2	1	1	2	8
<i>Seleção Paulista</i>	---	---	---	---	1	---	1
<i>Sulamericano</i>	---	1	1	6	---	---	8
<i>Treino</i>	1	1	8	10	9	---	29

Fonte: Pesquisa documental na imprensa (OESP, AP, CP)

I. A soma dos totais de cada tema será superior ao total de matérias catalogadas (779).

II. Confederação Brasileira de Desportes

III. Conselho Nacional de Desportes

IV. Quando era publicada, junto com outra notícia ou individualmente, alguma convocação de jogadores, diretores ou associados para alguma atividade de *Palestra Itália*, como treinos, reuniões, assembléias, etc.

V. Notícias diversas sobre o movimento esportivo da cidade

VI. Sobre o campeonato infantil de futebol da cidade

VII. Notícias sobre o problema da nacionalidade no futebol

VIII. Notícias sobre o relacionamento do *Palestra Itália* com a APSA

IX. Notícias sobre o relacionamento do *Palestra Itália* com a Federação Paulista de Futebol (FPF).

X. Notícias sobre o posicionamento do *Palestra Itália* durante a Segunda Guerra Mundial

XI. Notícia sobre a mudança do nome do *Palestra Itália* para Sociedade Esportiva Palmeiras

TABELA 2  
NÚMERO DE NOTÍCIAS SELECIONADAS EM CADA ANO

ANOS	1915	1916	1917	1920	1933	1942	TOTAL <sup>1</sup>
Nº DE NOTÍCIAS	38	77	127	192	191	154	779

Fonte: Pesquisa documental na imprensa (OESP, AP, CP)

1. O número total (779) desta tabela representa o número de notícias selecionadas, sem a seleção temática.

### 1915

Este seria o primeiro ano de funcionamento efetivo do *Palestra Itália*, que fora fundado no segundo semestre de 1914, e também quando aparecerá a primeira notícia sobre a associação no *OESP*. Como foi indicado, esta primeira referência ao *Palestra Itália* dizia respeito a sua filiação à *APSA* e o pedido para participarem do campeonato daquele ano -- que seria recusado -- e deixava bem claro suas origens ligadas ao grupo italiano da cidade de São Paulo.

Foram catalogadas 38 notícias neste ano, sendo 18 diretamente referentes à associação e, dentre estas, 16 referiam-se a realização de jogos beneficentes onde o *Palestra Itália* era um dos envolvidos; as outras duas versavam sobre a filiação à *APSA* e à realização de um jogo amistoso em Votorantim (interior do estado, região de Sorocaba). Este fato indica que a associação, em seu primeiro ano de funcionamento, dedicou-se a realizar jogos beneficentes, já que não disputou o campeonato de 1915.

Estes, na realidade, se restringiram a duas partidas contra o *C.A. Paulistano* (29/6) e o *Santos F. C.* (3/10) e a participação num torneio denominado "Taça

*Caridade"* (19/12) ao lado das seguintes equipes: *Palmeiras, Paulistano, Mackenzie, São Bento* e *Wenderers*. As atuações do *Palestra Itália* nestes eventos esportivos foram modestas, sendo derrotado pelo *Paulistano* pelo placar de 4 a 1, e na partida contra o *Santos* sofrera uma impiedosa derrota por 7 a 0. A "*Taça Caridade*", que seria realizada em um só dia, com jogos de 15 minutos, sofrera muitas críticas da imprensa esportiva, pois não admitia um torneio nestes moldes; com isso *OESP* não noticiou o resultado do torneio nos dias posteriores, mas, provavelmente, o *Palestra Itália* não faria frente às tradicionais equipes da cidade.

O fato que mais chama a atenção é que, apesar de *OESP* ter noticiado a realização do jogo entre *Palestra Itália* e o *Sport Club Savóia*, de Votorantim, em duas matérias dos dias 23/1 e 27/1, o periódico somente considerou a estréia da associação no futebol quando esta enfrentou o *Paulistano* em 29/6. Isto se deve ao fato de ter sido o primeiro embate contra uma das equipes filiadas à *APSA*.

Portanto, o periódico desconsiderou a partida realizada no interior do estado contra uma equipe com claras referências à Itália, o *S. C. Savóia*. Outro indício de que o *Palestra Itália* só começará a ser considerado importante dentro do cenário futebolístico é o resultado do jogo de Votorantim; *OESP* publicou dois resultados contraditórios: no dia 27/1 que o *S. C. Savóia* havia vencido a partida por 2 a 0, para no dia 28/1 afirmar que o *Palestra Itália* havia conquistado uma taça que caberia ao vencedor do jogo e, que este fizera jus à premiação por vencer o embate por 2 a 0. Este fato denota que a cobertura jornalística para o evento fora

precária, ou mesmo inexistente, pois o jornal não admite o erro, somente afirma a vitória palestrina, no dia 28, sem dar conta da contradição.

A realização de jogos beneficentes para o *Palestra Itália* pode ser entendida como uma maneira da associação demonstrar seu objetivo de integrar o futebol "oficial"<sup>9</sup> da cidade; o acerto de jogos com rendas revertidas à alguma instituição pode ser entendido como uma estratégia de integração ao futebol organizado pela *APSA*, ainda mais se levarmos em conta que o primeiro jogo fora contra uma das mais fortes e influentes equipes da entidade, o *C.A. Paulistano*.

Esta disputa fora organizada em benefício da *Cruz Vermelha Italiana*, provavelmente com o objetivo paralelo de mobilizar o contingente imigrante da cidade e, com isso, iniciar a representação do grupo italiano no futebol. Este fato indica o plano estratégico da associação; pertencer ao futebol "oficial" e congregar o grupo italiano da cidade. É importante lembrar que a Europa estava em guerra e a Itália era um dos países belicosos; a ajuda a *Cruz Vermelha Italiana* seria uma forma de mobilizar os imigrantes italianos tocando em seu sentimento nacional.

Isto parece se confirmar quando analisamos o outro jogo beneficente contra o *Santos F. C.*, realizado em prol das famílias dos reservistas italianos. Portanto, neste caso, a estratégia era parecida com a da partida com o *Paulistano*; a única diferença é que jogaria contra uma equipe de fora da cidade, mas este jogo fora envolto por uma grande expectativa, tanto que dois meses antes da realização da partida *OESP* noticiava os preparativos. O *Santos F. C.* em 1915 ainda não dispu-

---

<sup>9</sup> - Apesar de não aparecer no noticiário esportivo da imprensa é muito provável que o *Palestra Itália* tenha realizado jogos no futebol "varzeano", como forma de preparação de sua equipe.

tava o campeonato da *APSA*, fato viria a ocorrer em 1916 ao lado do *Palestra Itália*; a cobertura dada ao jogo pelo *OESP* denota a importância desta equipe.

Outra notícia que indica a estratégia do *Palestra Itália* é publicada em 29/1, anunciando um outro jogo beneficente entre as equipes do *Ítalo F. C.* e a *Societá Calcista Fiorentina*, ambas de menor expressão, também ligadas ao grupo italiano como indica suas denominações. Esta peleja seria em prol das vítimas do terremoto da Itália; como podemos ver, este fato se referia diretamente à Itália; com a diferença que as duas equipes eram "italianas" e portanto, seria um evento restrito ao grupo imigrante.

Esta matéria indica que o *Palestra Itália* tinha objetivos diversos de outras associações de mesmo caráter; não desejava somente o reconhecimento de seu grupo social, mas de toda a sociedade paulistana, por isso enfrentava equipes de fora de seu espectro social. Outro dado importante é a ausência de jogos entre o *Palestra Itália* e outras equipes do grupo italiano<sup>10</sup>, demonstrando que o objetivo da associação não era restringir-se ao seio de seu grupo, mas de representá-lo perante à sociedade paulistana dentro da arena esportiva. Como veremos adiante, o confronto com equipes do futebol "oficial" serviria à associação tornar-se a equipe representante dos imigrantes italianos da cidade; estes veriam seus pares disputando em igualdade de condições com a elite paulistana, num período onde o imi-

---

<sup>10</sup> - Em 1915 existiam outros times ligados ao grupo italiano, como: *Ítalo Team*, *Bersaglieri F. C.*, *Athletico Itália* (de São Caetano), *Societá Calcista Fiorentina*, *A. A. Firenze*, *Centro Recreativo Sportivo Piemonte* (todos estes times tiveram alguma referência nas páginas diárias do *OESP*).

grante não desfrutava de das mesmas oportunidades em outros setores da vida social.

Sem dúvida, o *Palestra Itália* queria e necessitava se tornar a equipe que representaria o contingente italiano da cidade de São Paulo; todo time de futebol, para se manter em níveis competitivos, necessita de uma quantidade razoável de pessoas aficionadas. A única maneira desta associação conseguir seus "torcedores" seria dentro do grupo italiano, pois na primeira década deste século, quem em São Paulo torceria por um "team" com esta escalação:

Stillitano  
Pollici e Gambini I  
Valle, Fiaschi e Alegretti  
Amilcare, Ferri, Cavinato, Cervo e Giannetti II<sup>11</sup>

Não nos esqueçamos que neste período os nomes encontrados nas equipes do futebol "oficial" estavam ligados à elite paulistana ou eram de origem inglesa e alemã, portanto, um time composto de italianos e seus descendentes não frequentaria os jogos do *Velódromo*; com certeza, encontraríamos dezenas com este perfil espalhados pela Paulicéia, mas disputavam partidas nos finais de semana nos bairros da cidade, no já citado e comentado futebol "varzeano".

Assim, o *Palestra Itália* não representava somente uma invasão de imigrantes italianos, na sua maioria originários das classes menos abastadas, mas, também, uma invasão nas arquibancadas de "torcedores italianos", estes se deslocari-

---

<sup>11</sup> - Esta é a primeira escalação da equipe no *Palestra Itália* publicada pelo *OESP*, a formação da equipe foi dada dentro da notícia sobre a partida com o S. C. Savóia no dia 23/1/15.

am de bairros periféricos e operários, como a Moóca, o Brás, a Barra Funda e o Bexiga para acompanharem os feitos de "italianos" como eles contra a elite local.

O *Palestra Itália* abria possibilidades de indivíduos deixarem suas origens e sentimentos étnicos transparecerem perante à sociedade de adoção, que, no caso da paulistana, sempre menosprezou aqueles com esta origem. A associação encontrava um espaço para demonstrar a "força" e o "valor moral" do grupo numa arena, onde estes fatores estavam em jogo, como indico no capítulo 3. Mas o ano de 1915 era ainda os primeiros passos para que isto se tornasse possível.

Este era o ano que o *Palestra Itália* apresentava-se à sociedade e aos seus pares dentro da modalidade, pois as condições o levaram a adotar esta estratégia. A não participação no campeonato de 1915 levou a equipe a traçar um caminho que o apresentasse à sociedade paulistana e ao mesmo tempo, começasse a aglutinar ao seu redor uma massa de simpatizantes de origem italiana sem o corte regional, característica de outras associações "italianas".

## 1916

Neste ano foram catalogadas 77 notícias; 49 matérias são diretamente relacionadas ao *Palestra Itália*, e o restante refere-se ao cenário do futebol paulistano do período. Como indica a Tabela 1, o tema mais freqüente são os jogos de campeonato (25 no total) que referem-se aos do *Palestra Itália* no campeonato, o primeiro disputado pela equipe.

Sua campanha no campeonato foi bastante modesta; o *Palestra Itália* terminou na sexta posição, num torneio onde houve sete participantes: *Paulistano*, *São Bento*, *Ypiranga*, *Mackenzie*, *Palmeiras*, *Palestra Itália* e *Santos*<sup>12</sup>. Mas este ano torna-se relevante na história da associação, pois seria o primeiro momento que enfrentaria a elite do futebol paulistano. O *Palestra Itália* estreou no campeonato da *APSA* na partida inaugural do torneio contra o *Mackenzie*, em 13/5, empatando em 1 gol<sup>13</sup>, com a seguinte escalação:

Fabbrini  
Grimaldi e Ricco  
Fabio II, Bianco e De Biasi  
Gobbato, Valle II, Viscovini, Bernardini e Cestare<sup>14</sup>

Como foi demonstrado, o processo de admissão no campeonato da *APSA* não foi muito simples; o *Palestra Itália* havia requerido sua participação logo no momento de sua filiação no ano anterior. Mas a entidade que a aceitava, ao mesmo tempo recusava a vaga no campeonato; esta somente foi conseguida em 1916 com a exclusão do *Wenderers*.

Sua admissão nesta data provavelmente estaria ligada às origens da agremiação, pois, neste mesmo ano, o *S. C. Corinthians Paulista* retirava-se da *APSA* por ser impedido de participar do campeonato, conforme indicação no capítulo 3.

---

<sup>12</sup> - Esta é a ordem da classificação do campeonato de 1916, publicada em 03/11/16 pelo *OESP*. Esta é a última notícia do ano que dá a tabela de classificação, apesar do campeonato ainda ter algumas partidas disputados posteriormente o quadro ficou inalterado.

<sup>13</sup> - O segundo time do *Palestra* venceu o do *Mackenzie* por 2 a 1, com a seguinte escalação: Migliari, D'Andrea, Navarra, Vale I, Olivieri, De Nardi, Salerno, Valeri, Delascio, Fortell e Forte I; com Sagnori, Borba, Procido e Grandi como reservas.

<sup>14</sup> - Reservas: Delascio e Forte II.

Estas duas equipes tinham origens nas camadas populares da sociedade<sup>15</sup>, e a razão da aceitação do *Palestra Itália* em detrimento ao *Corinthians* deve-se a dois fatos.

O primeiro seria que o *Corinthians* era uma das melhores equipes da cidade<sup>16</sup>; a APSA e o futebol paulistano ainda não estariam preparados a presenciarem a participação principalmente, as conseqüentes vitórias de um time de bases populares sobre as principais equipes do futebol. A escolha do *Palestra Itália* deve-se ao fato desta equipe ainda não ser poderosa tecnicamente, como atestavam os resultados obtidos nos jogos beneficentes do ano anterior contra o *Paulistano* e o *Santos*. Portanto, sua participação representaria a primeira de uma equipe com bases populares no campeonato oficial da cidade, sem constituir uma ameaça a hegemonia dos times da elite paulistana.

Já, o segundo fato, o *Palestra Itália* apesar de não ter origem "nobre", não era uma equipe advinda do futebol "varzeano", como o *S. C. Corinthians Paulista*, mas deu-se pelas mãos dos extratos médios do grupo italiano. Então, podemos entender sua aceitação como uma jogada da APSA, que teria um membro efetivo de aparente origem popular, por este estar ligado ao grupo italiano; ao mesmo tempo, garantiria a hegemonia dos "grandes" da cidade, em detrimento de outra

---

<sup>15</sup> - Existe no futebol brasileiro a idéia que o *Palestra Itália* seria fruto de uma dissidência do *S. C. Corinthians Paulista*, pelo fato de alguns jogadores do *Corinthians* (como Bianco, um dos maiores craques da primeira fase do *Palestra Itália*) terem ido atuar no Palestra a partir de sua fundação. Provavelmente, os jogadores que foram atuar no Palestra mudaram de time por causa da idéia inicial do Palestra de congregar jogadores italianos da cidade numa equipe que representaria o grupo italiano, e não por uma dissidência do *Corinthians* que era uma equipe sem bases étnicas definidas.

<sup>16</sup> - Como foi indicado no capítulo 3 esta equipe desejava disputar o campeonato da APSA por não mais encontrar equipes a sua altura no futebol "varzeano".

equipe com nítidas bases populares e que ainda seria uma ameaça real a equipes como *Paulistano*, *São Bento*, *Palmeiras* e *Mackenzie*.

Os jogos beneficentes, marca do primeiro ano da trajetória da associação em 1916, diminuíram em quantidade; neste ano, o *Palestra Itália* realizou um jogo contra o *Mackenzie* em prol do "Comite Feminino Italiano Pro-Itália". Esta partida valeu 6 matérias publicadas pelo *OESP*, demonstrando uma relativa importância para o jogo, válido também para o campeonato da *APSA*. Nesta peleja, vencida pelo *Mackenzie* por 3 a 1, foi disputada uma taça oferecida pelo "cav. off." Ermelino Matarazzo; mais uma vez a associação tocava no sentimento nacional do grupo italiano.

Nesse mesmo ano o *Palestra Itália* realizaria ainda 6 partidas amistosas fora da capital, enfrentando duas vezes o *Santos F. C.* em Santos, o *Black Team* em Campinas, o *Sport Club Taubaté* nesta cidade, a *Associação Athletica Caçapavense* em Caçapava e o *Guarany* de Campinas. Um fato que se destaca é que nas notícias sobre os jogos contra o *Santos* e o *Taubaté* houve uma referência direta ao grupo italiano.

Sobre a primeira partida realizada em Santos, o periódico destaca ela era aguardada ansiosamente não só por o *Palestra Itália* nunca ter atuado na cidade, mas por ser o representante da "colônia" italiana em São Paulo, nas palavras do jornal: "(...) como também por ser constituído do escol da colonia italiana em São Paulo"<sup>17</sup>. No jogo em Taubaté, *OESP* em seu relato sobre o desenrolar da partida,

---

<sup>17</sup> - Apesar de *OESP* afirmar que a partida era muito aguardada e ter até mesmo anunciado a viagem da equipe para Santos, posteriormente não publicou o resultado da partida.

vencida pelo time da capital por 1 a 0, destaca que houve uma festa oferecida pela "colônia" italiana local em homenagem ao *Palestra Itália*, como indica esta passagem publicada em 31/7:

*"A noite na residência do Sr. Cav. Monteri realison-se animado baile, offerecido pelo colonia italiana aos rapazes do Palestra Itália."*

Mesmo nas outras partidas realizadas no interior do estado, é muito provável que estas reunissem um número respeitável de pessoas ligadas ao grupo italiano das cidades locais. Ainda mais se lembrarmos que Campinas<sup>18</sup>, cidade onde o *Palestra Itália* apresentou-se por duas vezes em 1916, concentrava um grande número de imigrantes, já que era um dos principais centros produtores de café do estado.

Somando-se a estas partidas realizadas no interior, o *Palestra Itália* ainda realizou três amistosos na capital em 1916, contra a *A. A. Palmeiras*, o *C. A. Ypiranga* e o *Black Team* de Campinas. Todas estes jogos devem ser entendidos como uma necessidade em se apresentar para a sociedade paulistana e aglutinar um número maior de simpatizantes dentro do grupo italiano, segundo a estratégia da associação. Como neste ano o *Palestra Itália* conseguira seu intuito de disputar o campeonato da *APSA*, o número de jogos contra as grandes equipes da capital foi menor dos que aqueles realizados no interior do estado.

---

<sup>18</sup> - As partidas realizadas contra o *Black Team* de Campinas foram realizadas em 23/7 e 10/12, a segunda partida realizada em Campinas, em que *OESP* não noticiou o resultado da partida, provavelmente foi em retribuição a primeira partida realizada em São Paulo.

No ano anterior, o *Palestra Itália* somente participou de uma partida no interior; parece-me significativo que esta realizou-se antes dos confrontos contra os "grandes" da capital. Esta disputa, que podemos considerar como estréia da equipe, ocorreu visto o *Palestra Itália* não encontrar adversários na cidade e por não querer disputar jogos no futebol "varzeano"; este não era reconhecido pela APSA e pela imprensa esportiva. Portanto, este tipo de partida teria uma maior legitimidade perante o grupo em que a associação desejava ser aceita, mas, a partir do momento que encontrou equipes grandes dispostas a enfrenta-lo, o *Palestra Itália* abandonou os jogos fora da capital.

Em 1916, o quadro era diverso. Com a disputa do campeonato, a preocupação do *Palestra Itália* buscava conseguir mais adeptos no grupo italiano e propõe-se a sair pelo interior do estado em busca do reconhecimento deste grupo, que contava já com um grande contingente nas lavouras de café paulistas.

Mas a tentativa de ser reconhecido entre as grandes equipes da capital não fora deixada de lado, como atestam os dois amistosos realizados contra o *Ypiranga* e o *Palmeiras*, e uma notícia publicada em 21/11 no OESP com o seguinte texto:

*" Por motivo da brilhante victoria ante-hontem alcançada pelo C.A. Paulistano, que alcançou o primeiro lugar, entre as equipes filiadas á APSA, que disputam o campeonato deste ano, a directoria do Palestra Itália Italia resolveu oferecer um copo d'agua, em homenagem a veterana sociedade sportiva, hoje as 20 horas, em sua sede social.*

*O presidente do Palestra Itália Italia convidou hontem o sr. dr. Antonio Prado Junior, presidente do C.A. Paulistano, para assistir a homenagem, que vae ser prestada a esta associação, tendo s. s. agradecido a gentileza e prometido comparecer."*

Como podemos ver, o *Palestra Itália* continuava com sua estratégia de inserção entre os grandes clubes do futebol paulistano; desta vez, organizara uma recepção em homenagem ao campeão daquele ano, a equipe de maior influência dentro da *APSA* e que mais congregava integrantes da elite da cidade.

Um fato relevante neste período que pode nos indicar a relação entre o *Palestra Itália* e a sociedade paulistana é a pouca atenção que lhe foi dada pelo *OESP*. Muitas vezes o jornal deixou de publicar a escalação da equipe em, pelo menos, seis oportunidades. Nestes jogos publicavam a escalação do adversário, enquanto que a do *Palestra Itália* era ignorada; o caso que mais chama a atenção é o da partida contra a equipe de Caçapava. Nesta matéria podemos constatar o descaso do periódico com a associação; em um jogo que aparentemente o *Palestra Itália* seria a fonte da notícia, o órgão da imprensa privilegia uma equipe do interior, de menor expressão, pelo menos se pensarmos em relação aos interesses dos leitores da capital, principal centro de circulação do periódico.

## 1917

O ano de 1917 representou uma profunda mudança no caráter do *Palestra Itália*, pois este deixou de ser um mero participante do campeonato para passar a disputar em igualdade de condições o título do torneio. Este ano foi escolhido para o levantamento de dados da associação na imprensa esportiva paulistana, justa-

mente, por ser o primeiro ano em que se destacou na competição. Importante lembrar que este era somente o segundo ano em que a equipe participava do campeonato da *APSA*.

Devemos nos lembrar ainda, como foi apontado no capítulo 3, que a partir deste ano as duas entidades organizadoras do futebol da cidade (*APSA* e *LPF*) fundem-se sob a denominação da primeira, a fim de organizarem um único campeonato de futebol na cidade. Com isso, juntam-se aos grandes clubes da cidade duas equipes que, em 1916, disputaram o torneio organizado pela *LPF*; o *S. C. Corinthians Paulista* e o *S. C. Internacional*. Portanto, a equipe de maior ligação com as classes populares começou a participar do campeonato da *APSA* o *Corinthians*.

Neste ano, no levantamento realizado, começam a predominar matérias ligadas ao desenvolvimento do campeonato da *APSA*, como podemos ver na Tabela 1 que os temas mais freqüentes foram, por ordem: Jogos do Campeonato (35), Resultados de Partidas (26), Infantil (20) e Escalações de Times (15).

A maior parte destas notícias estão diretamente ligadas à participação do *Palestra* no campeonato deste ano; como já apontamos, foi de grande destaque, com a equipe alcançando o vice-campeonato do torneio.

Logo no início do certame, o *Palestra* já demonstrava uma melhora técnica em sua equipe, em comparação com o ano anterior. *OESP*, no dia 20/4, noticiava sua estréia no torneio, que estava marcada para o dia posterior numa partida contra o *S. C. Internacional* e, como podemos constatar com a escalação, a base étnica

era um dos seus diferenciais. Neste primeiro jogo, vencido pelo *Palestra* por 5 a 1, a equipe atuou com a seguinte formação:

Flosi  
Bianco e Grimaldi  
Picagli, Bertolini e Fabbi  
Gaetano<sup>19</sup>, Ministro, Ettore, Orlando e Martinelli.

Este time seria a base do *Palestra* no decorrer do campeonato de 1917, com algumas mudanças, provavelmente ocasionadas por contusão ou suspensão de jogadores, em algumas partidas. Com estes jogadores, o *Palestra* iniciava sua campanha que no início foi triunfante; além da vitória sobre o *S. C Internacional*, empataria com o *Paulistano* por 2 gols e, venceria o *Corinthians* por 3 a 0. A primeira e única derrota sofrida pelo *Palestra* naquele ano ocorreu contra o *Palmeiras* por 1 a 0, no dia 28/5, e somente não levantou o título daquele campeonato por uma série de empates frente ao *Paulistano*, *São Bento* (2 vezes), *Palmeiras* (no jogo do retorno<sup>20</sup>) e *Mackenzie*.

Neste ano, o *C.A. Paulistano* sagrar-se-ia bicampeão<sup>21</sup> da cidade de São Paulo, apesar de nos confrontos diretos com o *Palestra* não ter conseguido sobressair-se. Além do empate citado, as duas equipes enfrentaram-se por mais duas ve-

---

<sup>19</sup> - Muitas vezes o nome deste jogador, durante este ano, apareceu grafado como Caetano.

<sup>20</sup> - Retorno refere-se a fase do campeonato onde todas equipes enfrentam-se novamente. Normalmente um campeonato de futebol é dividido em duas fases, turno e retorno; na primeira fase todos os participantes enfrentam-se e na segunda fase os mesmos jogos repetem-se com o mando de jogo invertido.

<sup>21</sup> Como foi apontado o *C. A. Paulistano* passava pelo período onde alcançou as maiores glórias, onde conquistou o único tetracampeonato da história do futebol paulista nos anos de 1916, 17, 18 e 19.

zes: no retorno do campeonato (26/8) e numa partida beneficente no início do ano (18/3). Nos dois encontros o *Palestra Itália* saiu vencedor; 3 a 2, no jogo em benefício do "*Comitê Feminino Italiano Pró-Pátria*", e 1 a 0 na partida válida pelo campeonato da *APSA*.

Como podemos ver, o *Palestra* não abandonava os jogos beneficentes, continuando a realizá-los, na maioria das vezes, em prol de alguma causa ligada à pátria de origem de seus representados, a Itália. Além do embate contra o *C.A. Paulistano*, a equipe atuou (é muito provável que fosse o organizador destes eventos) em mais quatro partidas beneficentes em 1917, sendo apenas uma delas em prol de uma entidade estritamente brasileira.

Segundo *OESP*, em notícia publicada em 24/3, a associação realizaria dois jogos em benefício do "*Comitê Italiano Pró-Pátria*" de Santos naquela cidade, contra as equipes do *Brasil F. C.* e o *Torino F. C.*. Em outubro, o mesmo jornal anunciava a realização de um festival futebolístico no campo do Bosque da Saúde, visando à "*Cruz Vermelha Brasileira*" e "*Cruz Vermelha Italiana*"; este festival consistiria em dois jogos entre os primeiros e segundos times do *Palestra* e do *S. C. Internacional*. E, por último, em 11/10 anunciava a realização de um jogo direcionado à "*Associação dos Chronistas Sportivos*", entre o *C.A. Paulistano* e um time composto de jogadores do *Palestra Itália* e do *S. C. Corinthians Paulista*.

Nesta última partida, há um fato relevante o time combinado *Palestra/Corinthians* foi formado para substituir um time carioca (*América* ou *Flamengo*, segundo a notícia) que não poderia vir a São Paulo para a disputa. A relevância

está em que, na primeira partida amistosa que o *Palestra* disputava em benefício exclusivo de uma entidade brasileira, a sua participação não era enquanto associação italiana, mas somente como equipe gabaritada a fornecer alguns jogadores a um time formado na última hora para substituir outra que não pudera atender ao convite dos organizadores do evento.

Neste ano, o *Palestra* também continuava realizando jogos com equipes de cidades do interior do estado de São Paulo, mas passa a convidá-los para jogarem na capital. Em 1917 a associação realiza quatro partidas contra equipes do interior, sendo duas delas nas cidades dos adversários e duas na própria capital.

*OESP* anunciava em 15/4 que o *Palestra* realizaria naquele dia uma partida contra o *Rio Claro F. C.*, na cidade de mesmo nome, vencida pelo time da capital por 2 a 0. Em 17/6 enfrentaria o *S. C. Taubaté*, naquela cidade, vencendo o embate por 4 a 0, notícias muito próximas aquelas do mesmo teor publicadas em 1915 e 1916.

A diferença para os outros anos aparece primeiro em uma matéria publicada no dia 29/5 anunciando a realização de um jogo no campo da *Floresta* (capital) entre o *Palestra Itália* e o *Comercial F. C.* de Ribeirão Preto (1 a 1) para o dia seguinte e, dando boas referências para a equipe interiorana. Em 8/12 outra notícia sobre a vinda da *A. A. Caçapavense* para disputar contra o *Palestra Itália* (vitória palestrina por 6 a 3), no dia seguinte, no campo da *Floresta*, ressaltando que seria a primeira vez que uma equipe de Caçapava viria a São Paulo.

Estas duas matérias denotam a mudança de caráter do *Palestra Itália*. Esta associação, depois de passar por praticamente um ritual de iniciação no futebol paulistano, começava a ter gabarito e poder para organizar e convidar equipes do interior do estado a fim de disputarem "matches" na capital em estádios utilizados pelos grandes times do futebol paulistano<sup>22</sup>.

Um fato que neste ano começa a aparecer com maior clareza é a parcialidade da imprensa desportiva<sup>23</sup>, que cobria o desenrolar diário do futebol paulistano. Muitas das matérias selecionadas continham uma parcialidade implícita em suas linhas; a imprensa, na maior parte das vezes, ainda mais quando analisamos o conjunto das notícias sobre o *Palestra Itália*, menosprezava ou não dava a devida ênfase aos feitos esportivos da associação, principalmente quando o *Palestra* enfrentava os "grandes". Em 1916 já apareciam indícios deste seu comportamento, com a não publicação de escalações dos times palestrinos, enquanto na maioria das vezes publicava os das outras equipes; neste ano, em muitas partidas, a imprensa somente publicava a escalação do adversário do *Palestra*. Mas poderia haver razão em tal procedimento, pois o *Palestra* era somente um mero participante do campeonato, não sendo uma das equipes com chances reais de alcançar o título paulistano.

Em 1917, o fato se repete demonstrando que isto não era casual ou se devia à baixa qualidade técnica do *Palestra Itália*, visto a equipe realizar uma ótima

---

<sup>22</sup> - O campo da *Floresta* junto com o *Velódromo* eram os estádios em que disputavam jogos válidos pelo campeonato da APSA.

<sup>23</sup> - Esta parcialidade foi encontrado em todos os periódicos pesquisados.

campanha, alcançando o vice-campeonato e perdendo somente uma única partida durante o ano inteiro.

Ao todo, em nove oportunidades, *OESP* deixa de publicar a escalação da equipe palestrina; afirmo isto, pois versavam sobre a realização de nove jogos envolvendo o *Palestra Itália* e, nestas mesmas notícias, foram publicadas as escalações dos adversários. Neste momento a que mais chama atenção é a publicada em 4/11 sobre o embate que terminou empatado em 1 gol entre *Palestra Itália* e *Mackenzie*. A matéria anunciava a partida e somente publicava a escalação do *Mackenzie*, apesar deste jogo ser decisivo, cabe ressaltar que o *Palestra Itália* disputava a primeira colocação do certame e o *Mackenzie* ocupava a última colocação.

Outra notícia que nos dá uma boa idéia da parcialidade da imprensa esportiva paulistana foi publicada em 27/8 sobre a partida vencida pelo *Palestra Itália* contra o C.A. *Paulistano*. Após tecer elogios ao jogo, relata-o de uma forma bem enviesada, com a maior parte referindo-se a jogadas feitas pelos atletas do *Paulistano*, só citando a presença de jogadores palestrinos na jogada do gol que decidiu a partida; todos os elogios dirigiram-se a estes como o goleiro, que, segundo o jornal, garantiria o pequeno placar a Rubens Salles que voltava a atuar pelo *Paulistano* e a Mário Andrada chamado de "menino de ouro". Outro destaque, foi quando a matéria referia-se aos jogadores do *Paulistano* chamados pelo nome inteiro (nome e sobrenome), enquanto que as poucas referências aos palestrinos eram feitas pelo sobrenome demarcando bem a origem italiana.

Ora, como um relato de uma partida de futebol deixa em segundo plano os jogadores do time vencedor e as jogadas realizadas por estes?

Para termos uma noção mais exata desta parcialidade descrevo o relato do jogo vencido pelo *Palestra Itália*, por 6 a 1, contra o fraco time do *Ypiranga* em 26/11, e que lhe garantiria o vice-campeonato:

*" Com o match realizado hontem na Floresta entre o Palestra e o Ypiranga, encerrou-se a temporada official de 'football'.*

*O Palestra fechou o campeonato com chave de ouro, pois conseguiu derrotar o seu antagonista pelo elevado score de 6 'goals' a 1.*

*Do 'team' alvi-negro (Ypiranga) apenas Formiga e Estrella jogaram bem, notadamente o primeiro, que muito se esforçou para attenuar a derrota de sua 'equipe'.*

*O 'foward' ipiranguista fez diversas investidas perigosas contra o rectangulo italiano, mas não surtiram o desejado effeito pela falta de companheiros que o ajudassem.*

*A defesa do Ypiranga esteve indecisa e sem firmeza, compromettendo bastante a acção do 'Kepper'. Este tambem não agiu com precisão. Faltou-lhe a devida calma e, alem disso, o guarda alvo do 'team' de Formiga fez as suas costumeiras piruetas e brincadeiras proporcionando ensejo aos adversarios para augmentarem o numero de pontos.*

*Os 'halves' esfroçaram-se para se oppor ao ataque do 'team' tricolor<sup>24</sup> (Palestra Itália).*

*O Palestra apesar da victoria que obteve não desenvolveu jogo assombroso.*

*Alguns elementos do 'team' tricolor fizeram jogo pesado.*

*Picagli não nos agradou hontem, pois fez jogo para archibancadas.*

*Flosi como sempre defendeu galliaradamente seu posto, fazendo belas tiradas. (...)"*

Vemos que, em nenhum momento, o jornalista que descreve o jogo afirma que o *Palestra* estava tornando-se o vice-campeão do certame, e que, apesar de

---

<sup>24</sup> - O *Palestra Itália* era conhecido como o "team tricolor" devido ao seu uniforme, que era composto de camisas verdes, com gola e punhos vermelhos, calções brancos e meias brancas.

elogiá-lo no início da matéria, centra seus comentários no time do *Ypiranga*. Independente do placar elástico, o jornalista dedica boa parte da matéria a jogadores ipiranguistas, destacando os esforços destes para conter o *Palestra Itália* e, quando refere-se a atuação de nossa associação, ataca afirmando que "*apesar da vitória que obteve não desenvolveu jogo assombroso*". Ainda critica alguns jogadores palestrinos e deixa entender que o placar deveu-se à atuação do goleiro do Ypiranga "(que) fez as suas costumeiras piruetas e brincadeiras proporcionando ensejo aos adversarios para augmentarem o numero de pontos". Portanto, como vemos, mesmo quando o *Palestra Itália* conseguia um placar elástico contra um time de menor expressão como o *Ypiranga*, segundo a imprensa, não desenvolvia "*jogo assombroso*" e a vitória não era conseguida com seus próprios méritos.

Retomaremos a questão da parcialidade da imprensa esportiva mais adiante no texto.

Mas a matéria que mais se destaca, no conjunto das notícias selecionadas no ano de 1917, é a publicada em 4/11, que versa sobre uma questão que até aquele momento encontrava-se nas entrelinhas da cobertura jornalística. Nesta data é publicada no OESP um artigo com o seguinte texto:

**"O PALESTRA ITÁLIA E O CAMPEONATO DE  
"FOOTBALL"**

*O nosso numero de hontem sahiu uma secção livre, em que, ironicamente, se fazia alusão a uma chronica sportiva de um dos collegas da manhan. O collega que é italiano, na apreciação, considerou o Palestra Itália, 'team' formado de filhos de italianos, forte e disciplinado. Foi o quanto bastou para que um 'sportman' não concordando com aquelle juízo, fizesse tal pilheria - pilheria sim, porque outro nome não pode ter.*

*É lamentavel que se envolva nas intrigas sportivas, sentimentos os mais nobres, como é o patriotismo, nesta época o mais sagrado.*

*É claro que não aplaudimos semelhantes pecuñias, ritos da rivalidade entre clubs, que disputam os torneios em São Paulo.*

*Mas, pela natureza da publicação verifica-se que aquillo não é mais que uma brincadeira, que bem merece o nome de mau gosto. Não acreditamos que houvesse o intuito de ferir os italianos. No 'football', em todos os tempos o antagonismo entre as sociedades provoca desses desabafos intempestivos. A nossa educação sportiva, infelizmente não chegou ainda a um grau de perfeição que era para desejar. De sorte que, estes e outros incidentes, inoffensivos no fundo, não podem, por enquanto, molestar a quem quer que seja. O regionalismo, no sport, existe só para reduzidos numero de pessoas, que alias não tem responsabilidades effectivas na direção das entidades de 'sport'. E tanto não existe que as associações, tradicionalmente brasileiras, dão ingresso a estrangeiros. Se tem sido assim até aqui, agora, então, não ha absolutamente motivos para desconfianças. E ainda mais com os italianos. Hoje somos todos brasileiros e italianos, francezes, inglezes e portuguezes, aliados, pois que combatemos por uma só causa. Por conseguinte, não se deve dar importância exaggerada a esses factos alias naturaes em se tratando de coisas do 'football'."*

Percebemos neste artigo, o *Palestra Itália* ser considerado uma equipe de estrangeiros por algumas pessoas. Uma simples nota elogiosa à associação provocou a reação de um leitor, que mandara através de uma carta ofensas ao jornalista e ao *Palestra Itália*, como dá a entender o texto<sup>25</sup>. Há dois fatos que merecem destaque: a publicação de uma carta que ofendia o *Palestra Itália* e o grupo italia-

<sup>25</sup> - Como o texto afirma havia sido publicado no dia anterior, uma carta de um leitor na "secção livre" da edição matutina. Apesar de procurar esta carta nas edições dos dias anteriores do jornal não consegui localiza-la, julgo não ter tido sucesso pois as coleções arquivadas no "Arquivo do Estado de São Paulo" e na "Biblioteca Mário de Andrade" guardam as edições principais de OESP.

no da cidade de São Paulo, e a resposta a este manifesto num local mais visível do jornal<sup>26</sup>.

Apesar de afirmar que a opinião de um leitor não era compartilhada pelo periódico, é significativo que esta tenha sido publicada, com o jornal logo defendendo-se de possíveis acusações de discriminação contra o grupo italiano da cidade de São Paulo.

O periódico deixa entender que a manifestação era individual e que se devia a um “*antagonismo entre as sociedades (que) provoca desses desabafos intempestivos*”, naturais em se tratando das manifestações esportivas. E, como vimos, na cobertura esportiva, com especial atenção aos fatos relacionados ao *Palestra Itália* do próprio jornal, os antagonismos entre as sociedades eram vislumbrados em suas páginas diárias. Com a diferença que neste episódio a questão da nacionalidade torna-se mais visível, pois *OESP* marcava sempre as origens italianas da associação, mas quando menosprezava seus feitos, fazia suas críticas no terreno da técnica e da competência esportiva.

Portanto, nesta passagem e em outras do jornal, com maior intensidade, aflora a discriminação contra o imigrante italiano, presente nas colunas esportivas de *OESP* e da imprensa paulistana, mesmo encoberta, quando o foco das atenções era a equipe de futebol representante do grupo de origens estrangeiras. E, como o próprio artigo afirma, 1917 não seria o momento adequado para o antagonismo de

---

<sup>26</sup> - Sem dúvida a seção esportiva apesar de não ser a principal do periódico, deveria ter mais leitores que a seção onde publicava-se cartas de todos os tipos de leitores e pequenas propagandas.

nacionalidades em território brasileiro, ainda entre duas nações aliadas no cenário internacional.

A questão da nacionalidade será retomada em outra parte do texto, principalmente quando tratarmos de 1942 que, por causa da IIª Guerra, os sentimentos nacionais de ambos os lados estiveram mais visíveis e presentes na história de nossa associação.

## 1920

O levantamento realizado para este ano apresenta uma peculiaridade, por ser quando o *Palestra Itália* atinge seu primeiro título dentro do futebol "oficial". Por outro lado, nesse ano a pesquisa foi realizada em dois órgãos da imprensa paulistana, "*O Estado de São Paulo*" (*OESP*) e "*A Platéia*" (*AP*).

A decisão de estender a pesquisa a mais um periódico ocorreu, pela necessidade de constatar se *OESP*, em sua cobertura do cotidiano do *Palestra Itália*, diferenciava-se de outros órgãos da imprensa. Como foi apontado, para as notícias referentes a 1917 utilizou-se também o "*Correio Paulistano*", por haver uma lacuna no levantamento realizado no *OESP*. A pesquisa realiza com *AP* tem como objetivo a comparação de dois órgãos da imprensa paulistana do período.

Para fazermos esta comparação, utilizarei como fonte principal dos dados históricos da associação para 1920 a cobertura jornalística realizada pela *AP*. Os dados levantados no *OESP* serão utilizados conforme aparecem grandes discre-

pâncias entre a forma das notícias destes dois órgãos para um mesmo fato. Devemos levar em conta que, no geral, os conteúdos são idênticos nos dois jornais, pois estavam cobrindo o desenrolar diário do movimento futebolístico paulistano, e nossa associação era parte integrante deste contexto.

Em 1920 o *Palestra Itália* alcançou seu objetivo tornar-se um dos grandes do futebol paulistano, conseguido através do título paulista. Desde de sua fundação, como demonstrei, a associação desejava ser considerada uma das forças desse esporte em São Paulo, mas isto só seria possível com o título do campeonato da *APSA*. Antes deste ano o *Palestra* já havia demonstrado seu valor técnico com os vice-campeonatos de 1917 e 1919, mas era necessário, para a sua afirmação perante as outras equipes, o título de campeão. Esta glória, apesar de sua importância, não igualaria a associação às equipes da elite paulistana, devido as suas origens étnicas; isto fica claro na cobertura jornalística deste ano e na de 1933, quando perdeu a parcialidade e o menosprezo aos seus feitos.

A diferença de tratamento dada pela imprensa esportiva atribuiu às origens italianas da associação, que levava uma multidão de imigrantes italianos e seus descendentes a assistirem jogos do *Palestra Itália*. Era uma invasão das classes menos abastadas de um local até então dominado pela "alta sociedade", ocasionando um desconforto da elite não acostumada a desfrutar do mesmo espaço físico com as classes trabalhadoras (SEVCENKO, 1992). Isto fica claro nos relatos das partidas que levavam um número considerável de espectadores; a multidão cau-

sava mal estar na classe que ainda comandava os destinos do futebol paulistano, como poderemos ver nestas passagens:

*"Ausencia de Bianco, por força da suspensão que soffre, não poude participar da luta, o excessivo calor, verdadeiramente acabrunhante, as aspluxiantes nuvens de po da Avenida Agua Branca, o costumeiro pessimo serviço da Canadense, nada disso impediu que o campo do Pq. Antarctica se enchesse a valer. Era que jogava o Palestra" (OESP, 4/10/20)*

*"A assistencia selecta e numerosa, salvo alguns inconditos torcedores, portou-se perfeitamente." (OESP, 14/10/20)*

*" Appello ao publico - Os dois clubs disputantes, animados pelo natural desejo de que a luta se desenrole como a maior cordialidade e cavalleirismo, recomendam ao publico um comportamento exemplar á altura dos foros de civilisação do povo paulista. Para a boa manutenção da ordem é preciso que todos observem estrictamente as presentes instruções, e prestem a devida atenção aos socios de ambos os clubs escalados em commissão para coadjuvarem as autoridades na manutenção da ordem.*

*Recomenda-se muita calma aos espectadores. Que cada um mesmo se expanda na justa medida, e sem excessos do natural enthusiasmo pelos belos gestos de seus favoritos, ao jubilo pela victoria do club preferido; mas que respeite e honre o adversario não menos nobres e gloriosos, lembrando-se que são todos amadores que praticam o esporte pelo prazer e satisfacção do esporte, para o engrandecimento e desenvolvimento da raça.*

*Que todos acatem religiosamente as decisões dos arbitros, esportistas distinctos que emprestam gentilmente seus concurso para um fim nobre: que todos respeitem as medidas e resoluções das autoridades da entidade directora dos esportes paulistas. (Seguem as instruções detalhadas)" (OESP, 11/12/20)*

*"Dado o desequilibrio de forças dos clubs acima (Palestra e Mackenzie), cremos que o jogo a realizar-se amanhã, no campo do Parque Antarctica, decorrerá falho de interesse. Em todo caso, como se trata de um torneio de que participará a turma palestrina, é bem provável que não seja pequena a assistencia que acorrerá ao estadio da sociedade italiana." (AP, 16/10/20)*

*"Nunca em São Paulo, nenhuma pugna esportiva (Palestra e Paulistano) logrou tão avultada concorren-*

*cia do a que hontem affluiu ao campo do Parque Antartica (...)" (AP, 16/8/20)*

*"Aquelle logradouro apesar de ser um dos maiores da Paulicéa, encheu-se literalmente, podendo ser orçada em cerca de 20.000 pessoas a assitencia que, resiguidamente supportando a poeira da avenida Agua Branca e os apertos dos boudes da Light, a elle se abalou (...)" (AP, 6/9/20)*

Estas passagens demonstram que o futebol em 1920 não era mais uma modalidade esportiva dominada pela elite da cidade; multidões de aficionados dirigiam-se aos "grounds" para acompanharem seus "teams". A imprensa que acompanhava o desenvolvimento esportivo ainda não estava acostumada a este fato, tanto que em muitas análises de jogos fazia afirmações do tipo:

*"Afflui uma grande concorrencia ao Parque Antartica, para apreciar a partida entre o Internacional e o Palestra. Todavia, nada justificava, essa curiosidade, pois era quasi certa a victoria do ultimo (...)"*

Isto era comum neste período, pois as análises das partidas eram pautadas, somente, pelo nível técnico dos participantes; com isso, a imprensa esperava grande público somente em jogos onde o equilíbrio técnico predominasse. No exemplo acima, a falta de justificativa para a grande assistência era o desequilíbrio entre as duas equipes; o *Internacional* fazia péssima campanha no campeonato daquele ano e o periódico dava a entender que a vitória palestrina era dada como certa entre os que acompanhavam o futebol, fato que provocaria desinteresse no público. Para o jornal, o espectador ideal seria o amante do futebol e não o aficionado por alguma equipe, pois este não estaria "á altura dos foros de civilização do povo

*paulista*", praticando atitudes que estariam em desacordo com a prática "*pelo prazer e satisfação do esporte, para o engrandecimento e desenvolvimento da raça*".

A imprensa dava a entender que a equipe possuidora de um maior número de aficionados era o *Palestra Itália*, certamente era composto de imigrantes italianos e seus descendentes, como eram suas diretorias<sup>27</sup> e seus jogadores. Portanto, o *Palestra*, por ser uma equipe com fortes raízes nas classes menos abastadas, seria o responsável pela invasão das arquibancadas por indivíduos oriundos destas classes. Ele era um representante diferente na esfera esportiva paulistana; esta equipe havia introduzido "*elementos*"<sup>28</sup> distantes dos setores nobres da sociedade paulistana no campo de jogo, atuando com um time repleto de "*italianinhos*"<sup>29</sup>; também motivava uma imensa legião de "*torcedores*", oriundos de bairros operários, a acompanharem seus jogos em locais até então restritos à uma "*selecta assitencia*".

1920 seria o ano destes "*intrusos*" ganharem destaque no futebol paulistano; um time com a seguinte escalação alcançaria um título restrito à elite paulistana.

---

<sup>27</sup> Em 16/1/20 era noticiado a eleição da diretoria do Palestra: Presidente, Menotti Falchi; 1º vice, Davide Picchetti; 2º vice, Alberto Sironi; 1º secretário, Martino Frontini; 2º secretário, Enrico Belli; 1º tesoureiro, Giuseppe Perrone, 2º tesoureiro, Luigi Izzo; Mordomo (*sic*), Luigi Rocco; diretores esportivos, Angelo Cristofaro, Carmine Pastore, Enrico de Martino, Ernesto Giuliano, Antonio Vaudagnatti, Claudio Bosisio, Dr. Matteo Pannain, Lorenzo Alessandri e Luigi Cervo.

<sup>28</sup> - A palavra "*elementos*" é emprestada de uma notícia de 16/5 que discorria sobre a rodada daquele dia e ao anunciar as diversas escalações utilizou a seguinte expressão: "*São esses os elementos do Palestra (...)*", enquanto que para as outras equipes que atuavam naquele dia refere-se da seguinte maneira: A. A. Palmeiras, "*Estes são os quadros do Palmeiras: (...)*"; C.A. Paulistano, "*O primeiro quadro do Paulistano (...)*"; A.A. Mackenzie "*Jogarão pelo Mackenzie (...)*"

<sup>29</sup> - Esta expressão era largamente utilizada em São Paulo como foram pejorativa para a denominação dos imigrantes italianos, principalmente aqueles da classe operária, como indica Antônio Alcântara Machado em suas obras que retratavam o cotidiano destes imigrantes.

Primo  
 Bianco e Pedretti  
 Bertolini, Picagli e Fabbi  
 Gaetano, Ministro, Heitor, Imperato e Martinelli<sup>30</sup>

Para alcançar o campeonato o *Palestra Itália* realizou a seguinte campanha:

1º TURNO	
<i>PALESTRA ITÁLIA</i>	
3	1 <i>Minas Geraes</i>
7	0 <i>Mackenzie</i>
3	2 <i>Santos</i>
4	1 <i>São Bento</i>
5	0 <i>Palmeiras</i>
2	0 <i>Ypiranga</i>
11	0 <i>Internacional</i>
1	1 <i>Paulistano</i>
3	0 <i>Corinthians</i>

2º TURNO	
<i>PALESTRA ITÁLIA</i>	
1	0 <i>Minas Geraes</i>
4	0 <i>Mackenzie</i>
0	0 <i>Santos</i>
1	0 <i>São Bento</i>
5	0 <i>Palmeiras</i>
0	0 <i>Ypiranga</i>
6	1 <i>Internacional</i>
1	2 <i>Corinthians</i>
0	1 <i>Paulistano</i>
2	1 <i>Paulistano</i> <sup>31</sup>

<sup>30</sup> - Esta escalação refere-se ao time que enfrentou o Palmeiras no dia 21/11, antepenúltimo jogo do Palestra antes de sagrar-se campeão.

<sup>31</sup> - Jogo desempate onde o Palestra tornar-se-ia campeão.

Como podemos ver, um ano brilhante para o *Palestra*. Ele fora derrotado em duas oportunidades por placares apertados e contra duas tradicionais equipes da cidade -- o *Corinthians* e o *Paulistano*. Os únicos resultados inesperados foram os empates com o *Ypiranga* e *Santos*, mas não atrapalharam o caminho do título; entretanto provocaram um final dramático marcado por alguns incidentes envolvendo o *Palestra*.

O final do campeonato de 1920 assume aspectos dramáticos, pois o *Palestra* e o *Paulistano* realizariam seu último jogo no torneio; a equipe palestrina necessitava de um empate para se tornar campeã e o Paulistano, que lutava por um título inédito no futebol de São Paulo, o pentacampeonato, precisava de uma vitória que provocaria um jogo extra entre as duas equipes para a decisão do título. Este fato ocorreria com a vitória do clube dos Jardins por 1 a 0, no dia 13/12, ficando marcado para o dia 19/12 o jogo desempate, ganho pelo *Palestra* por 2 gols a 1.

Estas partidas foram cercadas de grande expectativa, pois os dois grandes rivais da cidade de São Paulo repetiriam, um ano depois, a disputa pelo título. Em 1919, o *Paulistano* sagrara-se tetracampeão destacando-se frente ao *Palestra*, derrotado pelo *S. C. Corinthians*.

A cobertura da imprensa para este final de campeonato acompanhava todos os passos e preparativos das equipes. No dia posterior ao jogo AP chega a dedicar duas páginas inteiras à cobertura da partida; com os dias que antecederam a peleja ressaltando a importância do jogo. Um artigo se destaca entre as matérias do

OESP, versando sobre a decisão da APSA em marcar o desempate para o campo do *Palmeiras* e, principalmente, por ter dobrado o preço do ingresso.

Nesta matéria é ressaltado o valor das competições esportivas e criticava o aumento que impediria algumas pessoas de assistir ao espetáculo; mais uma vez o jornal contrariava sua posição elitista:

*"(...) Nós vivemos numa democracia e numa democracia na qual a educação physica é necessidade imperiosa, devendo ser intensificado e generalizado o mais possível o bom exemplo das competições esportivas. Por isso, toda e qualquer tentativa para aristocratizar o esporte, para 'selecioná-lo', favorecendo os que dispõem de melhores meios de fortuna é summamente odiosa, resulta prejudicial aos proprios interesses do esporte (...)" (OESP, 17/12/20)*

A imprensa desaprovava sempre as deliberações elitistas das entidades dirigentes, principalmente OESP que balizava sua linha editorial por um peculiar liberalismo, como foi demonstrado no capítulo 2. AP nem se posicionava perante estas questões. A pesquisa realizada revelou que a imprensa preferia um elitismo velado a uma posição nítida contra a participação de elementos no esporte oficial. Pode parecer contraditório afirmar um elitismo para quem reitera que o esporte deveria ser "*intensificado e generalizado*", mas parece provável que a imprensa se posicionava a favor de uma prática desportiva generalizada, não colocando em risco a hegemonia da elite nesta esfera. Esta idéia parece confirmar-se com a posição de OESP contra a introdução do profissionalismo no futebol.

Mas, retornando ao campeonato de 1920, o *Palestra* sagrava-se campeão sem o apoio da imprensa, que mantinha suas posições parciais desfavoráveis ao

time palestrino. Neste ano acaba a prática ocorrida nos anteriores de não publicar sua escalação enquanto era anunciada a de seu adversário. Entretanto, a parcialidade continuava clara nos relatos das partidas<sup>32</sup>. Em 6/9, quando da cobertura do jogo com o *Corinthians*, onde este saiu vitorioso, OESP chega a afirmar que o *Palestra* estava em decadência, por sua derrota para uma das tradicionais equipes da cidade, vitória esta por diferença de apenas 1 gol.

*" Apenas do meio para o fim do primeiro período do jogo, os elementos do Palestra, tomados de brio, esforçaram-se por melhorar, a sua inferioridade técnica, reagindo mediocrementemente, mas sem orientação inteligente. (...)" (OESP, 6/9/1920)*

Como podemos ver esta seria a tônica dos relatos das partidas em que o *Palestra* participava, proporcionando "pérolas" jornalísticas do tipo:

*"Logo no primeiro minuto de jogo, Ministro, tentando passar a esfera a seu companheiro de linha, o fez com tanta 'infelicidade' que, a bola, tomando uma direcção diversa da que lhe pretendia dar aquelle peão palestrino, foi ter, inesperadamente ao posto confiado á guarda de Arnaldo. O arqueiro alvi-rubro que, como não teve tempo de colocar-se convenientemente, permitindo, que se marcasse o primeiro e único ponto dos commandados de Bianco (...)" (AP, 16/8/1920)*

Mas um fato no campeonato deste ano mostrava a força de nossa associação; no jogo contra o S.C. *Corinthians*, em que o *Palestra* fora derrotado por 2 a 1, aconteceram alguns incidentes, assim relatados:

*" Assegurado assim a victoria do quadro capiteneado por Neco (Corinthians), que jogou assombrosa-*

<sup>32</sup> - Há uma única notícia onde a atuação do Palestra Itália era francamente elogiada. Em 27/7 AP publica uma notícia sobre a vitória palestrina sobre o selecionado carioca (arqui-rival dos paulistas) por 5 a 1. Credito estes elogios ao fato de o Palestra Itália neste jogo estar representando a cidade de São Paulo contra o grande adversário paulista.

*mente, o conjunto vice-campeão da cidade (Palestra), elementos do Palestra, não tardaram a manifestar o seu desagrado. Neco, quando Primo, de posse da bola, pretendia defender seu posto, 'entrou' contra esse guardião, procurando impedir, a todo transe a devolução da esphera ao centro do campo. Nunca praticasse tal façanha aquelle magnifico dianteiro, pois que a mesma quasi lhe valeu ser lynchado pelos seus adversarios, em pleno campo. Deu começo a 'scena', justamente quem nunca, se pensara pudesse assumir semelhante attitude: Bianco, o consagrado zagueiro paulista. Por traz da 'victima', applicou-lhe formidavel ponta-pe, por entre as pernas, e, a seguir 'parodiando' o gesto do membro inferior, dá-lhe um socco na frente. Pedretti e Picagli intervêm, apoiando o seu capitão, em tudo e por tudo. Realmente desagravel esse incidente, para o bom nome do futebol paulista." (OESP, 6/9/1920)*

Esta briga no gramado geraria problemas extra-campo que quase paralisariam o torneio; como conseqüência, tivemos a prisão de um de seus dirigentes, como indica a notícia de 19/9 que relatando distúrbios frente à sede do *Palestra Itália*.

Estes incidentes geraram um pedido de licença do campeonato por parte do *Palestra Itália*, por não concordar com arbitragens e o tratamento dado a seus jogadores por outras equipes. Isto se verifica também em outra matéria do dia 19, onde relatava uma reunião da APSA sobre o "caso Palestra", em que a associação defendeu formalmente seu pedido de licença por 6 meses. Neste artigo há referências de que o *Palestra* estaria levando o incidente para a questão da nacionalidade, provavelmente por se tratar de uma questão onde estaria diretamente relacionado.

*"(...) A licença de seu grenio é irrevogavel. Insiste e insiste, porque? Não é por pretender desacatar os demais colligados. O Palestra esta convencido de que arrastam o assumpto para outro terreno, mais escabroso, como seja o da nacionalidade."(OESP, 19/9/20)*

Seguindo a linha de raciocínio que o *Palestra* era uma associação não bem quista dentro do futebol paulistano, esta solicitação de licença poderia ser a oportunidade de outras equipes, e mesmo a imprensa, vê-la afastada do futebol "oficial". Mas não foi isto que aconteceu. A *APSA* não aceitava o pedido, e a imprensa, mesmo desaprovando as cenas de violência ocorridas na partida com o *Corinthians*, também posicionava-se contra o abandono do campeonato pela equipe.

Esta postura deve-se ao fato do *Palestra* ser um dos mais populares times do campeonato, levando multidões aos estádios, e a sua licença poderia significar o fracasso desta disputa. No mesmo ano, o *Santos F. C.* havia conseguido uma licença por discordar das arbitragens, e fora aceita pela *APSA*. A imprensa chega a afirmar que o campeonato perderia um de seus melhores times se fosse concedida ao *Palestra*. Mais uma vez, em momento agudo, ela se esforça-se para demonstrar imparcialidade, fato que na cobertura do torneio seria desmentido.

A questão da nacionalidade aparece de uma forma mais contundente neste ano, mas sem envolver o *Palestra* diretamente; a associação e os italianos serviram como base da argumentação de *OESP* sobre o caso. Os times da segunda divisão reclamavam oficialmente à *APSA* da fusão do *Mackenzie* e a *Associação Portuguesa de Esportes*, e o periódico posicionava-se a favor desta jogada. Para reforçar seu argumento utilizava o exemplo do *Palestra* como modelo a ser seguido.

*"Tratemos o caso com calma e serenidade. Se o boato fosse verdadeiro, não atinamos com sinceridade o dizemos, com o protesto. Porque da união, só benefícios"*

*poderiam advir para o Mackenzie, que hoje se encontra quasi abandonado, sendo, por isso, mesmo, prejudicado a cada passo. É prejudicado, naturalmente, porque os fortes gremios, na ancia de progredirem, não se conformam, e têm lá suas razões, com a inactividade dos outros. Accusar, por conseguinte, uma sociedade que procura esteio, afigura-se-nos ser uma injustiça. Depois, convem ponderar que o Esporte Club Syrio, da segunda divisão, mesmo sem atentar para os seus companheiros, pretendeu aliar-se ao Mackenzie, e não nos conta que houvesse uma campanha forte contra seus dirigentes. Pelo contrario: acharam ate uma coisa muito seria e muito direita. Porque, então se investe contra a Associação Portugueza? Porque pôde ella agitar a questão da nacionalidade? Mas, santo Deus! - não existe o Palestra, que é a reunião de todos os rapazes descendentes de italianos? Não existe o Germania, que está tecendo os seus pausinhos para de novo disputar o campeonato?*

*Causa de facto, estranheza essa hostilidade contra uma associação nova, é verdade mas que possui todos os elementos de exito.*

*Os italianos, os syrios, os alemães, os inglezes podem congregar-se livremente e até mesmo influir nos destinos de nossa entidade maxima; mas os portuguezes, mais ligados a nós, não devem gosar das mesmas regalias. É um absurdo. É um atentado ao bom senso.*

*E depois - é preciso que se accentue bem esta verdade - no esporte não ha, não pode haver questão de nacionalidade.*

*Nunca dissemos, nestas columnas, que o Palestra representava o heroico povo da Italia e nem tampouco asseguramos que o Syrio representava a raça intemerta, que luta denodadamente pelo independencia. Os quadros desses clubs, queiram ou não queiram certos individuos idiotas, compõe-se de brasileiros. Como apontal-os a execração, ao ridiculo, ao apupo?" (OESP, 16/10/20)*

Apesar do periódico afirmar que "*nunca dissemos, nestas columnas, que o Palestra representava o heroico povo da Italia*" o levantamento revelou que esta relação sempre esteve presente. O jornal reiterava que a associação representava os italianos da cidade ou seus jogadores eram italianos<sup>33</sup>. E quando a questão da na-

<sup>33</sup> - Em muitas notícias os jogadores palestrinos eram denominados como italianos, era comum encontrarmos expressões como: "*foward italiano*" ou "*zagueiros italianos*".

cionalidade, como no caso acima, aflorava por algum motivo, o *Palestra Itália* era sempre lembrado como exemplo de como se lidar com o problema.

1933

Neste ano, o *Palestra Itália* já era uma das tradicionais equipes da cidade de São Paulo, sendo escolhido como objeto para análise a fim de se contrapor, junto com 1942, aos anos iniciais da associação. O objetivo seria, justamente, detectar alguma mudança na cobertura jornalística da imprensa paulistana relativa ao *Palestra Itália*.

Para não nos tornarmos repetitivos, cito duas passagens da cobertura do primeiro jogo do *Palestra* no campeonato de 1933, contra o *Corinthians*, publicada em 9/5<sup>34</sup>, vencido pelo *Palestra Itália* por 5 a 1:

*"Contudo, a acção da linha de avantes salvou o club do Parque São Jorge de um fracasso maior. Notámos porém uma falha: morosidade e insegurança no momentos que requeriam acção rápida. Por isso, pouca foram as vezes que o excellentente guardião do Palestra teve que intervir (...)"*

*"O seu exito (do Palestra) se deve mais aos remates freqüentes da linha de avantes, remates de acções individuais, porque os ataques foram, em sua maioria, pessimamente finalizados, consequencia, alias da ausencia de uma efficaz actuação de conjunto."*

Ora, como um time que perdeu por 5 a 1 foi salvo de um fracasso maior (!) por uma linha de avantes que só conseguiu marcar um tento? E, como uma equipe

<sup>34</sup> - O jogo fora realizado no dia 7/5, portanto, a matéria saía numa terça-feira, dia em que era publicada a cobertura da rodada do final de semana, neste ano não havia edições do *OESP* às segundas-feiras.

marca 5 gols em uma partida com péssimas finalizações e uma ausência de jogo em conjunto?

Como podemos notar, o conteúdo da cobertura jornalística sobre a participação do *Palestra Itália* no campeonato continuava sendo parcial; 13 anos depois repetiam-se os mesmos problemas encontrados na década de 10. A parcialidade seria a tônica das notícias referentes ao *Palestra Itália*. Em 1933 sua equipe seria campeã do Estado de São Paulo, ganhando este título contra a *Portuguesa Santista* (campeã da "Série Santista" que vencera o campeão da "Série Campineira") numa partida por 6 a 0. Seria bicampeão da cidade de São Paulo, vencendo seu último compromisso contra o *São Paulo Futebol Clube* (única equipe com chances de ultrapassá-lo na classificação geral) por 1 a 0, e ainda o primeiro campeonato Rio/São Paulo. A grande novidade no cenário futebolístico brasileiro seria esta modalidade abandonar o amadorismo, e o *Palestra* torna-se o primeiro campeão do futebol profissional brasileiro.

A peculiaridade que encontramos neste ano é o posicionamento do *OESP* em relação à adoção do profissionalismo no futebol brasileiro. Como já vimos no capítulo 3, tal fato seria o auge do processo de democratização do futebol, com o regime profissionalizante oficializava-se a entrada de atletas oriundos das classes menos abastadas no campo de jogo.

Este processo iniciara-se na década de 10 e o *Palestra Itália* seria um dos seus principais protagonistas, pois, como apontamos, esta associação abria as portas para a participação de atletas originários do grupo imigrante fixado na capital.

E, como foi demonstrado no capítulo 2, este grupo era formado na sua maioria por operários e trabalhadores manuais da cidade; não era possível a mensuração da quantidade de jogadores ligados a esta classe social, assim imaginamos que o *Palestra Itália*, por ser o representante do grupo italiano, tornar-se-ia o time que os aceitaria de bom grado. Diferentemente das outras equipes da cidade, o corte realizado na seleção dos atletas não seria em bases classistas, mas étnicas. Mesmo, que não existisse uma seleção rigorosa neste sentido, dificilmente um não italiano empenhar-se-ia em participar do *Palestra Itália* como jogador ou associado, numa sociedade que no início do século tanto estigmatizou o imigrante, em especial o italiano (CARELLI, 1988; IANNI, 1963).

Como indica a tabela 1, neste ano apareceram 43 matérias diretamente relacionadas ao tema profissionalismo e as selecionadas não abrangem todas as que se referiam ao tema. Durante este ano, *OESP* realizou uma severa campanha contra o profissionalismo no futebol e a maioria das notícias sobre o desenrolar do campeonato da *APSA* continha alguma referência, geralmente crítica, ao que estava sendo adotado naquele ano em nosso país.

Um fato que se destaca nos artigos sobre este assunto é o papel dado ao *Palestra Itália*, pelo *OESP*, neste processo. Em muitas oportunidades, o jornal o acusa de ser a equipe que mais se utilizava da prática do "falso amadorismo", consistente em usar jogadores que viviam da prática do futebol, recebendo salários, em seus times. A passagem abaixo foi retirada de uma notícia sobre uma partida amistosa entre *Palestra* e *Portuguesa*; criticavam-na por sua renda reverter em

favor dos cofres das associações, lembrando que os antigos jogos beneficentes caíram em desuso devido a implantação do profissionalismo.

*"São contendores o Palestra Italia, o campeão do 'falso amadorismo', segundo os plunitivos do momento; e a Portuguesa de Desportos que foi a maior vítima do 'falso amadorismo', segundo a opinião abalizada dos plunitivos" (OESP, 19/3/33)*

Era o esperado que uma associação com sua base nas classes populares por causa do vínculo com o imigrante italiano e, ainda, com jogadores oriundos deste grupo, ser a mais acusada da prática do "falso amadorismo". Desta forma, como os Carnera, Avelino, Gabardo, Del Bianco, Imperato e Pintanella<sup>35</sup>, provavelmente ligados à classe operária neste período, conseguiriam sobreviver praticando somente o futebol? Mesmo que estes não tivessem sua origem nesta classe, o fato de ser italiano no início da década de 30 ainda os remetia a esta condição.

Neste período, a utilização de "falsos amadores" não era exclusividade do *Palestra Itália*; em São Paulo, esta prática foi mais difundida do que em outros centros urbanos brasileiros, como por exemplo o Rio de Janeiro (MAZZONI, 1950). Portanto, o título de "*campeão do falso amadorismo*" provavelmente não condizia com a realidade, mas como o *Palestra*, historicamente esteve atrelado a um grupo de fortes ligações com a classe operária, a imagem difundida seria esta.

A adoção, primeiro do "falso amadorismo" em anos anteriores, e do profissionalismo, em 1933, introduziu na equipe do *Palestra* alguns jogadores com no-

---

<sup>35</sup> - Esses são nomes de alguns jogadores que atuavam no time do Palestra Itália.

mes não italianos, como foi a regra nos anos analisados isto poderemos constatar com a escalação do time campeão paulistano:

Nascimento  
Carnera e Junqueira  
Garcia, Dula e Tuffy  
Avelino, Gabardo, Romeu, Del Bianco e Imparato

Como vemos, há até um jogador com nome sírio-libanes nesta equipe. O futebol tornava-se, com o passar dos anos, um esporte altamente competitivo e as equipes necessitavam de jogadores altamente qualificados tecnicamente, não mais importando as origens sociais e também étnicas dos atletas. Com certeza, nos jogos do *Palestra Itália*, as arquibancadas enchiam-se de italianos e seus descendentes, pois continuava sendo a equipe representante do grupo italiano da cidade de São Paulo.

## 1942

Em primeiro lugar devo ressaltar que a pesquisa realizada em 1942 selecionou 154 notícias, mas estas terão um caráter diferenciado das efetuadas nos anos anteriores. Nesta época estávamos em pleno Estado Novo e *OESP* sofria intervenção do *Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)*; pela primeira vez, no cabeçalho das edições diárias, não encontramos um nome da família Mesquita na direção do jornal (provavelmente, primeira e única vez na história do periódico).

Deparamos com o de Abner Mourão, Diretor Designado pelo *Conselho Nacional de Imprensa*.

Esta fato prejudicará a qualidade do jornal, pois não há mais espaços para artigos de opinião, fato corriqueiro nos outros anos, mesmo na coluna de esportes. *OESP*, neste período, ganhará um forte viés oficial perdendo suas características, além de outro fato prejudicar a qualidade jornalística do diário -- a IIª Guerra. Esta época histórica foi marcada por uma recessão mundial, limitando em muito as matérias primas e os bens de consumo; o papel foi um dos produtos atingidos pela crise econômica gerada pelo período belicoso, e, *OESP*, assim como os diversos jornais e revistas do país encontraram uma limitação física para suas edições.

Portanto, neste ano, *OESP* além de se tornar um "diário oficial", com a grande ação da censura, as suas edições foram diminuídas quantitativamente no número de páginas. Nossa pesquisa ficou prejudicada, pois não havia mais espaço para que seus jornalistas e mesmo sua direção expressassem suas opiniões em artigos e editoriais, sofrendo profundas transformações.

O ano de 42 é significativo na história da associação por apresentar um conflito extra-campo entre ela e a sociedade receptora. O confronto entre os paulistanos e o grupo imigrante italiano foi mais visível, devido a nossa entrada na IIª Guerra contra os países do Eixo. O Brasil tornou-se inimigo declarado da Itália, e o grupo imigrante italiano sofreu represálias. O *Palestra Itália* foi obrigado a trocar de nome - passando a se chamar *Sociedade Esportiva Palmeiras* em setembro de 1942 - para que não houvesse alusão ao inimigo. Todas as associações italianas,

alemãs e japonesas foram obrigadas à mudança, para que não houvesse referências às nações inimigas.

O *Palestra Itália*, em 42, estava disputando o campeonato paulista com grandes chances de sagrar-se campeão, quando o Brasil declara a entrada no conflito mundial apoiando os aliados. O Conselho Nacional de Esportes (CND) decreta uma portaria proibindo eventos esportivos tornarem-se locais para a "manifestação de nacionalidades" -- segundo próprio texto da portaria de setembro de 1942 - designando às forças públicas estaduais a responsabilidade da manutenção da ordem.

O campeonato daquele ano fora muito disputado e, mais uma vez, o *Palestra Itália* e o *São Paulo Futebol Clube* chegavam às últimas rodadas com chances de alcançarem o título paulista. O jogo entre as duas equipes ganhava aspectos de grande finalíssima, sendo cercado de grande expectativa e apreensão, principalmente devido ao conflito extra-campo. O jogo realizado entre as duas associações ocorrera em 22/9, dois dias após a adoção da denominação de *Sociedade Esportiva Palmeiras*, com a vitória dos palestrinos (palmeirenses) por 2 gols a 1. Este foi o time que atuou contra o São Paulo:

Oberdan  
Junqueira e Begliuomini  
Procópio, Og e Del Nero  
Claudio, Valdemar, Viladoniga, Lima e Echevarrieta

Em 20 de setembro de 42, o *Palestra Itália* define a mudança de nome para *Sociedade Esportiva Palmeiras* - em março o *Palestra* já sofria pressões e havia

adotado o nome de *Palestra de São Paulo*<sup>36</sup> - entretanto preservou o distintivo do clube (um "P" maiúsculo) e o verde do uniforme (cor predominante até os dias atuais). Com isso, a associação passa a se chamar *Sociedade Esportiva Palmeiras* (nome de um antigo time da cidade), e retira o vermelho do uniforme (que procurava reproduzir as cores da bandeira italiana).

Este episódio fora delicado para a associação, que atendia uma deliberação do CND; lembramo-nos que com a entrada do Brasil na guerra contra os países do Eixo, em 22/8, todas as associações sofreram pressões para que controlassem seus associados com nacionalidade alemã, italiana ou japonesa. E, como apontamos, as associações étnicas sofreram maiores pressões para que se mudassem nomes com alusão direta ao país de origem, ou mesmo sofreram intervenções de órgãos oficiais, principalmente no caso dos alemães. Para termos uma idéia do clima, cito uma notícia publicada em 2/9 sobre o São Paulo:

*"Em reunião extraordinária da diretoria, ficou aprovado e autorizado á secretaria do São Paulo Futebol Clube processar a interrupção de direitos e obrigações de socios de origem italiana e alemã."*

Com estes fatos ocorrendo, o *Palestra* tomava algumas medidas que expressavam o apoio ao Brasil na guerra, constatando por esta notícia publicada em 3/9:

---

<sup>36</sup> - Este nome, além de retirar a referência direta à um país inimigo, fazia sentido, pois havia diversos Palestras no interior do estado e mesmo em outros estados da federação; os mais famosos eram o *Palestra Itália de Minas Gerais*, atualmente *E. C. Cruzeiro*, e o do Paraná, atualmente *Coritiba Futebol Clube*. Mas este nome necessitaria ser mudado pois a simples referência à Palestra na cidade de São Paulo já se referia, automaticamente, a Itália; com isso, a associação necessitou mudar por completo sua denominação para *Sociedade Esportiva Palmeiras*.

*Recebemos da Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo, o seguinte comunicado:*

*'A Diretoria da Sociedade Esportiva Palestra de São Paulo, em sua reunião hoje efetuada, resolveu, por unanimidade de votos, fazer entrega ao exmo. sr. Luiz Aranha, m. d. presidente da Confederação Brasileira de Desportos, da renda líquida que lhe couber no encontro a realizar-se no dia 20 do corrente com o São Paulo Futebol Clube para que seja encaminhada as famílias dos navios brasileiros, torpedeados pelos submarinos do "eixo".*

*Secretaria da S. E. Palestra de São Paulo, 1o de setembro de 1942. (a) dr. P. Valter B. Giuliano - Secretario Geral."(OESP, 3/9/1942)*

O *Palestra* lutava para demonstrar qual o lado que estava, pois era o representante no futebol de um grupo, que, provavelmente, boa parte havia se encantado pelo regime fascista de Benito Mussolini. As pressões somavam-se à associação que necessitava agir para que não houvesse uma intervenção como alguns adversários gostariam. Numa entrevista publicada em revista comemorativa dos 75 anos do *Palmeiras*, o jogador Oberdan Catani (goleiro do time de 42 e um dos maiores ídolos de toda história da associação) afirmava:

*" (Em 1942) No 2º turno o campeonato foi conturbado pela guerra e pelo problema da mudança de nome do clube. A maioria dos diretores do São Paulo achava que o Palestra devia mudar de nome e forçou para que isto acontecesse. Então os dirigentes tiveram a idéia de mudar para Palestra de São Paulo, o que no entanto não foi aceito, surgindo então o nome Sociedade Esportiva Palmeiras" ( O Novo Palmeiras, 1989)*

Este foi o momento de maior tensão entre a sociedade paulistana e a associação, criada por um fator extra-campo, justamente num momento que o *Palestra Itália* tinha se tornado um dos principais times da cidade; aparentemente, as relações com a sociedade de adoção tornaram-se menos conflituosas, tanto que o jogo

com o São Paulo foi cercado de muitas preocupações e expectativas, desenrolando-se de forma, também, tensa, como podemos constatar nesta passagem:

*"Em vista dos acontecimentos a Federação deverá, além da punição:*

*a) Chamar a atenção da diretoria do São Paulo Futebol Clube que, se esquecendo da responsabilidade, etc., por desconsiderar de maneira reprovável, não só altas autoridades do Estado ali presente, bem como a um público de dezenas de milhares de pessoas que para lá acorreram na certeza de assistir a uma competição esportiva e não cenas de indisciplina e da mais comensal falta de ética esportiva.*

*b) Punir o juiz Jaime Janeiro Rodriguez, por não ter energia necessária para conduzir uma partida.*

*c) Determinar ao Departamento de Juizes que dê as necessárias instruções em casos semelhantes, quando o quadro recusar-se a prosseguir a partida, solicitando da autoridade policial a prisão imediata daquele que estão lesando o público.*

*d) Chamar a atenção dos seus filiados para a letra "d" do artigo 25º do Decreto-Lei Federal, nº 4545, de 31 de julho de 1942, que dispõe sobre o uso da bandeira nacional, não permitindo que os prelios futebolísticos sejam confundidos com manifestações de caráter nacional. (a) Silvio de M. Padilha, diretor" (OESP, 24/9/1942)*

Estas deliberações são referentes ao jogo *Palestra* (Palmeiras) e *São Paulo*, onde o primeiro tornar-se-ia campeão paulista daquele ano. O jogo, segundo relato, foi muito violento, e o *São Paulo* abandonaria o campo antes do término da partida, por discordar da atuação do árbitro. Como indica a notícia de 24/9, os sentimentos nacionais de ambos os lados estavam exacerbados, com as autoridades tomando as devidas providências, visto o *Palestra* ser acusado de representar os sentimentos italianos na cidade de São Paulo, e, realmente, o era, como indica todo o seu passado.

Um fato interessante para este ano é que surge na equipe de futebol o primeiro jogador negro; até este momento não houvera nenhum desta condição. Arrisco uma pequena análise; talvez o *Palestra* não gostasse de ver jogadores negros atuando em seu time, justamente por ser uma associação já discriminada por sua origem étnica. Se o preconceito já existia contra os italianos, imaginem contra os negros; como se sustentaria uma equipe formada por negros e "italianinhos"? É muito significativo que o primeiro atleta negro a atuar no *Palestra* tenha estreado em 1942, momento que a associação era pressionada a assumir características nacionais. Nada mais simbólico que a introdução de um jogador negro na equipe, como prova de nacionalidade brasileira do clube. Soma-se a este fato que os jogadores negros, também por serem oriundos das classes populares, sofreram uma maior restrição para adentrarem ao futebol "oficial" brasileiro, como afirma Mário Filho no clássico "*O Negro no Football Brasileiro*".

Neste ano, ainda há indícios da parcialidade da imprensa contra o *Palestra*, mas podemos afirmar que esta era normal, tratando-se das coisas do futebol, pois a associação já era um dos maiores times da cidade e do país. Mas a análise das crônicas esportivas da imprensa ficaram prejudicadas, como foi apontado, com o Estado Novo exercendo censura prévia nos meios de comunicações. Com isso, *OESP* deixa de publicar artigos de opinião, mesmo na coluna de esportes, limitando-se à mera publicação dos eventos ocorridos ou que ocorreriam e, mesmo assim, com uma forte marca oficial.

## O PALESTRA ITÁLIA E O GRUPO IMIGRANTE- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rivalidade *Palestra Itália/Paulistano* (SEVCENKO, 1992) ocorre no momento que o primeiro começa a disputar o campeonato da APSA, e se torna um adversário à altura; os vices-campeonatos de 1917 e 1919 e o título de 1920 quebrariam a hegemonia do *Paulistano* no campeonato da cidade. Nos primórdios da associação, o relacionamento entre as duas equipes aconteceu de forma amistosa, com o *Palestra Itália* realizando vários jogos beneficentes com o Paulistano nos anos de 1915 e 1916. Quando este sagrou-se campeão de 1916, por exemplo, foi o *Palestra Itália* que ofereceu uma festa em homenagem ao título alcançado.

O C.A. *Paulistano* é um clube desportivo existente até os dias de hoje, porém não mais atua no futebol, que sempre congregou em suas fileiras sobrenomes ilustres, como Prado, Cunha Bueno, Andrada<sup>37</sup>, entre outros da elite paulistana. Era um grupo social imprescindível para o entendimento da gênese do futebol paulistano e brasileiro, responsável pela prática e institucionalização do esporte, pela organização de entidades dirigentes, como APSA. Portanto, o futebol foi organizado justamente por aquelas pessoas da elite cafeeira que não viam com bons olhos o imigrante fixado nas cidades, representadas no campo de jogo pelo C.A. *Paulistano*.

Um bom indício do elitismo do *Paulistano* é a forma que este clube abandonou suas atividades no futebol "oficial" da cidade. O término do time de futebol

---

<sup>37</sup> - Os filhos destas famílias foram os integrantes dos times de futebol desta associação.

do Paulistano ocorreu em 1930, por causa dos rumos tomados por este esporte apresentando uma forte tendência à profissionalização, fato que o democratizaria. Neste ano, a diretoria da associação decide pelo fim do time de futebol, deixando seus jogadores sem condições para atuarem; juntos com associados que discordavam desta determinação, fundaram o *São Paulo Futebol Clube*, agremiação que perdura até os dias de hoje, como um dos principais times da cidade e do país.

O *Palestra Itália* tem uma história bem diversa: os fundadores eram provenientes dos extratos médios da sociedade. Os formuladores da idéia que gerou o *Palestra Itália* eram funcionários administrativos das Empresas Matarazzo<sup>38</sup>, com o objetivo de aglutinar, em torno de uma associação desportiva, justamente a parte italiana deste grupo social, que não encontrava espaço nas associações futebolísticas de porte da cidade. Com isso, pretendiam criar uma equipe representativa do grupo italiano da cidade de São Paulo, que não se restringia a este extrato médio. É necessário lembrar que a maioria dos imigrantes italianos, naquele momento, estavam se tornando a mão-de-obra das indústrias paulistanas, e somente uma parte integrava os extratos médios ou a nascente burguesia industrial paulistana.

A origem social dos fundadores do *Palestra Itália* deriva do caráter da prática desportiva na cidade, que segue o padrão europeu de organização de clubes para o seu desenvolvimento. Este impede a maioria dos imigrantes, composta por uma grande massa de subempregados e trabalhadores casuais, ou ainda de

---

<sup>38</sup> - As Empresas Matarazzo era a base do conglomerado empresarial do Conde Matarazzo, imigrante com posses que criou o maior complexo empresarial paulistano, na primeira metade do século.

poucos trabalhadores assalariados, de se organizar em clubes desportivos. Essas entidades necessitariam de recursos para a estruturação de um local para a prática de esporte. Os clubes de futebol, especificamente, precisariam de uma sede social e de um campo de jogo, para a realização de treinos e, como estes recursos não estavam disponíveis à maioria dos imigrantes, quem detinha as condições para este tipo de investimento eram as elites ou, num grande esforço associativo, os extratos médios.

Neste momento, os recursos foram captados no grupo imigrante; com funcionários administrativos das indústrias, empregados do setor de serviços e pequenos comerciantes. Estes extratos médios necessitavam de um canal de representação projetando a imagem do grupo na sociedade; certamente a identificação dos imigrantes pela sociedade paulistana (CARELLI, 1988) com a pobreza, a sujeira, o analfabetismo, e com problemas sociais, não condizia com as aspirações deste grupo social. Os imigrantes que estavam enriquecendo, como a família Matarazzo e a Crespi<sup>39</sup>, não necessitavam deste canal, pois o meio de projeção na sociedade receptora seria o próprio processo de aburguesamento. Isto não vai impedir sua aproximação com algumas pessoas abastadas do grupo, que se tornam dirigentes, num segundo momento quando esta associação estava solidamente estruturada, como é o caso de Ermelino Matarazzo.

A necessidade de mudança na imagem do grupo italiano aliada à popularização do futebol no país foram as causas da fundação do *Palestra Itália*. Este es-

---

<sup>39</sup> - As duas famílias no período estavam construindo algumas das principais indústrias da cidade de São Paulo.

porte seria a arena onde a mudança poderia ocorrer, através da competição contra os clubes das elites paulistanas. A disputa futebolística tornar-se-ia *locus* privilegiado para os imigrantes construírem a nova imagem do grupo, rivalizando-se em igualdade de condições técnicas e normativas com os integrantes da sociedade paulistana, onde se abria a possibilidade de demonstrar o valor “moral”<sup>40</sup> do grupo.

O futebol projetaria não só os extratos médios do grupo italiano nesse momento de popularização do esporte, mas o grupo na sua totalidade, com a plena atuação no campo de jogo e nas arquibancadas. O interesse pelo futebol arrastava verdadeiras multidões para os locais onde os “*matches*” eram disputados, como foi indicado e, demonstra o texto publicado em 6/12/1920 sobre o jogo *Palestra Itália* e *Corinthians*:

*“Desde muito antes da hora, grande quantidade de carros da Canadense e automoveis, despejavam ondas de apreciadores, e mesmo leigos que, que por contagio do interesse dominante nos entendidos, desafiaram as demais nuvens de po da avenida Agua Branca, e para o local do encontro se dirigiram (...)”* (OESP, 6/9/20).

---

<sup>40</sup> - A prática desportiva desta época estava muito ligada à idéia da educação moral e cívica, como foi apontado no capítulo 3; os esportes dariam aos seus praticantes individuais e ao povo em geral uma “elevada moral” e condições de demonstrar o nível de civilidade dos povos.

Em 15/11/17 o “*O Estado de São Paulo*” publica uma notícia sobre o tricampeonato do Paulistano, discorrendo sobre a disputa no ano seguinte da Taça Cidade de São Paulo, oferecida pelo prefeito da cidade, Washington Luís, destacando o papel da educação física na sociedade: “*Esse gesto do sr. prefeito municipal demonstra bem quanto s.exa. se interessa pelo problema da educação physica da nossa mocidade, para qual todos os homens da administração publica devem voltar, neste momento mais do que nunca, as suas vistas.*” O momento referido no texto é a 1ª Guerra Mundial, onde a educação física deveria ser cultivada como a maneira de “elevação moral” dos povos.

Ou no de 31/5 do mesmo ano, referente ao jogo *Palestra Itália* e *Santos* que se realizou em Santos:

*"Quem desprevinido e ignorante das nossas coisas sportivas fosse hontem pela manhã á estação da Luz, haveria de indagar que facto extraordinario havia acontecido, que personagem de alta importancia no mundo iria embarcar ou desembarcar...Um inglez calmo e pacifico houve, que julgou ser a hora da chegada do immortal rei dos belgas, em viagem antecipada...E não era para menos. Desde cinco e meia que a estação da Ingleza fervia. Uma verdadeira onda de povo alli fazia um enorme borborinho. Os empregados da estrada afobados de um lado para o outro, com siguaes de bandeiras, apitos e campainhas, tudo uma confusão, um estardalhaço medonhos! Ás seis horas saiu um trem abarrotado de povo que se comprimia pelas plataformas e pelos corredores dos vagões. Dali a minutos, outro comboio inicia marcha da mesma forma. E logo depois, outro, que dava a impressão de uma reprodução ferroviaria, do celebre soneto de Raymundo Correa. E la se foram... para assistir o jogo Palestra Itália-Santos, que á tarde ia ser disputado no campo de Villa Belmiro, na nossa vizinha cidade maritima. Enquanto isso, pela estrada do Vergueiro, dezenas de automoveis porfiavam em levantar mais poeira, e em mais vezes infringir a decantada lei da regulamentacao da velocidade dos vehiculos..." (OESP 31/5/20)*

Como podemos notar, na segunda metade da década de 10, o futebol atraía uma quantidade respeitável de espectadores e, em se tratando do *Palestra Itália*, uma grande quantidade de imigrantes italianos, que, seguramente, não fazia parte somente dos extratos médios do grupo. Os textos do jornal indicam que a associação representava todo esse grupo social italiano, fato inédito em seu movimento associativo caracterizado pela representação regional, de lombardos, vênnetos, calabreses, napolitanos, etc.

Este processo leva-nos a tratar da construção da etnicidade italiana em São Paulo, despontando para o papel fundamental o *Palestra Itália*. Esta associação, se não foi a primeira, foi a que obteve o maior sucesso na tentativa de representação do grupo italiano na cidade de São Paulo, envolvendo a formação da italianidade junto a pessoas que ainda não se consideravam italianos.

O *Palestra Itália*, através do futebol e da competitividade esportiva com a elite paulistana, fez com que os imigrantes se reconhecessem como um grupo de indivíduos com identidades comuns. Tal confronto foi fundamental, porque os diversos grupos regionais sempre foram identificados como italianos pela sociedade paulistana, tendo em comum a origem geográfica, a pobreza, a sujeira e a marginalização. Esta imagem do imigrante italiano, elaborada pela sociedade de adoção, colaborava para a inexistência de uma identidade comum no grupo, já que não se enxergavam dentro do estereótipo, não se considerando integrantes deste grupo. Havia ainda o fato de não serem italianos na terra de origem, devido à recente unificação política da Itália (1870).

O *Palestra* certamente seria parte integrante na elaboração da "italianidade" em São Paulo, gerando oportunidades de manifestação das origens étnicas do grupo a que estava ligado. A imagem de "italiano" no início do século em São Paulo não era positiva, como foi demonstrado; esta associação, com seus enfrentamentos e as conseqüentes vitórias sobre as equipes do futebol "oficial", abria um espaço e criava momentos em que ser italiano não representava estar li-

gado à uma imagem negativa criada pela sociedade de adoção (GLICK-SHILLER, BASCH & BLANC-SZANTON, 1992)

Aos poucos o *Palestra Itália* fazia parte da estratégia utilizada pelo grupo, que visava ao reconhecimento social da sociedade de adoção. Ao mesmo tempo, pela primeira vez, algo poderia unir uma grande parte do grupo em torno de um objetivo comum, gerando identificação entre seus membros. Portanto, a história do *Palestra* estaria se confundindo com o processo de assimilação do grupo. De um lado começa a participar de algo comum a toda sociedade, e do outro, preocupa-se com o processo de formação da italianidade; entretanto a cada partida do time o grupo italiano visualizava uma situação em que valeria à pena ser italiano dentro da sociedade paulistana.

A partir do momento que um time de futebol autodenominado representante do grupo italiano começa a enfrentar os principais clubes paulistanos em igualdade de condições e, com o tempo, a derrotar estes times na arena esportiva, a imagem do grupo começa a se modificar para ele mesmo, e para a própria elite. Esta modificação, aos poucos fez com que os imigrantes italianos se reconhecessem, enquanto indivíduos briosos, com qualidades e valores capazes de enfrentar a nata da sociedade paulistana. Portanto, esta associação, no início de sua história, colaborou para a mudança da imagem do italiano residente na cidade de São Paulo: de um indivíduo que acarretava problemas à sociedade de adoção, em alguém que transpôs os obstáculos iniciais para tornar-se um vencedor e enriquecer na sociedade receptora.

Os primeiros anos de atuação do *Palestra Itália* fundem-se com a construção da italianidade em terras paulistas, por ser um elemento importante deste processo. A capacidade de congregar e representar o grupo italiano na cidade de São Paulo, sem os cortes regionais, vai ao encontro das aspirações do governo italiano (CHIARINI, 1992), que forjou uma política de construção da nacionalidade, desde os primórdios do Estado italiano unificado. Tal processo necessário politicamente, mas com uma frágil, ou mesmo inexistente, identidade nacional, tão imprescindível à formação de um Estado-Nação.

Com a emigração de um enorme contingente de italianos, a construção de sua etnicidade assume aspectos peculiares e de difícil execução, com uma parte significativa do seu contingente populacional não se encontrando em terras italianas. Desta maneira, a política de formação de identidade nacional não se restringirá à península itálica. Os imigrantes se tornam uma peça fundamental para este processo, sendo incorporados à política oficial dessa construção. A diplomacia italiana, neste período, difunde a sua cultura em países onde o contingente de seus imigrantes era representativo, com suas associações exercendo papel de ligação entre os consulados e o grupo imigrante. Tal política se explicita com a fundação em 1911 do "*Circolo Italiano*" em São Paulo, associação oficial de seu governo em terras brasileiras (CHIARINI, 1992).

A ligação entre *Palestra Itália* e o consulado italiano em São Paulo não aparece claramente. No *OESP* há somente algumas referências a convites do *Palestra Itália* às autoridades consulares para participarem de solenidades, como alguns

jogos beneficentes, cedendo-lhes sua sede social para a festas e solenidades. Mesmo sendo pequenos os indícios dessa ligação é muito difícil imaginar as autoridades consulares ignorando a associação, visto possuir grande número de simpatizantes, e ter por objetivo a representação da totalidade dos imigrantes italianos residentes na cidade.

Em 1936, o *Palestra* figurava como um dos feitos do grupo italiano em terras brasileiras, segundo uma publicação comemorativa dos cinquenta anos de emigração italiana para o Brasil - *Cinquant'anni Di Lavoro Degli Italiani in Brasile* - editada pela *Società Editrice Italiana*. Este livro dedicou uma página ao *Palestra Itália*, texto que se iniciava com o seguinte parágrafo:

*"Tra le società italiane di S. Paolo la Palestra Italia occupa indubbiamente un posto importantissimo, sia per l'attiva propaganda che ha sempre spiegata, sia per il gran numero di soci e sia, soprattutto, perchè aduna intorno alla sua bandiera un folto gruppo di giovani, figli di nostri connazionali e brasiliani di origine, i quali sono a loro volta buoni propagandisti di questa associazione, che onora il nome italiano all'estero."*  
(1936:216)

A ligação do Estado italiano com o grupo imigrante da cidade de São Paulo explicita a existência de uma política de construção da italianidade; mostra, o processo de transformação de um grupo étnico com identidades regionais, em indivíduos identificados lingüística, cultural e politicamente com um Estado-Nação, que neste momento histórico, também estava se formando. O imigrante seria fundamental para esta política; um país como a Itália, onde parte considerável de sua população não se encontrava em seus limites geopolíticos, teria a oportunidade de

construir a imagem da nação italiana no exterior, tornando-se o canal de ligação com as sociedades receptoras.

O movimento associativo poderia se tornar um agente importante para a visualização de um novo conceito do grupo italiano no Brasil; simultaneamente a construção de um Estado italiano nos moldes liberais e capitalistas da época. A imagem do imigrante analfabeto, pobre, marginalizado não condizia com a idéia de "*Nova Itália*" recém unificada; procurava disputar terreno entre as nações desenvolvidas européias como Inglaterra e França, papel reforçado quando se tratava de uma associação representativa de todo o grupo imigrante. Ao defrontar, no campo de jogo, com as elites da sociedade receptora, colocaria em jogo o "valor", a "civilidade", o "caráter" do grupo.

Podemos verificar que a mudança da imagem do imigrante italiano era necessária tanto para eles mesmos, que, de alguma forma, conseguiram ascender socialmente, como para o próprio país de origem; necessitavam de indivíduos não menosprezados nas sociedades receptoras, caso dos paulistanos na virada do século XX. O imigrante ao conseguir sua ascensão social, queria seu reconhecimento enquanto indivíduo e cidadão na sociedade receptora; e a Itália necessitava de uma melhor imagem de seus cidadãos no exterior, para construir a italianidade e projetar-se no cenário mundial.

O *Palestra Itália*, durante a primeira década de existência se enquadrava perfeitamente nestes objetivos, projetando a imagem deste italiano para a sociedade paulistana, justamente numa arena que o conflito era minimamente aceito (DA

MATTA, 1994). Este processo de mudança não percorreu um caminho fácil, pois houve grande resistência em considerá-lo um indivíduo com direito a um lugar de destaque nesta sociedade. Ele sempre foi encarado como o substituto do braço escravo, e a idéia de livre oportunidade e competição, nascida com o trabalho assalariado, ainda não havia sido digerida pelos paulistanos nas primeiras décadas deste século. Tal problema se potencializa quando pensamos na elite cafeeira, dentro do processo de formação, colonização e desenvolvimento de São Paulo nunca havia encontrado outro grupo social capaz de enfrentá-la ou mesmo reivindicar algo dentro da estrutura social paulistana.

O futebol, durante a segunda metade da década de 10 e os anos 20, passa por uma extrema popularização, tornando-se o esporte de massas do Brasil, ultrapassando, no gosto do povo, esportes como o remo, o atletismo, entre outros. Este período coincide com a fundação do *Palestra Itália* e a estruturação da equipe em uma das principais da cidade e do país. Um dos historiadores do futebol, Thomaz Mazzoni, credita ao *Palestra Itália* uma boa parte da responsabilidade pela popularização deste esporte em São Paulo (MAZZONI, 1950). Neste período o *Palestra Itália* conquista dois vice-campeonatos (1917 e 1919), o primeiro título de campeão da cidade (1920), e mais dois (em 1926, campeão invicto e 1927); com o clube estruturado, tornar-se-ia o time hegemônico na década de 30 - com quatro títulos, sendo que na primeira metade destes anos sagrou-se tricampeão em 1932, 1933 e 1934.

Os resultados alcançados na primeira fase do *Palestra Itália* - entre 1914 e a metade da década de 20 - aconteceram numa cidade de forte influência italiana

(CARELLI, 1988). A cidade de São Paulo, conforme o censo de 1920, contava com **205.245** estrangeiros, numa população total de **579. 033**, sendo que destes, **91.544**<sup>41</sup> eram italianos<sup>42</sup>. Este sucesso, com certeza, colaborou na adesão de uma massa de "torcedores", na sua maioria composta de italianos e descendentes; estes acompanhavam um time de futebol formado por elementos deste grupo<sup>43</sup>, fazendo esta associação se tornar uma das mais importantes do movimento associativo.

O outro período da história palestrina (1933 e 1942), coberto pelo levantamento realizado no *OESP*, se refere aos anos trinta e ao ano de 1942. Na década de trinta, a associação encontrava-se solidificada, conquistando o tricampeonato em 32, 33 e 34 e sagrando-se o primeiro campeão brasileiro do futebol profissional em 1933.

O grupo italiano, neste momento, tem a imagem assegurada de um vencedor face às duras condições de vida do período inicial e colaborador do desenvolvimento da cidade, que se tornava um grande centro urbano. Aliado ao fato do número de entradas de imigrantes italianos no Brasil estar diminuindo gradativamente desde meados dos anos 20<sup>44</sup>, o *Palestra Itália* torna-se um representante de

---

<sup>41</sup> - Cf. "Recenseamento de 1920" volume IV 1ª parte e 2ª parte, tomo II - Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

<sup>42</sup> No censo de 1920 os descendentes diretos dos italianos, nascidos no Brasil, eram considerados brasileiros.

<sup>43</sup> - Isto é facilmente comprovado quando analisamos as escalações dos primeiros times do *Palestra Itália*, que contavam, quase exclusivamente, com jogadores de sobrenomes italianos.

<sup>44</sup> - A média de entradas de imigrantes italianos no Brasil entre 1920 e 1925 foi aproximadamente de 12.000 pessoas, diminuindo em 50% - aproximadamente 6.000 pessoas - entre 1926 e 1933.

imigrantes fixados há algum tempo na sociedade paulistana e de seus descendentes.

Em 1933 ocorre também a profissionalização do futebol, e isto reflete diretamente sobre a cobertura jornalística deste esporte. *OESP* posiciona-se, radicalmente, contra a sua adoção do no futebol brasileiro, acusando-o de desvirtuar a essência deste esporte - entendida como a disputa entre amantes do esporte. O profissionalismo seria introduzido para combater o "falso amadorismo", ou a prática de remunerar os jogadores com intuito destes se dedicarem somente ao futebol, a fim de evitar as atividades profissionais interferindo no seu rendimento.

O argumento encobria o mal estar causado pela presença de jogadores provenientes das classes baixas, proporcionado pela prática do "falso amadorismo". O pagamento de salários aos de origem humilde, era condição essencial para que pudessem praticar o futebol. O trabalho em outras atividades implicaria na falta de tempo para os treinos e na preparação necessária dos jogadores numa época onde o futebol se tornava extremamente competitivo. O *Palestra Itália* precisava deste expediente para a manutenção do time em níveis competitivos, pois grande parte do grupo imigrante era formado por assalariados, que não teriam tempo suficiente para a prática do esporte somente como divertimento.

A identificação desta associação com esta prática, que era regra geral entre os times de futebol da época, denota que o *Palestra Itália* continuava sendo identificado com a grande massa de imigrantes que, na década de trinta, compunha uma boa parte do proletariado das indústrias paulistanas. A incorporação destes

indivíduos no futebol causava mal estar às elites paulistanas, que não desejavam vê-los participando de um esporte que até há pouco tempo, era-lhes exclusivo.

Por outro lado, o *Palestra Itália* não poderia ser ignorado por estas elites, pois seus resultados no campo de jogo tornava-o um dos principais times da cidade, além de contar com um número muito grande adeptos. No entanto, continuava sendo discriminado nas colunas diárias dos jornais, com análises técnicas desfavoráveis pela imprensa esportiva, procurando menosprezar seus feitos.

Este fato é evidente quando analisamos as notícias sobre a ascensão do *Palestra Itália* nos diversos anos onde realizou campanhas brilhantes, com poucas derrotas. As crônicas sobre o *Palestra Itália* nunca apontavam uma grande atuação, com as vitórias sendo creditadas à sorte, à infelicidade dos adversários, à péssima atuação dos árbitros, ou mesmo à ineficiência dos adversários, nunca às qualidades do time palestrino. A cobertura esportiva demonstra ainda que, nos anos trinta, continuava sendo um "intruso" no futebol brasileiro, não se tornando uma equipe que representaria à altura o esporte na cidade.

Com isso, tentei demonstrar como ocorreram as relações entre uma associação italiana, a de maior visibilidade do grupo imigrante, e a sociedade receptora. O enfoque privilegia o período de fundação e estruturação da associação, durante os anos dez e vinte deste século, período em que ocorre o processo de formação da etnicidade italiana na cidade de São Paulo. Nele, o grupo imigrante italiano necessitava de um canal de representação junto à sociedade para a mudança de sua imagem, que ainda estava construída com categorias forjadas no início da grande

imigração para o Brasil. Este canal seria, justamente, uma associação que entraria em confronto com a sociedade tradicional, numa arena onde este era aceito -- o futebol.



## BIBLIOGRAFIA

1936 - **Cinquant'anni Di Lavoro Degli Italiani in Brasile** - Società Editrice Italiana, Roma.

1989 - **O Novo Palmeiras. Revista Comemorativa de 75 anos da Sociedade Esportiva Palmeiras** - Global Editora/Tempo e Memória, São Paulo

ALVIM, Zuleika - 1986 - **Brava Gente! Os Italianos em São Paulo** - Editora Brasiliense. São Paulo.

ANDERSON, Benedict - 1989 - **Nação e Consciência Nacional** - Editora Ática, São Paulo.

AZEVEDO, Fernando - 1936 - "*O Problema da Regeneração*" in **Educação Physica**, 5, Abril. Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Fernando de - 1930 - **A Evolução no Esporte no Brasil** - Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo.

AZEVEDO, Ramos - 1936 - "*Indivíduo, Esporte e Raça*" in **Revista de Educação Physica**, 31, Maio. Rio de Janeiro.

BAILY, Samuel L. & RAMELLA, Franco (editors) - 1988 - **One Family, Two Worlds. An Italian Family's Correspondence Across the Atlantic, 1901-1922** -, Rutgers University Press New Brunswick and London.

BANTON, Michael - 1977 - **A Idéia de Raça** - Edições 70, Lisboa.

BERCITO, Sonia de D. R. - 1991 - **Ser Forte Para Fazer a Nação Forte. A Educação Física no Brasil (1932-1945)** - Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP, Dep. História, São Paulo.

BOCCA, Giorgio - 1988 - **Gli Italiani Sono Razzisti?** - Editora Garzanti.

BOSI, Ecléa - 1994 - **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos** - Companhia das Letras, São Paulo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - 1986 - **Identidade e Etnia: Construção da Pessoa e Resistência Cultural** - Editora Brasiliense, São Paulo.

CALDAS, Waldenir - 1988 - **Pontapé Inicial. Contribuição a Memória do Futebol (1884-1933)** - Tese de Livre Docência, ECA/USP, São Paulo.

CANNISTARO, Philip V. - 1975 - "*Fascism and Italian-Americans in Detroit, 1933-1935*" in **International Migration Review**, IX:1, Spring.

CANO, Wilson - 1983 - **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo** - Editora T. A. Queiroz, São Paulo.

CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Ligia - 1980 - **O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: o jornal "O Estado de São Paulo"** - Alfa-Ômega, São Paulo.

CAPELATO, Maria Helena - 1989 - **Os Arautos do Liberalismo. Imprensa Paulista 1920-1945** - Editora Brasiliense, São Paulo.

CARELLI, Mário - 1988 - **Carcamano e Comendadores: Os Italianos de São Paulo. Da Realidade à Ficção.** - Editora Ática, São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de - 1987 - **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República Que Não Foi** - Companhia das Letras, São Paulo.

CARVALHO, José Murilo de - 1993 - **A Formação das Almas. O Imaginário da República no Brasil** - Companhia das Letras, São Paulo.

CECCHI, Camilo - 1957 - "*Estudo Comparativo da Assimilação e Marginalidade do Imigrante Italiano*" in **Sociologia**, XIX:2, São Paulo.

CECCHI, Camilo - 1959 - "*Determinantes e Características da Emigração Italiana*" in **Sociologia**, XXI:1, São Paulo.

CECCHI, Camilo - 1967 - "*L'Identificazione Etnica Nella Seconda e Terza Generazione Degli Emigrati*" in **Studi Emigrazione**, Giugno, Anno IV, Roma.

CENNI, Franco - 1975 - **Italianos no Brasil** - Editora Martins Fontes/Edusp. São Paulo.

CHIARINI, Ana Maria - 1992 - **Imigrantes e Italiani All'Estero: Os Diferentes Caminhos da Italianidade** - Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, Dep. de Antropologia, Campinas.

CONSTANTINO, Núnica S. - 1986 - "*Italianos em Núcleos Urbanos e na Capital do Rio Grande do Sul*" in **Estudos Ibero-Americanos**, XII:1/julho, Porto Alegre.

CUNHA, Manoela Carneiro da - 1986 - **Antropologia do Brasil: Mito, História, Etnicidade** - Editora Brasiliense/EDUSP, São Paulo.

DA MATTA, Roberto - 1994 - "*Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro.*" in *Revista USP "Dossiê Futebol"*, 22, São Paulo.

DE BONI, Luis (org.) - 1990 - **A Presença Italiana no Brasil** - Editora da Escola Superior de Teologia/Fondazione Giovanni Agnelli, Porto Alegre.

DEAN, Warren - 1971 - **A Industrialização de São Paulo** - DIFEL. São Paulo.

DEVOTO, Fernando e ROSOLI, Gianfausto - 1985 - "*Participacion y Conflictos en las Sociedades Italianas de Socorros Mutuos*" in *La Inmigración Italiana en la Argentina* - Editorial Biblos, Buenos Aires.

DI LEONARDO, Micaela - 1984 - **The Varieties of Ethnic Experience. Kinship, Class, and Gender Among California Italian-Americans** - Cornell University Press Ltd., London.

DIEGUES Jr., Manuel - 1964 - **Imigração, Urbanização e Industrialização: Estudo Sobre Alguns Aspectos da Contribuição Cultural do Imigrante no Brasil** - Centro de Pesquisas Educacionais/ Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/MEC, Rio de Janeiro.

DIEGUEZ, Gilda Korff (org) - 1985 - **Esporte e Poder** - Editora Vozes, Petrópolis.

DURHAM, Eunice Ribeiro - 1960 - **Assimilação e Mobilidade: História do Imigrante Italiano em um Município Paulista** - IEB/USP. São Paulo.

ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric - 1992 - **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion** - Fondo de Cultura Económica. Cidade do México.

FAUSTO, Boris - 1983 - **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)** - Difel Difusão Editorial S.A., São Paulo.

FAUSTO, Boris - 1984 - **Crime e Cotidiano. A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)** - Editora Brasiliense, São Paulo.

FAUSTO, Boris - 1991 - **Historiografia da Imigração para São Paulo** - Editora Sumaré. São Paulo.

FAUSTO, Boris; TRUZZI, Oswaldo; GRÜN, Roberto & SAKURAI, Célia - 1995 - **Imigração e Política em São Paulo** - Editora Sumaré/Editora da UFSCar, São Paulo.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. de O. - 1974 - **Futebol. Fenômeno Linguístico** - Pontifícia Universidade Católica/Editora Documentário, Rio de Janeiro.

FIGUEIREDO, Antonio - 1918 - **Historia do Foot-Ball em São Paulo** - Secção de Obras D' O Estado de São Paulo, São Paulo.

FIGUERROA, Miguel Herrera - 1976 - **Sociologia del Espetaculo** - Paidós. Madrid.

FOERSTER, Robert F. - 1919 - **The Italian Emigration of Our Times** - Mass, Cambridge.

GABACCIA, Donna R. - 1984 - **From Sicily to Elizabeth Street. Housing and Social Change Among Italian Immigrants, 1880-1930** - Staty University of New York Press, Albany.

GHIRELLI, Antonio - 1990 - **Storia del Calcio in Italia** - Einaudi, Torino.

GLICK-SHILLER, N. ; BASCH, L. & BLANC-SZANTON, C. - 1992 - **Towards a Tranational Perspective on Migration. Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered** - The New York Academy of Sciences, New York.

GRÜN, Roberto - 1992 - **Negócios e Famílias: Armênios em São Paulo** - Editora Sumaré. São Paulo.

HALL, Michael - 1979 - "*Italianos em São Paulo*" in **Anais do Museu Paulista**, 29, São Paulo.

HALL, Michael - 1989 - **Trabalhadores Imigrantes** - Série Trabalhadores, Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas, Campinas.

HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia - 1993 - **Lance de Sorte. O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca** - Diadorim Editora, Rio de Janeiro.

HOBSBAWM, Eric - 1984 - **A Invenção das Tradições** - Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro.

HOBSBAWM, Eric - 1991 - **Nações e Nacionalismo desde 1780** - Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro.

HOLLOWAY, Thomas - 1984 - **Imigrantes para o Café: Café e Sociedade em São Paulo, 1886-1934** - Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.

HOMEM, Maria Cecília Naclerio - 1982 - **A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo: O Prédio Martinelli e sua História** - Dissertação de Mestrado, FFCHL/USP, Depto. História, São Paulo.

HUTTER, Lucy Maffei - 1972 - **Imigração Italiana em São Paulo (1880-1889): Os Primeiros Contatos do Imigrante com o Brasil** - IEB/USP, São Paulo.

HUTTER, Lucy Maffei - 1982 - **Imigração Italiana em São Paulo (1902-1914). O Processo Imigratório** - IEB/USP. São Paulo.

IANNI, Constantino - 1963 - **Homens sem Paz: Os Conflitos e os Bastidores da Imigração** - DIFEL, São Paulo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 1941 - **Repertório Estatístico do Brasil. Quadros Restrospectivos nº 1. Separata do Anuário Estatístico do Brasil. Ano V. 1939/1940** - IBGE, Rio de Janeiro.

KLEIN, Herbert S. - 1989 - "*A Integração dos Imigrantes Italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos*" in **Novos Estudos** 25. CEBRAP. São Paulo.

KLEIN, Herbert S. - 1994 - **A Imigração Espanhola no Brasil** - Editora Sumaré. São Paulo.

LOPES, 1994 - "*A Vitória do Futebol que Incorporou a Pelada*" in **Revista USP "Dossiê Futebol"**, 22, São Paulo.

LOVE, Joseph - 1982 - **A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira 1889-1937** - Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro.

LUCA, Tânia Regina de - 1988 - **O Mutualismo em São Paulo: O Sonho do Futuro Assegurado** - FFLCH/USP - Dissertação de Mestrado, Dep. de História. São Paulo.

LUIZETTO, Flávio - 1975 - **Os Constituintes em Face da Imigração. Estudo sobre o Preconceito e a Discriminação Racial e Étnica na Constituinte de 1934** - FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado, Dep. de História. São Paulo.

MANHÃES, Eduardo Dias - 1986 - **Política de Esportes no Brasil** - Graal, Rio de Janeiro.

MARTINS, José de Souza - 1973 - **A Imigração e a Crise do Brasil Agrário** - Editora Pioneira. São Paulo.

MARTINS, José de Souza - 1981 - "*Empresários e Trabalhadores de Origem Italiana no Desenvolvimento Industrial Brasileiro, Entre 1880 e 1914: O Caso de São Paulo*" in **Dados** 2:24. Rio de Janeiro.

MAZZONI, Thomaz - 1950 - **História do Futebol no Brasil** - Editora Leia. São Paulo.

MEIHY, J.C.S. e WITTER, J.S (org.) - 1982 - **Futebol e Cultura** - Secretaria Estadual de Educação e Cultura. São Paulo.

NEGREIROS, Plínio José L. de C. - 1992 - **Resistência e Rendição: A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916** - Dissertação de Mestrado, PUC-SP, Dep. de História, São Paulo.

PAPA, Antonio & PANICO, Guido - 1993 - **Storia Sociale del Calcio in Italia. Dai Club Dei Pioneri Alla Nazione Sportiva (1887-1945)** - Il Mulino, Bologna.

PINTO, Maria Inez M. B. - 1984 - **Cotidiano e Sobrevivência. A vida do trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo, 1890 a 1914** - Tese de Doutorado, FFLCH/USP, Dep. História, São Paulo.

PIORE, M. -1979 - **Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies** - Cambridge University Press. Cambridge.

PIORE, Michael J. & SABEL, Charles - 1984 - **The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity** - Basic Books, Inc., Publishers New York.

PRADO Jr., Caio - 1983 - **A Cidade de São Paulo. Geografia e História** - Coleção Tudo é História nº 78, Editora Brasiliense, São Paulo.

PROENÇA, Ivan C. - 1981 - **Futebol e Palavra** - Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Maria Therezinha Janine - 1985 - **Desejado e Temido. Preconceito contra o Imigrante Italiano na Primeira República** - FFLCH/USP. Dissertação de Mestrado, Dep. de História. São Paulo.

RIOS, José Arthur - 1958. "*Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil*", **Sociologia**, 20: 3 e 4, São Paulo.

RODRIGUES FILHO, Mário - 1947 - **O Negro no Futebol Brasileiro** - Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro .

ROSENFELD, Anatol - 1993 - **Negro, Macumba e Futebol** - Editora Perspectiva, São Paulo.

ROSOLI, Gianfausto (org) - 1987 - **Emigrazione Europee e Popolo Brasiliano** - Centro Studi Emigrazione, Roma.

SAKURAI, Célia - 1993 - **Romanceiro da Imigração Japonesa** - Editora Sumaré. São Paulo.

SANT'ANNA, Leopoldo - 1918 - **O Football em São Paulo** - Typographia Piratininga. São Paulo.

SANT'ANNA, Leopoldo - 1924 - **Veteranos e Campeões** - Typ. Idar. São Paulo.

SASSEN, S. - 1988 - **The Mobility of Labor and Capital. A Study in International Investment and Labor Flow** - Cambridge University Press.

SEVCENKO, Nicolau - 1992 - **Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20** - Companhia das Letras. São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau - 1994 - "*Futebol, Metrôpoles e Desatinos*" in **Revista USP "Dossiê Futebol"**, 22, São Paulo.

SEYFERTH, Giralda - 1994 - "*A Identidade Terto-Brasileira numa Perspectiva Histórica*" in MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira (org) - **Os Alemães no Sul do Brasil** - Editora da ULBRA, Canoas.

SFORZA, Carlo - 1943 - **Os Italianos como Realmente São** - Atlantica. Rio de Janeiro.

STOLCKE, Verena & HALL, Michael - 1984 - "*A Introdução do Trabalho Livre nas Fazendas de Café de São Paulo*" in **Revista Brasileira de História - À Lucta, Trabalhadores!** - Editora Marco Zero, São Paulo.

TILLY, Charles - 1990 - "*Transplanted Networks*" in YANS-McLAUGHLIM, Virginia - **Immigration Reconsidered. History, Sociology and Politics.** - Oxford University Press.

TOSCANO, Mario - 1980 - "*Il Fascismo e L'Estado Novo*" in DE FELICE, Renzo - **L'Emigrazione Italiana in Brasile (1880-1978)** - Fondazione Giovanni Agnelli, Torino.

TRENTO, Ângelo - 1988 - **Do Outro Lado do Atlântico** - Nobel/Instituto de Cultura de San Paolo/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. São Paulo.

**TRUZZI, Oswaldo - 1992 - De Mascates a Doutores: Sírios e Libaneses em São Paulo** - Editora Sumaré. São Paulo.

**TRUZZI, Oswaldo - 1990 - "Imigrantes Italianos no Interior de São Paulo"**, in **De Boni, Luis A.(org.) A Presença Italiana no Brasil, vol.II.**, Escola Superior de Teologia; Fondazione Giovanni Agnelli. Porto Alegre: Torino.

**VALERIO, Gianina - 1960 - "A Emigração Italiana para o Brasil (Notas e Observações)"** in **Revista de História** 40: Separata. São Paulo.

**VECOLI, Rudolph J. & SINKE, Suzanne - 1991 - A Century of European Migrations, 1830-1930** - University of Illinois Press, Urbana and Chicago.

**VIANNA, Oliveira - 1932 - Raça e Assimilação** - São Paulo.

**WATERS, Mary C. - 1990 - Ethnic Options: Choosing Identities in America** - University of California Press, Berkeley and Los Angeles , California.